



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS ATRIBUÍDAS AO
(SUB)ESPAÇO GEOGRÁFICO ESCOLA**

KINSEY SANTOS PINTO

ORIENTADOR: PROF.º DR. ANTONIO CARLOS CASTROGIOVANNI

Porto Alegre

2010

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS ATRIBUÍDAS AO
(SUB)ESPAÇO GEOGRÁFICO ESCOLA**

KINSEY SANTOS PINTO

Orientador: Prof.^o Dr. Antonio Carlos Castrogiovanni

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Ivaine Maria Tonini (POSGea/UFRGS)

Prof.^o Dr. Nelson Rego (POSGea/UFRGS)

Prof.^a Dr.^a Roselane Zordan Costella (Geografia/PUCRS)

Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Geografia, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como um dos requisitos para obtenção de título de Mestre em Geografia.

PORTO ALEGRE, OUTUBRO DE 2010.

P659 Pinto, Kinsey Santos
Representações sociais atribuídas ao
(sub)espaço geográfico escola. / Kinsey Santos
Pinto. – Porto Alegre : UFRGS/PPGEA, 2010.
117 f. il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do
Rio Grande do Sul. Instituto de Geociências.
Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto
Alegre, RS - BR, 2010.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos

Castrogiovanni

1. Geografia. 2. Complexidade. 3.
Representações Sociais. 4. (Sub)espaço Geográfico
Escola. 5. Sujeitos. I. Título.

CDU 911.3

Catálogo na Publicação
Biblioteca do Instituto de Geociências - UFRGS
Renata Cristina Grun CRB 10/1113

AGRADECIMENTOS

Registro aqui meu agradecimento a todos os Sujeitos que me auxiliaram de (in)certa forma na costura desse trabalho, e também a todos que me auxiliam neste trabalho (prazeroso) que é a vida.

Ao amigo-colega-orientador-professor Antonio Carlos Castrogiovanni, pelo apoio, sabedoria, incentivo, colaboração e compreensão em todos os momentos; mesmo atarefado sempre teve disposição para sanar as minhas inquietações durante o trabalho e iluminar os meus caminhos. Também por todas as contribuições para minha formação pessoal e profissional.

À Professora Roselane Costella, por ter provocado e despertado o interesse pelo Ensino de Geografia em mim.

À UFRGS e ao POSGea pela oportunidade oferecida de realizar o curso de mestrado.

Aos meus amigos e colegas da vida e/de Geografia, que além do apoio, oportunizaram momentos de descontração, discussão e reflexão, em especial os amigos fiz na PUCRS João Guilherme, Cristiano, Maycon, Karen, Tiago e Renan. Também aos colegas de orientação que estiveram comigo nesta jornada: Maurício e Renato.

À minha família por todo apoio, especialmente aos meus tios que são meus professores da vida, as minhas avós que pela mesma proteção e dedicação em todos os estágios do meu desenvolvimento.

E claro, à minha mãe Maristela, por Tudo.

Muito Obrigado! Pelas ações, reações, motivações, desconfortos e crescimento!

“Una estrellita de nada en la periferia
de una galaxia menor.
Una, entre tantos millones y un grano
de polvo girando a su alrededor.
No dejaremos huella, sólo polvo de
estrellas”.

Jorge Drexler

RESUMO

O presente trabalho apresenta a compreensão do espaço escolar como um subespaço que faz parte do *todo* – uma possibilidade de leitura do *Espaço Geográfico* –. O tema para esta pesquisa é o Espaço Escolar. A partir de uma metalinguagem da Geografia parece ser possível entendermos a escola como um recorte espacial, aqui traduzido como um (Sub)espaço Geográfico Escola. Construindo esse conceito, identificamos as categorias e os conceitos operacionais que contribuem para a análise interna do (Sub)espaço Geográfico Escola, levando, à reflexão e à compreensão da instituição escola. Como objeto desta proposta de pesquisa temos as Representações Sociais que são atribuídas ao (Sub)espaço Geográfico Escola – relações estabelecidas entre os Sujeitos escolares e espaço escolar. Enquanto problema de pesquisa procuramos compreender como é representado esse recorte espacial pelos Sujeitos escolares na e sobre a escola. Quais são as possíveis relações estabelecidas temporariamente na escola a partir dessa representação. Durante esta caminhada de constantes idas e vindas pela Geografia buscaremos nossos objetivos, não simplesmente mirando uma determinada etapa do estudo, mas no produto aberto do esforço da recursividade desta pesquisa. Enquanto objetivo geral levamos nossa reflexão à compreensão das relações de identidade que os Sujeitos constroem temporariamente com o (Sub)espaço Geográfico Escola com o apoio da ciência geográfica. A metodologia está alicerçada em entrevistas em profundidade com os Sujeitos escolares, na análise de materiais didáticos trabalhados por Sujeitos professores, na análise comportamental do espaço a partir de fronteira subjetiva (entre Sujeitos) e a fronteira territorial, observação do cotidiano no espaço escolar e revisão bibliográfica sob amparo do Paradigma da Complexidade. Entendemos que nesta leitura, da escola como um recorte espacial, seja possível aplicar sobre esse, os mais variados conceitos operacionais do Espaço Geográfico. E, parece ser no lugar, como um sentimento de pertencimento, que localizamos a identidade, categoria mais próxima do Sujeito no complexo objeto de estudo da Geografia. Assim, sendo, reflete nesse subespaço a identidade da sociedade de hoje, e configuram-se no cotidiano escolar as tensões deste, que se trata também, de um espaço social. Na (re)construção os conceitos de lugar, não-lugar e “*entre-lugar*” na complexidade do (Sub)espaço Geográfico Escola, adiantam-se as inquietações: cumpre a escola e a seu real papel enquanto instituição de ensino? De quê papel devemos referir na atualidade? Que leituras fazem os Sujeitos e atores sociais sobre esse subespaço? Como utilizar as próprias categorias que a Geografia nos oferece para entendermos o espaço geográfico na compreensão do (Sub)espaço geográfico escola? Parece-nos um desafio e ao mesmo tempo uma sabedoria que deve advir do conhecimento geográfico!

Palavras-chave: Complexidade; Representação Social; (Sub)espaço Geográfico Escola; Sujeitos.

RESUMEN

Este artículo presenta la comprensión del espacio escolar como un subespacio que es parte de *todo* - una posibilidad de leer el espacio geográfico -. El tema de esta investigación es la Escuela. En una (re)lectura de La Geografía parece ser posible comprender la escuela como una porción de espacio, aquí traducido como un (Sub)espacio Geográfico Escolar. Construido este concepto, se identificaron las categorías y conceptos operativos que contribuyen al análisis interno del espacio de escuela, lo que lleva a la reflexión y la comprensión de La institución. A medida que el objeto de esta propuesta de investigación que han las Representaciones Sociales que se asignan a los (Sub)espacio Geográfico Escolara - relaciones que se establecen entre la escuela y los Sujetos escolares. Mientras problema de investigación que tratan de entender cómo está representado por la porción del espacio en los Sujetos escolares y la escuela. ¿Cuáles son las posibles relaciones estableció temporalmente en la escuela de esa representación. Durante esta jornada de constantes idas y venidas por la Geografía buscar nuestros objetivos, no sólo dirigidas a una etapa específica del estudio, pero en el producto abierto de este esfuerzo de investigación de la recursividad. Aunque por lo general tratan de reflejar nuestra comprensión de las relaciones de los sujetos de identidad temporalmente construir el (Sub)Espacio Geográfico Escolar con el apoyo de la ciencia geográfica. La metodología se basa en entrevistas con los Sujetos escolares, el análisis de materiales didácticos para los maestros de asuntos trabajado en el análisis del comportamiento del espacio basada en el límite subjetivo (entre sujetos) y la frontera territorial, la observación de la vida diaria en la revisión de la escuela y la literatura en apoyo del Paradigma de la Complejidad. Creemos que esta lectura, la escuela como un ámbito espacial, se puede aplicar en este, los conceptos operacionales más variadas de espacio geográfico. Y parece estar en su lugar, un sentido de pertenencia, que busque la identidad, más cercano a la categoría de sujeto en el objeto complejo de estudio de la Geografía. Así, se refleja el subespacio identidad de la sociedad actual, y se configuran en la vida escolar esta tensión, también es un espacio social. (Re)construcción de los conceptos de lugar y no-lugar "entre-lugar" en la complejidad de los (Sub)espacio Geográfico Escolar, el avance de las preocupaciones: la escuela y se encuentra con su verdadero papel como una institución educativa? Por el papel que cabe destacar en las noticias? ¿Qué materias de las lecturas y los actores sociales en este subespacio? Usando las mismas categorías que la geografía nos da a entender el espacio geográfico en la comprensión de la (sub) escuela de la zona geográfica? Nos parece un reto y al mismo tiempo, una sabiduría que debe provenir de los conocimientos geográficos!

Palabras clave: Complejidad, Representación Social, (Sub)espacio Geográfico Escolar; Sujetos.

SUMÁRIO

1 O FIO DA MEADA	9
2 APETRECHOS DE COSTURA	12
2.1 Complexidade como Método: a (in)segurança que assegura (e “(des)assegura”...)	13
2.2 A Pesquisa Qualitativa	18
2.3 As Entrevistas	20
3 AGULHA E LINHA: A GEOGRAFIA E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	21
4 CORTE E COSTURA	27
4.1 O Espaço pela Escola: Um Conjunto Indissociável... ..	27
4.2 (Sub)categorias do Espaço Geográfico.....	32
4.3 A Fronteira, o terceiro espaço	34
5 O TECIDO	36
5.1 Por que ler, neste momento, a escola como um (sub)espaço?	36
5.2 Sujeitos, funções escolares.....	39
5.4 O Tecido Escolar a Participação Complexa da Geografia	46
6 PESQUISANDO, LUGARIZANDO E COSTURANDO	51
6.1 Contextualização dos espaços e (sub)espaços geográficos	51
6.2 Objetivos e pesquis(ação).....	54
7 CERZINDO AS CATEGORIAS ESCOLA – GEOGRAFIA – REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO MESMO TECIDO: (Sub)espaço Geográfico Escola	70
8 CONSIDERAÇÕES PARA AUSPICIOSAS REFLEX(AÇÕES)	77
9 NOSSOS MOLDES DE COSTURA – REFERÊNCIAS	81

1 O FIO DA MEADA

É *Complexus!* *Tecer(mos) juntos* considerações sobre a educação; não parece ser um trabalho simples. A complexidade de parte de seus componentes – sociais, políticos, econômicos, e culturais– faz-nos refletir o quanto temos que ter cuidado para não construirmos parâmetros educacionais na busca de uma flexibilidade da compreensão do todo. Partes, da mesma maneira, não compreendidas sem o diálogo, sem a costura com o todo. O Espaço Geográfico.

A dinâmica complexa da educação que há de ser considerada de forma intrínseca, porque a costura das partes promove, no cotidiano de sua (inter)relação, diferentes todos (totalidades) em todos os anos, meses e dias. Fato este, compositor de um pensamento flexível por parte do Sujeito professor diante de seus Sujeitos alunos em seus fazeres escolares.

Complexidade que se dá no tempo, porque é uma construção humana cotidiana, contínua e cumulativa; e no espaço, porque é uma construção humana limitadora de novas espacialidades em suas variadas categorias geográficas.

Pensamento este formal, apartado da instituição escola e recheado de idioletos – o tratamento dado a valores no imaginário de um único Sujeito – e socioletos – um conjunto de configurações de valores estabelecido pelo uso compartilhado entre os indivíduos de uma comunidade – (BARTHES, 1990), bem como, as suas Representações Sociais. Elaboraremos nossa reflexão sobre a importância de se pensar a Geografia para realizarmos e idealizarmos uma (Nova) Geografia (escolar) mais dinâmica, viva, próxima do Sujeito aluno e do próprio Sujeito professor. Uma Geografia dotada de sensível geograficidade¹, porque é reveladora da importância do espaço vivido em seu âmbito objetivo, subjetivo ou mesmo interpretativo e criativo.

Para nós a escola de hoje abstém, em parte, de ser apenas um local para o exercício da aprendizagem responsável pela formação dos Sujeitos². As relações que são estabelecidas entre os Sujeitos que compõe esse espaço parecem tomar

¹ A geograficidade, enquanto essência define a relação do ser-no-mundo, também pode ser “definida como uma “geografia vivida” a partir da exploração do mundo e das ligações de cada homem com sua terra natal” (HOLZER, 2003, p.114)

² Adotamos a categoria Sujeito a partir da abordagem *moriniana* (MORIN, 1996).

parcialmente essa função, colocando as relações dos processos de ensino-aprendizagem³ em outro plano.

Assim temos uma inquietude inicial: Como os Sujeitos que compõe o Espaço Geográfico leem este (Sub)espaço Escola? A partir dessa leitura e da interação, que os Sujeitos estabelecem nesse espaço, *parece ser*⁴ possível incorporar em uma análise das categorias do Espaço Geográfico apontando como a identidade escolar se faz, ou não, presente. Qual é a Representação Social que hoje é atribuída ao (Sub)espaço Geográfico Escola? A partir desse estudo, pretendemos apresentar, ainda que temporariamente, a relação-representação da sociedade com esse subespaço, refletindo sobre o Ensino e o papel que a ciência Geográfica tem exercido enquanto disciplina escolar.

Na tentativa de uma “colagem” para o conceito de um (Sub)espaço Geográfico Escola⁵, entendemos *neste momento* que, primeiramente, se faça necessária a compreensão do Espaço Geográfico. O espaço nos parece ser, neste momento, o resultado da ação e objeto articulados, potência e ato dialeticamente integrados num sistema. E o (Sub)espaço Geográfico Escola enquanto parte do Espaço Geográfico se apresenta como resultado temporal e provisório da ação e objeto articulados, ou não.

Ao procurarmos compreender, mesmo *provisoriamente*, o espaço escola como um subespaço do Espaço Geográfico que é constituído por esse “*conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações constantemente tensionados entre si*” (SANTOS, p.38, 1996), acreditamos ler um espaço imediato⁶ de análise capaz de representar as tensões do mundo, e, que, ao mesmo tempo assume uma individualidade quase que impossível de ser compreendida isoladamente. Logo, (re)conhecendo nosso espaço, acreditamos neste período

³Conjunto de ações e estratégias que o Sujeito/educando, considerado individual ou coletivamente, realiza, contando para tal, com a gestão facilitadora e orientadora do professor, para atingir os objetivos propostos pelo plano e formação (CATAPAN, 1996).

⁴Expressões como “*parece ser*”, “*neste momento*”, “*provisoriamente*” entre outras que estão presentes com frequência no texto representam a marca da Complexidade moriniana presente na elaboração e desenvolvimento deste. Pensando que as verdades parecem ser provisórias e as dúvidas parecem ser eternas.

⁵O termo (sub)espaço aqui não está condicionado à uma submissão do espaço, pelo contrário, refere-se à um determinado recorte, ou ainda, à uma limitação escalar.

⁶Referimos-nos que, para nós (professores de Geografia), a compreensão do Espaço Geográfico inserido/costurado ao Espaço Escolar deveria ser clara e direta. Imediato, no sentido de professores reflexivos sobre as dinâmicas do espaço e do ensino.

que seja possível elaborar práticas mais flexíveis e de acordo com nossas necessidades, seja para o ensino hoje, seja para o ensino de Geografia de hoje.

Apresentamos nosso trabalho como uma desafiante e quiçá possível costura. No primeiro momento viemos analisar nossas ferramentas de trabalho, quais são nossos *Apetrechos de Costura* na tentativa de alinhar cada ponto necessário neste tecido. Tratamos do método com o qual nos propomos a trabalhar – o paradigma da complexidade de MORIN (2003) – que simultaneamente nos acolhe diante da imensidão do todo, e, nos abandona atribuindo-nos a missão de tecermos juntos parte a parte, continuamente e recursivamente desse emaranhado que constitui o tecido do espaço escola. Entre os apetrechos, encontramos também outras ferramentas como a linha de pesquisa adotada – pesquisa qualitativa - busca entender um fenômeno específico em profundidade, lançando mão de estatísticas, regras e outras generalizações, esse tipo de pesquisa trabalha com descrições, comparações e interpretações e com entrevistas – em profundidade de Flick (2004) –, dando dinâmica ao nosso trabalho, também a partir do relato de lembranças.

Parece ser fundamental para iniciarmos qualquer costura termos: *Agulha e Linha!* Aqui propomo-nos a identificar quem ditará as ações de nosso trabalho: A Agulha – a Ciência geográfica acompanhada de suas categorias / conceitos operacionais. E, a Linha – as Representações Sociais – contribuição da Psicologia Social que transpassa dinamicamente nosso tecido.

No terceiro capítulo do trabalho passamos a apresentar nosso Corte e Costura. As principais categorias⁷ que envolvem nosso trabalho como os cortes e a necessidade de costurá-los num mesmo tecido, tais categorias como: o Espaço Geográfico e seus subespaços, as fronteiras e o ensino de Geografia.

O quarto capítulo abordará a necessidade do (re)pensar e do refletir sobre/no Espaço Geográfico, apresenta O Tecido. A necessidade de lê-lo como um espaço, um palco de Geografia(s), onde quem protagoniza são os Sujeitos escolares com suas funções escolares.

O sexto capítulo parece ser capaz de arrematar nossas costuras *Lugarizando, Pesquisando e Costurando* nossos principais objetivos de pesquisa.

⁷Embora saibamos que a Complexidade não possui categorias, e sim princípios e conceitos para análise, pontuamos como *categoria* a fim de facilitar a compreensão do Sujeito leitor menos inserido neste método.

No encerramento deste, sem de fato encerrar, nos propomos a realizar algumas considerações para que possamos (re)pensar as nossas práticas, e da mesma maneira que tecemos, possamos ter mais alfinetes, linhas e agulhas para tecermos mais.

2 APETRECHOS DE COSTURA

O tema para esta pesquisa é o Espaço Escolar. A Escola como um (Sub)espaço de um Espaço Geográfico e as suas representações.

Como objeto desta proposta de pesquisa temos: As Representações Sociais que são atribuídas ao (Sub)espaço Geográfico Escola – relações estabelecidas entre os Sujeitos escolares e o espaço escolar.

Enquanto problema de pesquisa temos a seguinte inquietude: Como pode ser representado o (Sub)espaço Geográfico Escola pelos Sujeitos escolares na e sobre a escola? E quais são as possíveis relações estabelecidas temporariamente na escola a partir dessa representação?

Durante esta caminhada de constantes idas e vindas pela Geografia buscaremos temporariamente dar conta dos nossos objetivos, não simplesmente mirando uma determinada etapa do estudo, mas no produto aberto do esforço da recursividade desta pesquisa.

Enquanto objetivo geral buscaremos compreender provisoriamente as relações de identidade que os Sujeitos constroem com o (Sub)espaço Geográfico Escola através da ciência geográfica.

Para nos aproximarmos do objetivo geral temos como inquietação: a busca pela compreensão das relações de identidade que os Sujeitos constroem temporariamente com o (Sub)espaço Geográfico Escola com o apoio da ciência geográfica.

Para alcançarmos o objetivo principal tecemos os seguintes objetivos específicos:

INTERPRETAR o espaço escolar como um recorte / arranjo do Espaço Geográfico.

VERIFICAR as possíveis relações de pertencimento ou não que os Sujeitos estabelecem com esse (sub)espaço.

ANALISAR se os Sujeitos professores entendem esse (sub)espaço como Espaço Geográfico, ou não.

EXAMINAR se a proposta de ensino de Geografia contribui para a construção de *lugarizações* do Sujeito aluno (Ensino Fundamental e Médio), segundo os textos didáticos, ou não.

2.1 Complexidade como Método: a (in)segurança que assegura (e “(des)assegura”...) * *

Parece-nos claro que o objeto de estudo da ciência geográfica é o Espaço Geográfico, e que esse é fragmentado e articulado, aberto a múltiplas conexões que se expressam através de diferentes conceitos e categorias. E ao pensarmos desta maneira, neste momento, podemos identificar na epistemologia da Geografia um emaranhado de linhas que se encontram em diversos e distintos pontos, ou melhor, em conceitos operacionais geográficos. Essas linhas são fontes de comunicação sobre esses conceitos que podem se cruzarem sobrepondo-se, ou sobpondo-se ou não.

Essa teia que parece se condicionar agora diante de nosso pensamento, pode ou não traduzir uma dinamicidade e uma comunicabilidade constantes e presentes no complexo Espaço Geográfico. MORIN (2000, p.36) contribui sinalizando que:

O conhecimento pertinente deve enfrentar a complexidade. Complexus significa o que foi tecido junto; de fato, há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico), e há um tecido interdependente, interativo e (inter)retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si. Por isso, a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade. Os desenvolvimentos próprios a nossa era planetária nos confrontam cada vez mais e de maneira cada vez mais inelutável com os desafios da complexidade.

As transformações presenciadas em todas as esferas da humanidade, no nível mundial que ocorreram no último século refletiram na urgência de repensar o conhecimento e todo o processo que leva a este. Nesse contexto, o conceito da

“complexidade” – *complexus* (tecer junto) – proposto por MORIN (2000) vem questionar a especialização e a fragmentação de saberes, fomentados com o avanço tecnológico. Nessa complexidade há a convivência da ordem, desordem e organização, sem que uma anule a existência da outra.

Mas por que o paradigma da complexidade como organizador, como método da pesquisa, se iremos abordar um recorte espacial?

O paradigma desempenha um papel ao mesmo tempo subterrâneo e soberano em qualquer teoria, doutrina ou ideologia [...] O paradigma é inconsciente, mas irriga o pensamento consciente, controla-o e, neste sentido, é também supraconsciente. Em resumo, o paradigma instaura relações primordiais que constituem axiomas, determina conceitos, comanda discursos e/ou teorias. Organiza a organização deles e gera a geração ou a regeneração [...] (MORIN, 2000, p.26).

Para nós decodificarmos o Espaço Geográfico parece ser uma tarefa não muito fácil, ao passo que, para estudá-lo e quiçá proferir algumas temporárias conclusões se faz necessário checar os seus recantos e analisá-los cientes que pertencem à um determinado contexto. Parece ser assim que aproximamos da ciência geográfica o Paradigma da Complexidade. Não somente como uma ferramenta de auxílio à pesquis(ação) assim como as demais categorias que tangem e penetram o desenvolvimento desse trabalho. Também lidamos nesta tessitura com o pensamento fixado ao arcabouço de estudo, orientando os rumos e administrando os conhecimentos a serem transformados em sabedoria, ou não, ao longo desta pesquisa.

A complexidade, pode ser compreendida, pela representação de elementos diferentes inseparáveis constitutivos do todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, e o mitológico), e, também, como uma rede interdependente entre o objeto de conhecimento e seu contexto – as partes e o todo, o todo e as partes e as partes em si –.

Diante das diversas/adversas (re)formulações de pensamentos e descobertas científicas, MORIN (2003) apresenta sete principais princípios-guias⁸ que nos encaminha para a construção de uma análise complexa, que se complementam e se relacionam:

1º Princípio sistêmico ou organizacional: associa o conhecimento das partes ao conhecimento do todo, sendo que o todo é igualmente maior e menor

⁸ Os princípios são apresentados não de forma de importância, mas por conveniência explicativa textual.

que a soma das partes; No Espaço Escolar podemos associar esse princípio às relações que se dão em cada setor escolar e no reconhecimento de um conjunto que a caracteriza como um (Sub)espaço pertencente ao Espaço Geográfico;

2º Princípio hologramático: o qual demonstra que a parte está no todo, como o todo está na parte, ressaltando que cada parte possui sua singularidade e sua individualidade, além de conter o todo. Por exemplo, as células do corpo humano que possuem a informação genética do corpo, mas não é em si o corpo, ou ainda, cada um dos variados componentes de estudo da ciência geográfica (relevo, população, clima, cultura, vegetação, economia e etc.) que se não contextualizados não traduzem a Geografia;

3º Princípio do anel retroativo: aceita o reconhecimento dos processos autorreguladores, rompe com o princípio da causalidade linear, no qual a causa. Age sobre o efeito e o efeito sobre a causa. No Espaço Escolar e Geográfico trata-se das possíveis reflexões constantes a se fazer sobre as ações que organizam, dinamizam e otimizam as atividades sobre o recorte espacial;

4º Princípio do anel recursivo: refere-se ao circuito gerador, em que os produtos e os efeitos são causadores e produtores do que se produz. Como exemplo, o ciclo da reprodução, que produz seres vivos que reproduzem o ciclo de vida da reprodução, ou também, da reprodução de paisagens no Espaço Geográfico. Para SANTOS (1996), a compreensão da paisagem parece ser apreensão do visível e não se forma apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc. É o conjunto de objetos que nosso corpo alcança, identifica e interage de uma maneira que flexibilize, ou não, as ações sobre os recortes espaciais, a partir da sua constante transformação a paisagem (re)cria-se a todo momento;

5º Princípio de auto-eco-organização: demonstra não existir uma ordem determinista no interior do ecossistema. Indica uma circularidade presente no interior de um sistema biológico, onde as partes encontram rigorosamente interconectadas e mutuamente interdependentes, buscando a manutenção de sua integridade constitucional e configuração. Na Geografia, encontramos como exemplo da auto-eco-organização a formação e funcionamento das Redes em

que os nós (recortes espaciais) comunicando-se por meio de linhas de transmissão. Assim, Revelam uma complexa teia: o Espaço Geográfico;

6º Princípio dialógico significa o encontro e a (inter)relação de, pelo menos duas palavras ou duas lógicas. Através desse princípio é possível pôr em relação termos separados e autônomos. Encontramos nas relações entre Sujeitos Alunos e Sujeitos Professores, uma necessidade de ativarmos esse princípio no (Sub)espaço Geográfico Escola, porque pensamos que é através das trocas entre os Sujeitos que podemos atuar objetivamente no que diz respeito ao ensino e ao ensino de Geografia;

7º Princípio da reintrodução do conhecimento em todo conhecimento, ou seja, todo o conhecimento é uma reconstrução de um conhecimento prévio.

Ao estabelecer o princípio sistêmico, MORIN (2003) coloca que “o todo é maior e menor que a soma das partes”. Ao unirmos os vários saberes fragmentados (partes), há a formação de um todo com características inesperadas e novas em relação ao conhecimento que o originou.

São as variáveis que lançam propriedades novas tanto às partes como também ao todo. O princípio hologramático vem evidenciar a dicotomia do princípio anterior. Apesar do todo apresentar novidades em relação às características presentes nas partes e vice-versa, uma coexiste na outra. O Sujeito é parte constituinte da sociedade e é por ela constituído. Há um dinamismo claro nesse princípio: o Sujeito age no meio social, influencia, constrói e é por ele influenciado, recebendo o resultado de suas ações. Permeando esse preceito, o princípio do ciclo retroativo coloca que a causa age sobre o efeito e este sobre a causa. O círculo recursivo mostra que os produtos originam aquilo que produz. Vejamos o Sujeito, que é resultado de um sistema de reprodução, por este mesmo praticado e perpetuado, se recriando na troca com os demais elementos da natureza, numa auto-eco-organização. A dialógica vem associar ideias e noções conflitantes e/ou antagônicas. Na reintrodução do conhecimento em todo conhecimento, este é percebido pelo Sujeito sob influência cultural-temporal.

A partir do estudo sobre a historicidade do pensamento geográfico, parecemos encontrar na Geografia e em suas categorias, a visualização das paisagens organizadas sobre o mote dos arranjos espaciais (conjunto da

distribuição das localizações) – fundamental na organização geográfica dos fenômenos para os clássicos –, as leituras sobre a paisagem iniciam-se pela construção cartográfica do próprio arranjo e seus componentes; o arranjo é o suporte da configuração e revela-se pela paisagem e a paisagem identifica a natureza do *habitat*.

Com o estudo dos clássicos aprende-se o que é de fato a Geografia – estudo entre a relação sociedade-natureza e a relação sociedade-espço. Nessa interação o fenômeno ora se metaboliza numa, ora noutra forma, tomando essa dialética de transfiguração como seu eixo de movimento geográfico – espacialidade diferencial –.

Essa espacialidade diferencial pode ser / é vista como uma multiplicidade de representações espaciais de dimensões muito diversas, que correspondem a toda uma série de práticas e de ideias voltadas ao raciocínio espacial.

Entretanto, seria importante reconhecer a extrema dificuldade de apreensão do espaço, devido justamente à complexidade imposta cada vez mais pelas diversas relações contidas na contemporaneidade. Daí a importância e a função do profissional de geografia em clarificar a visibilidade dessa complexidade do Espaço Geográfico.

Para MORIN (2003), a complexidade se faz presente quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, e o mitológico), e, também, quando há um tecido interdependente entre o objeto de conhecimento e seu contexto – as partes e o todo, o todo e as partes e as partes em si –. Assim, a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade.

O pensamento complexo é, portanto, essencialmente, o pensamento que lida com a incerteza e que é capaz de conceber a organização. Trata-se de um pensamento capaz de reunir, contextualizar, globalizar, mas ao mesmo tempo de reconhecer o singular, o individual, o concreto” (MORIN, 2003, p. 77).

Diante da complexidade parece não ser possível abarcar o todo num único estudo, uma pesquisa de uma teoria geral – que nada mais é que uma especialização, uma negação da inteligência geral – para a sua compreensão (é '*pensar pequeno*'), é importante estar aberto para as mais diversas leituras e

interpretações, e, assim, julga-se a concepção que melhor adapta-se para uma acomodação momentânea.

Ao pesquisar um (*sub*)espaço, pensamos neste momento ser necessário enquadrar as categorias do Espaço Geográfico no próprio subespaço, ou seja, submeter a análise dos principais recortes (região, rede, escala, lugar, etc.). Os conceitos e as categorias⁹ que alicerçam o Espaço Geográfico, não são sinônimos, assim, não se anulam, é importante fazer as diferentes leituras necessárias de acordo com o que o objeto de estudo requisita leituras não-excludentes, considerando as opções de abordagem, os objetivos, problemáticas e metas.

Entendemos que por ser o Espaço Geográfico o objeto de estudo (da Geografia), encontra-se no (sub)Espaço Geográfico uma metalinguagem e uma maior gama de categorias para avaliar determinados recortes espaciais

2.2 A Pesquisa Qualitativa

A pesquisa qualitativa é em si mesma, um campo de investigação. Ela atravessa disciplinas, campos e temas. Em torno de termo *pesquisa qualitativa*, encontramos uma família interligada e complexa de termos, conceitos e suposições. Existem literaturas independentes e detalhadas sobre o grande número de métodos e de abordagens classificados como pesquisa qualitativa, tais como o estudo de caso, a política e a ética, a investigação participativa, a entrevista, a observação participante, os métodos visuais e análise interpretativa.

Para DENZIN & LINCOLN (2006), a pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para o mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam aas

⁹ Diferenciamos aqui as categorias como gradações de classe do Espaço Geográfico, e os conceitos como definições chave de cada categoria.

coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas as conferem.

O pesquisador qualitativo que emprega a montagem é como um confeccionador de colchas. Esse confeccionador costura, edita e reúne pedaços da realidade, um processo que gera e traz uma unidade psicológica e emocional para uma experiência interpretativa.

Conforme DENZIN & LINCOLN (2006), o foco da pesquisa qualitativa possui inerentemente uma multiplicidade de métodos. No entanto, o uso de múltiplos métodos reflete uma tentativa de assegurar uma compreensão em profundidade do fenômeno em questão. A realidade objetiva parece não poder ser captada. Podemos conhecer algo apenas por meio de suas representações. A melhor maneira de compreendermos a combinação de uma multiplicidade de práticas metodológicas, materiais empíricos, perspectivas e observadores em um único estudo é como uma estratégia que acrescenta rigor, fôlego, complexidade, riqueza e profundidade a qualquer investigação.

Pensamos será a pesquisa qualitativa é também um campo interdisciplinar, transdisciplinar e, às vezes, contradisciplinar, que se atravessam as humanidades, as ciências sociais e as ciências físicas. Ela tem um foco multiparadigmático. Seus praticantes são suscetíveis ao valor da abordagem de múltiplos métodos, tendo um compromisso com a perspectiva naturalista e a compreensão interpretativa da experiência humana. Ao mesmo tempo, trata-se de um campo inerentemente político e influenciado por múltiplas posturas éticas e políticas. A pesquisa qualitativa adota duas tensões ao mesmo tempo. Por um lado, é atraída a uma sensibilidade geral, interpretativa, pós-experimental, pós-moderna e crítica. Por outro lado, é atraída a concepções de experiências humana e de sua análise mais restritas à definição positivista, pós-positivista, humanista e naturalista. Além disso, essas tensões podem ser combinadas no mesmo projeto, com a aplicação tanto das perspectivas crítica e humanista.

Essa afirmação um tanto complexa significa que a pesquisa qualitativa, enquanto conjunto de práticas envolve, dentro de sua multiplicidade de histórias disciplinares, tensões e contradições constantes em todo o projeto propriamente dito, incluindo seus métodos e as formas que suas descobertas e suas interpretações assumem.

2.3 As Entrevistas

Para conhecermos o que Representações Sociais o Sujeito atribui ao (Sub)espaço Geográfico Escola optamos pela técnica da entrevista em profundidade. A entrevista individual em profundidade é uma ‘técnica qualitativa que explora um tema a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada’. Esse tipo de técnica permite identificar diferentes maneiras de perceber e descrever os fenômenos. Assim, é através da experiência subjetiva de uma fonte que a entrevista fornecerá informações sobre uma realidade qualquer a ser apreendida e, num passo seguinte, descrita. Para Duarte (2005):

A entrevista em profundidade é uma técnica dinâmica e flexível, útil para apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para a descrição de processos complexos nos quais está ou se esteve envolvidos. (...) São próximas no objetivo de buscar informações pessoais e diretas por meio de uma conversação orientada, no cuidado, rigor e objetivo de compreensão e na noção de que há, explicitamente, um participante interessado em apreender o que o outro tem para oferecer sobre o assunto. (p.64).

Geralmente individuais as entrevistas em profundidade são caracterizadas como abertas, semiabertas e fechadas. Procuraremos trabalhar com entrevistas semiabertas, em função de seu roteiro orientado e sua flexibilidade, durante as explorações a serem realizadas nas entrevistas.

Juntamente a técnica da entrevista individual em profundidade, exploramos também a técnica da entrevista episódica. Trata-se da suposição de que as experiências que um Sujeito adquire esteja na memória nas formas de conhecimento narrativo-episódico e semântico. O conhecimento episódico possui uma estrutura que se aproxima das experiências, estando relacionado a situações de concretas. A situação em seu contexto representa a unidade principal em torno do conhecimento organizado. Segundo Flick (2004):

As entrevistas episódicas buscam explorar as vantagens tanto da entrevista narrativa quanto da entrevista semi-estruturada. Aproveitam a competência do entrevistado para apresentar experiências, dentro do curso e do contexto destas, com narrativas. (p.121).

Como todos os tipos de entrevista, a episódica apresenta limitações. A sua aplicação é limitada a análise do conhecimento cotidiano de determinados objetos da própria história dos próprios entrevistados com estes.

Há também um ajuste de encaminhamento das entrevistas episódicas dentro de uma pesquis(ação). Os estudos que utilizam a entrevista episódica como reflexo da construção social da realidade durante apresentação das vivências pelos Sujeitos. O método – Paradigma da Complexidade – foi elaborado como uma abordagem para as Representações Sociais. Por esta razão, as questões de pesquisa, até ao momento, têm se concentrado em diferenças específicas de grupo de experiências e no conhecimento do cotidiano.

A análise das formações da pesquisa, tanto nas entrevistas, como, na análise dos planos de ensino e dos materiais didáticos utilizados pelos Sujeitos professores nos recortes espaciais de estudo, realizamos a partir da redução dos dados com o processo contínuo de seleção, simplificação, abstração e transformação dos dados originais provenientes das observações de campo; na organização dos dados de tal forma que seja possível atribuir decisões e tirar conclusões a partir dos textos; e por concluir momentaneamente a pesquisa a identificação de padrões, possíveis explicações, configurações e fluxos de causa e efeito, seguida de verificação, retornando às anotações de campo e ao referencial teórico.

3 AGULHA E LINHA: A GEOGRAFIA E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Dentro da área da Psicologia Social, a Teoria das Representações Sociais, elaborada por Serge Moscovici em 1961, aborda o conhecimento prático e das teorias do senso comum, que são percebidas, vivenciadas, formuladas e transformadas pelos Sujeitos, de modo a compreender mesmo provisoriamente os contextos sociais e ideológicos da realidade social. Acreditamos que talvez coubesse a Geografia, ciência encarregada pelo estudo de (inter)(pluri)rel(ações) do espaço escolar e do Sujeito e vice-versa, compreenderem também, assim

como a Psicologia, os contextos sociais, uma vez que, eles se dão sobre um determinado tempo e espaço, e esse espaço, é geográfico. Assim, pensamos que a Teoria das Representações Sociais seja mais uma ferramenta de grande utilidade para a Geografia na reflexão do espaço.

As Representações Sociais parecem ser aspectos do conhecimento prático orientadas para a comunicação e para compreensão do contexto social material, ideológico em que vivemos. São formas de conhecimento que se manifestam como elementos cognitivos (imagens, conceitos, categorias, teorias), mas que não se reduzem apenas aos conhecimentos cognitivos. Sendo socialmente elaboradas e compartilhadas, contribuem para a construção de uma realidade comum, possibilitando a comunicação entre os Sujeitos.

Os Sujeitos (re)constroem, a partir de suas interações com o Espaço Geográfico, um constante Espaço Geográfico renovado de valores renováveis, ou seja, os Sujeitos refazem o Espaço Geográfico periodicamente em função de seus signos, significados e significantes que parecem ser mutáveis através do tempo e das experiências vivenciadas-assimiladas-acomodadas, constituída numa complexidade. Logo, ao apontar as Relações Sociais atribuídas pelos Sujeitos escolares sobre o espaço escolar, tende a nos obrigar ao registro de um recorte também sobre o período em que são feitas essas observações.

Parece-nos importante que ao findar as entrevistas obtenhamos algum produto sobre as Representações Sociais atribuídas ao (Sub)espaço Geográfico Escola para que possamos responder parte do nosso problema de pesquisa - Como é representado o complexo (Sub)espaço Geográfico Escola pelos Sujeitos escolares na e sobre a escola? Quais são as possíveis relações estabelecidas temporariamente na escola a partir dessa representação? -. Neste momento cabe uma questão: Como adquirir um “produto temporário” de uma pesquisa qualitativa?

Por tratar-se de um produto – resultado final ou parcial de uma operação de multiplicação –, teremos nesse caso, os Sujeitos escolares assumindo a função de multiplicandos e as Representações Sociais, como multiplicadores desses Sujeitos, nos revelando um produto no final do processo (Figura 1). É importante esclarecermos neste momento que esse produto são as próprias Representações Sociais modeladas ao Tema de pesquisa – Espaço Escola -,

transformado em um código para que lhe seja exaltado o caráter geográfico da pesquisa de acordo com as categorias exploradas, de forma a atender tanto nosso objetivo geral, quanto, nossos objetivos específicos. Por isso, nosso produto será provisório e limitado de acordo com o foco e recortes espaciais pesquisados.

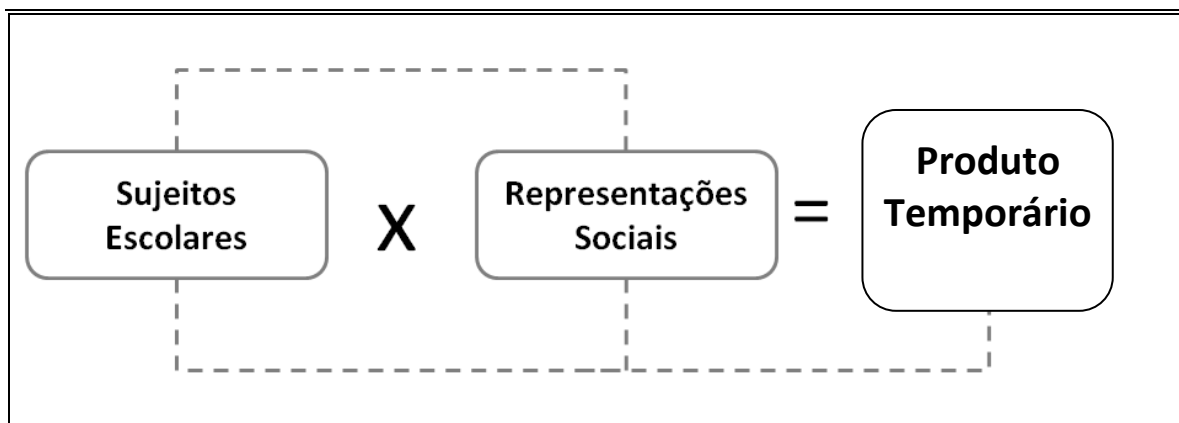


Figura 1. Produto Temporário. Fonte: do autor (2010).

As Representações Sociais podem ser manifestadas através de textos, sentimentos, comportamentos, e devem ser analisadas a partir da compreensão de condutas sociais dos Sujeitos construtores do Espaço Geográfico. Segundo Sandra Jovchelovitch (1994), na Teoria das Representações Sociais, o espaço dotado de valores, signos e imagens, é conhecido por Espaço Potencial:

[...] o espaço potencial vai além dessas fronteiras, porque nele os Sujeitos (pessoas) não estão nem no mundo da fantasia, nem no mundo da realidade dos outros, mas em um terceiro e paradoxal lugar que contém os dois mundos ao mesmo tempo. O espaço potencial é, portanto o espaço dos símbolos. Símbolos pressupõem a capacidade de evocar presença apesar da ausência, já que sua característica fundamental é o que eles significam uma outra coisa. Neste sentido, eles criam o objeto representado, construindo uma nova realidade para a realidade que já está lá. Eles provocam uma fusão entre o Sujeito e o objeto. (p.74).

Seguindo a linha do Espaço Potencial, acreditamos, encontrar na interpretação desse arranjo espacial a tradução para o nosso produto. Parece ser no Espaço Potencial que os Sujeitos Escolares e as Representações Sociais se cruzam, criando nós na complexa rede que constitui o (Sub)espaço Geográfico

Escola. Nesse espaço, valores sociais, identidades e alteridades (re)encontram-se, (des)constroem-se e (re)(i)novam-se.

As identidades e as Representações Sociais é o nome dado ao conjunto de identificações. Trabalharemos no presente estudo com este ponto de confluência, com o conceito de identificação de HALL (2003), como explorado pela psicanálise, com o que se implica no conceito que, apesar de ser referido pela Psicologia e pela Geografia não fica explicitado, pois há uma divergência entre identidade como um processo fixo, e a identificação como um processo constante:

Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é 'preenchida' a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a 'identidade' e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude" (HALL, 2003, p.39).

Parece possível, neste período, sobrepor e costurar conceitos, como o método de nosso trabalho: o paradigma da complexidade e sua infundável incompletude com a aceção teórica da identificação. Ambos procurando apresentar a ideia central dinâmico e inconcluso reforçando que as relações e interpretação a serem realizadas por este viés são constantes provisórias.

O objetivo da Teoria das Representações Sociais, para Jovchelovitch (1994), é observar: como os grupos interagem e difundem crenças, imagens, ideologias; como criam, interpretam e simbolizam; como produzem signos e espaços; como fundam lugares plenos de significados; e valores; como se influenciam com o uso da linguagem enquanto elemento de interação.

"Vistas desse modo, estaticamente, as representações se mostram semelhantes a teorias que ordenam ao redor de um tema (as doenças mentais são contagiosas, as pessoas são o que elas comem, etc.) uma série de proposições que possibilita que coisas ou pessoas sejam classificadas, que seus caracteres sejam descritos, seus sentimentos e ações sejam explicados e assim por diante." [...] "Na verdade, do ponto de vista dinâmico, as Representações Sociais se apresentam como uma 'rede' de ideias, metáforas e imagens, mais ou menos interligadas livremente e, por isso, mais móveis e fluidas que teorias (MOSCOVICI, 2003, p.209).

As Representações dos Sujeitos sobre o meio sociocultural são atribuídas de significados e refletem a forma que traduzem a realidade. No Espaço Potencial (JOVCHELOVITCH, 1994), a apreensão do espaço é realizada pelos Sujeitos Escolares, e assim, configura-se, ou não, no (Sub)espaço Geográfico Escola, o sentimento de um Lugar com a construção de identidades e alteridades que constituirá a Representação Social, e na sua tradução nos parece possível vislumbrar o produto temporário (Figura 2).

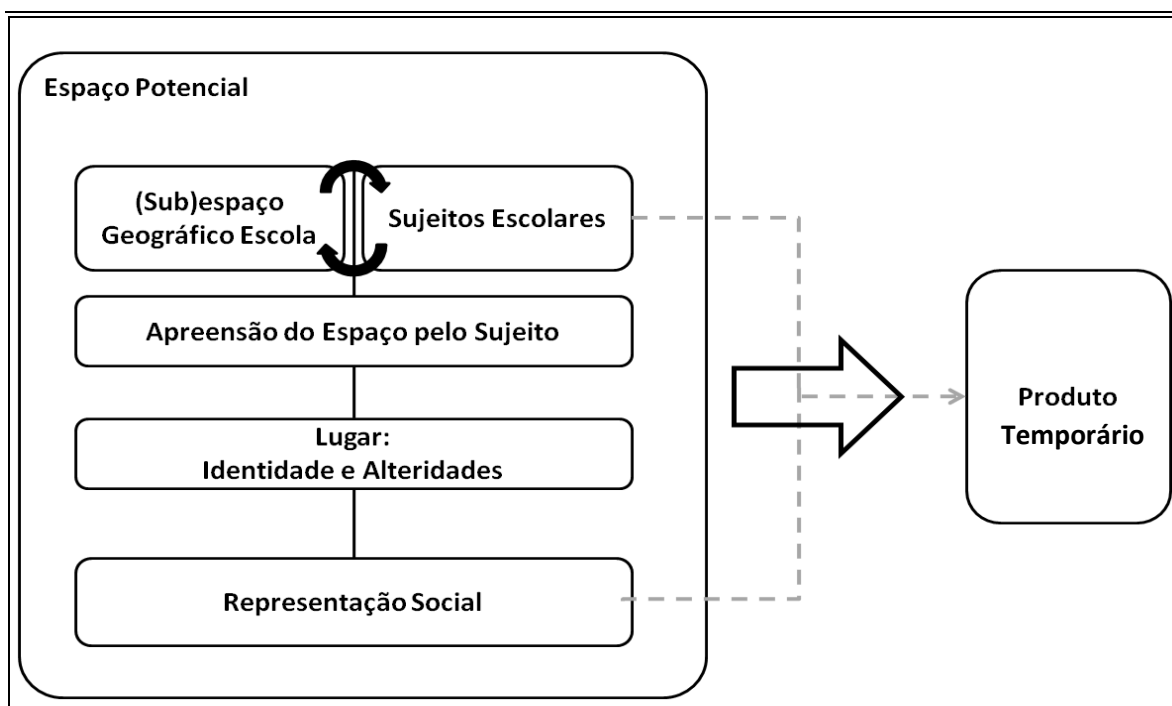


Figura2. Espaço Potencial. Fonte: do autor (2010).

Podemos identificar diversas maneiras de interpretação sobre o que se opera, assim como os Sujeitos também aplicam as mais diferentes representações sobre o mundo em que vivemos. Conforme Kimura (2008),

As representações feitas pelos Sujeitos, ao falarem do mundo do qual eles fazem parte, estão plenas de significados. Para a sua elaboração, exercem um papel essencial a linguagem e a criação de signos que são suas expressões (p.133).

Assim, a linguagem e a criação de signos parecem fazer parte da constituição dos Sujeitos e dos significados inseridos em suas representações de

mundo¹⁰. As Representações Sociais são elaboradas coletivamente a partir da realidade cotidiana. Dessa maneira, as representações que são fenômenos sociais devem ser entendidos a partir do seu contexto de produção, isto é, a partir das funções simbólicas e ideológicas que servem e das formas de comunicação onde circulam.

E no (Sub)espaço Geográfico Escola, quais são as comunicações estabelecidas? Quais são os fenômenos sociais gerados? Os Sujeitos escolares estão cientes dessas representações, ou não? Quais são os signos e as expressões de maior significância para os Sujeitos?

Sendo, então, a partir do entendimento das Representações Sociais como uma leitura de representações simbólicas – que se fazem presentes em nosso complexo cotidiano constituído de códigos e mensagens diretas e indiretas à interpretação dos Sujeitos de ação do Espaço Geográfico –, a atividade representacional um trabalho da psique, como resgatar o produto parcial, temporal e provisório de forma que contribua para o pensamento Geográfico? Em outras palavras, como traduzir repostas psicossociais em informações para um estudo de cunho geográfico? Capaz não somente de preencher tabelas estatísticas, e sim, fundamentalmente, conhecer o espaço vivido e compreendido pelo Sujeito.

A parceria da Geografia com a Psicologia Social nos parece ser, neste período histórico – de aceitação das tecnologias da informação, e, por consequência, a velocidade das ações nos e sobre os textos cotidianos – um caminho para nos conhecermos enquanto Sujeitos, e assim flexibilizar-nos práticas diárias, neste estudo particularmente as práticas docentes. Porém, parece ser fundamental o cuidado ao “navegar” pelo complexo “oceano” da Psicologia Social, uma vez que para nós: o espaço parece estar em primeiro lugar.

¹⁰Com o apoio de BARTHES (1972), interpretamos o signo como qualquer objeto, som, palavra capaz de representar uma outra coisa. Na vida pós-moderna, todos nós dependemos do signo para atuarmos em nosso espaço. Para o Sujeito, a noção de signo e as suas relações não são importantes do ponto de vista teórico, mas ele os entende de maneira prática e precisa. A utilidade do signo vai além do que imaginamos: ao circularmos pela cidade, por exemplo, precisamos constantemente ler e analisar discursos transmitidos pelas placas de trânsito, pelas luzes do semáforo, pelas reações de veículos, aos imóveis, ao ambiente, etc. O Sujeito não vive sem o signo, precisa dele para ler o mundo, a si mesmo e aos Sujeitos com os quais mantém relações.

E, é na metalinguagem da Geografia que pensamos reencontrar um enfoque: o próprio Espaço Geográfico. Através do alinhavo da Geografia com a Psicologia por meio da Teoria das Representações Sociais – as leituras realizadas sobre o Espaço Escolar no momento atual pelos Sujeitos em determinados recortes espaciais – com a intenção de analisá-lo, e a seguir, costurá-lo com o Ensino e com o Ensino de Geografia de forma a nos apresentar possíveis interpretações do (Sub)espaço Geográfico Escola –.

4 CORTE E COSTURA

4.1 O Espaço pela Escola: Um Conjunto Indissociável...

Elaborando um conceito formalizado para o (Sub)espaço Geográfico Escola, reforçamos que, primeiramente, se faz necessária uma compreensão do Espaço Geográfico e o movimento de sua construção conceitual.

Concebido como objeto de estudo da Geografia o Espaço Geográfico, apropriando da ideia de Espaço Geográfico a partir da década de oitenta do século passado – pensando em apresentar um breve histórico de seu entendimento – nos apoiamos em Ruy Moreira (1985), que nos revela a materialidade do processo do trabalho, tratando-se da “relação *Sujeito-meio*” em uma expressão historicamente concreta.

[...] é a natureza, mas a natureza em seu vaivém dialético: ora a primeira que se transforma em segunda, ora mais adiante a segunda que reverte em primeira, para mais além voltar a ser segunda. [...] História na sua expressão concreta de dada sociedade [...] (MOREIRA, 1985, p.86).

Refere-se, então, à um espaço produzido, produtor, reproduzido e reproduzidor. Está sempre em transformação, transformando conjuntamente a sociedade. Podemos identificar o espaço produzido e reproduzido na análise da paisagem geográfica costurada a totalidade do espaço. Logo, o espaço produtor e reproduzidor se fazem presentes na dinâmica cotidiana e transformadora dessa paisagem inserida no Espaço Geográfico.

Corresponde a um espaço construído e alterado pelo homem, pode ser definido com sendo o palco das realizações humanas nas quais estão as relações entre os *Sujeitos* e desses com a natureza. O Espaço Geográfico abriga o Sujeito e todos os elementos naturais, tais como relevo, clima, vegetação e tudo que nela está inserido.

É através do trabalho que o Sujeito é capaz de construir e desenvolver tudo aquilo que é indispensável à sua sobrevivência. O termo “trabalho” significa todo esforço físico e mental humano com finalidade de produzir algo útil a si mesmo ou a alguém.

O conjunto de atividades desempenhadas pelas sociedades continuamente promove a modificação do Espaço Geográfico. A partir da Primeira Revolução Industrial o Sujeito enfatizou a retirada de recursos dispostos na natureza a fim de abastecer as indústrias de matéria-prima, que é um item primordial nessa atividade, ao passo que a população crescia era acompanhado pelo alto consumo de alimentos e bens de consumo.

Com o avanço tecnológico, é criado uma série de mecanismos para facilitar a manipulação dos elementos da natureza, máquinas e equipamentos facilitaram a vida do Sujeito e dinamizaram o processo de exploração de recursos, como os minerais, além do desenvolvimento de toda produção agropecuária com a inserção de tecnologias, como tratores, plantadeiras, colheitadeiras e muitos outros.

Na produção agropecuária se faz necessário interferir de forma potencial na natureza, pois retira toda cobertura vegetal original que é substituída por pastagens e lavouras, essas derivam outros impactos como erosão, poluição e contaminação do solo e dos mananciais.

Nos centros urbanos as alterações são percebidas nas construções presentes, essas transformações ocorrem em loteamentos que em um período era somente uma área desabitada e passou a abrigar construções residenciais, além de áreas destinadas ao comércio e à indústria. Desse modo, nas cidades ocorrem modificações no espaço, são identificadas nas novas construções, nas reformas de residências, lojas e todas as formas de edificações.

Diante dessas considerações (re)constatamos que o Espaço Geográfico não é estático, pois até mesmo a *deteriorização* de um edifício ou monumento é

considerado uma alteração do espaço e automaticamente da paisagem, por isso as mudanças são contínuas e dinâmicas. O Espaço Geográfico é produto do trabalho humano sobre a natureza e todas as relações sociais ao longo da história.

O Espaço Geográfico abriga todas as partes do planeta passíveis de serem analisadas, catalogadas e classificadas pelas inúmeras especialidades da ciência geográfica.

No entanto, surgiram novos conceitos acerca desse tema. Por exemplo, a configuração da hierarquia das cidades provavelmente é proveniente do estudo do conjunto de atividades de bens e serviços disponíveis para aquelas populações que vivem nas proximidades (áreas rurais, cidades menores), aqui existe um espaço hierárquico e não homogêneo, como no caso do cerrado.

A Geografia Cultural na análise do Sujeito disponibiliza outra definição para o significado de Espaço Geográfico: lugar onde os seres vivos, inclusive os humanos, buscam instituir laços afetivos relacionados ao respeito ou mesmo ao temor.

Os espaços sagrados formados por um conjunto de ritos religiosos e culturais são exemplos de conceitos que a expressão pode ter.

Na teoria exposta por Santos (1996) que é uma teoria da ação – Espaço Geográfico –. O espaço é o resultado da ação e objeto articulados, potência e ato dialeticamente integrado num sistema.

Para dar conta desta nossa preocupação parece ser importante compreendermos a categoria espacial da totalidade – um processo básico externo ao espaço –, reexaminado suas transformações, processos, atuação com a própria existência do espaço geográfico, bem como suas formas de aparência. Refere-se à noção de totalidade ao conjunto de todas as coisas e de todos os Sujeitos, em sua realidade, ou seja, em suas relações, e em seu movimento. Totalidade é o tecido absoluto das partes em relação mútua. Compreende conjuntamente o Planeta, isto é, natureza e comunidade humana – duas formas principais da totalidade.

A totalidade é, ao mesmo tempo, o real-abstrato e o real concreto. Só se torna existência, só se realiza completamente, através das formas sociais, incluindo as geográficas. E a cada momento de sua evolução, a

totalidade sofre uma metamorfose. Volta a ser real-abstrato. (SANTOS, 1996, p.98.)

O conhecimento da totalidade sugere sua desarmonia, está sempre em movimento em um cíclico processo de totalização. Dessa forma, o recorte espacial é numa especificação do conjunto social, um aspecto particular da sociedade global. Logo, o todo só se faz através do conhecimento das partes (fragmentos), e essas se fazem simultaneamente somente através do todo – processo de totalização, de encontro ao princípio hologramático de (MORIN, 2003):

Princípio "hologramático" (inspirado no holograma, no qual cada ponto contém a quase totalidade da informação do objeto representado): coloca em evidência o aparente paradoxo dos Sistemas complexos, onde não somente a parte está no todo, mas o todo se inscreve na parte. Cada célula é parte do todo – organismo global – mas o próprio todo está na parte: a totalidade do patrimônio genético está presente em cada célula individual; a sociedade como todo, aparece em cada indivíduo, através da linguagem, da cultura, das normas (p.33).

O movimento da totalidade parece alterar os signos das variáveis que o constitui, pois os signos não acompanham o movimento, ou seja, a cada transformação social, obrigatoriamente, renovam-se ideologias e símbolos que assumem novos e mutantes sentidos nesse processo.

A ação exprime-se e se realiza no objeto. O objeto tem autonomia de existência, mas não tem autonomia de significação. O que ele é vem das diferentes relações que mantém com o todo, e, portanto, com os Sujeitos. Os objetos que constituem o Espaço Geográfico são obrigatoriamente contínuos e a população de objetos considerada pelo autor não resulta de uma seleção, ainda que sábia e metódica, do pesquisador. O espaço dos geógrafos leva em conta todos os objetos existentes numa extensão contínua.

O comportamento da ação tem uma orientação que dá ligação e sentido ao ato projetado, subordinada a normas. A ação é um processo dotado de propósito dado o seu caráter de intencionalidade, uma essencialidade portada pela técnica na formada divisão do trabalho e que liga ação e objeto numa relação de Sujeito-objeto.

Santos (1996) faz a distinção das formas de análises do espaço em categorias analíticas internas, em recortes espaciais e em processos básicos

externos ao espaço. Com esse enfoque não hierarquizado, porém interligado, e, com, a visualização de alguns principais alicerces constituintes do espaço, temos assim, no esquema (Figura 3) a seguir, uma possibilidade de compreensão da disposição das categorias, facilitando a leitura do objeto de estudo geográfico.

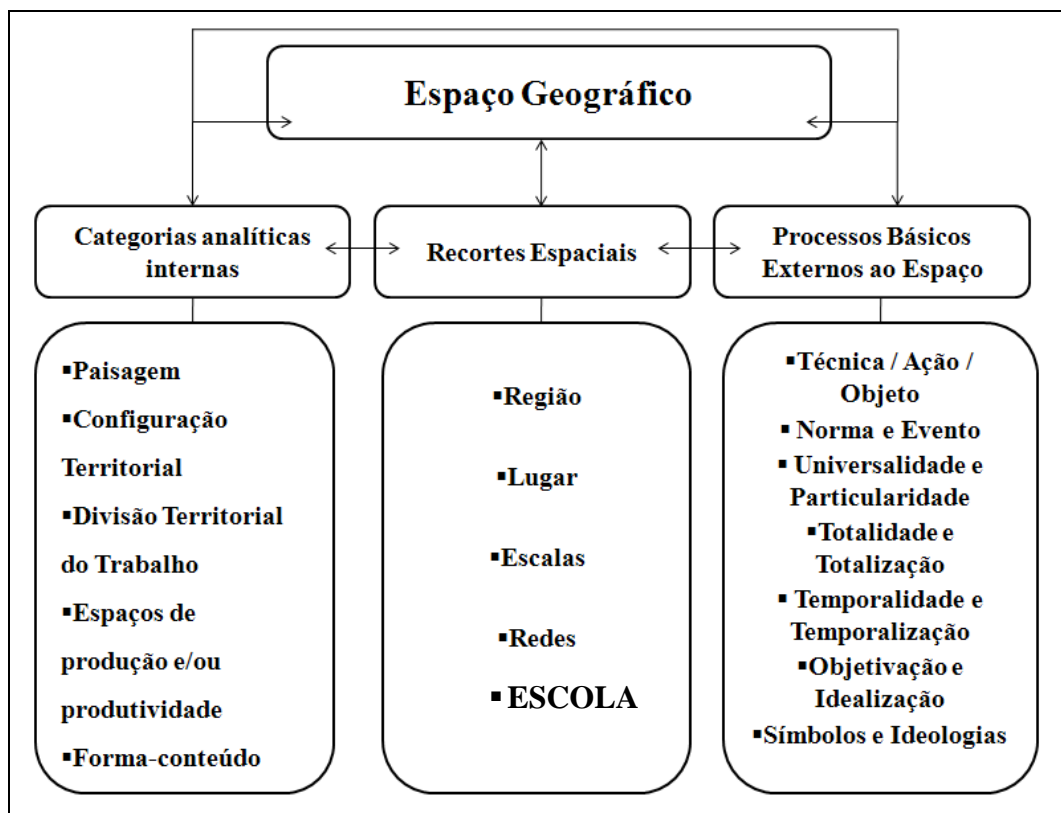


Figura 3. O Espaço Geográfico. Fonte: do autor.

O Espaço Geográfico deve ser considerado como algo que participa igualmente da condição do social e do físico, um misto, um híbrido amalgamado. Cabe a Geografia formular e estabelecer os conceitos de Espaço Geográfico e espaço, não podendo ser encontradas em outras disciplinas.

Para Castrogiovanni (2003),

“[...] o espaço é tudo e todos: compreende todas as estruturas e formas de organização e interações, E, portanto, compreensão da formação dos grupos sociais, a diversidade social e cultural, assim como apropriação da natureza por parte dos homens...”.

Conferindo assim, uma propriedade complexa ao Espaço Geográfico, a partir da compreensão da totalidade e da própria inter-relação.

Reforçando a presença do pensamento complexo inserido no conceito de Espaço Geográfico, Suertegaray (2000) classifica o espaço como “uno e múltiplo”:

[...] podemos pensar o Espaço Geográfico como um todo uno e múltiplo, aberto a múltiplas conexões que se expressam através dos diferentes conceitos já apresentados. Estes ao mesmo tempo em que se separam visões também as unem [...] o Espaço Geográfico pode ser lido através do conceito de paisagem e ou território, e ou lugar, e ou ambiente; sem desconhecermos que cada uma dessas dimensões está contida em todas as demais (SUERTEGARAY, 2000, p.31).

A partir dos infinitos recortes que podemos atribuir ao espaço, ainda implica em dúvidas quanto à escolha sobre qual conceito operacional que daremos enfoque diante à um determinado estudo, pois bem, essa inquietação pode ser suprimida quando não negamos a complementação dos conceitos e sua articulação, cada conceito operacional ou categoria do espaço apresentam de fato diferentes olhares e expressam diferentes leituras e, é, no caminho do método, da pesquisa que elegeremos por qual ótica do espaço seguiremos nosso estudo.

4.2 (Sub)categorias do Espaço Geográfico

As categorias de lugar, não-lugar, “*entre-lugar*” (CASTROGIOVANNI, 2006), parecem permitir entendermos inicialmente o (Sub)espaço Geográfico Escola – ler as identidades –. Os conceitos categóricos do Espaço Geográfico ao serem analisados para que proponham estudos e conseqüentemente se apontem contribuições para um repensar do espaço escolar a fim de qualificá-lo. Cada (Sub)espaço Geográfico Escola tende a ser específico, porém mundializado nas suas atitudes e aparências, pois faz parte do todo. Compreendida as formas de relacionamento estabelecidas pelos Sujeitos escolares, temos condições de estabelecer ferramentas de estudo do (Sub)espaço Geográfico Escola, possibilitando, assim, uma apresentação da situação no ambiente escolar e juntos buscar práticas que viabilizem a escola de desempenhar seu papel de formação do Sujeito.

Entendemos que nessa leitura, da escola como um recorte espacial, seja possível aplicar sobre esse os mais variados conceitos operacionais do Espaço Geográfico, como a paisagem, a região e o lugar. E, é, no lugar, como um

sentimento de pertencimento, que localizamos a identidade, categoria mais próxima do Sujeito no complexo objeto de estudo da Geografia. Para Massey (2008), a categoria lugar pode ser entendida “como um tecer de estórias em processo, como um momento dentro das geometrias de poder, como uma constelação particular, dentro das topografias mais amplas de espaço, e como em processo, uma tarefa inacabada”. Assim, sendo, reflete nesse (sub)espaço a(s) identidade(s) da sociedade de hoje, e configuram-se no cotidiano escolar as tensões deste, que se trata também, de um espaço social.

LUGAR	NÃO-LUGAR	ENTRE-LUGAR
PERTENCIMENTO	S/PERTENCIMENTO	PERTENCIMENTO TEMPORÁRIO
IDEALIZAÇÃO	S/IDEALIZAÇÃO	IDEALIZAÇÃO
OBJETIVAÇÃO	S/OBJETIVAÇÃO	SEM OBJETIVAÇÃO

B : Subcategorias do Espaço Geográfico. Fonte: do Autor (2010).

Sendo então, o Lugar, o espaço de relações de identidade produzida e reproduzida pelos Sujeitos, bem como a Representação Social, ele gera em si o movimento da vida, enquanto dimensão do espaço-tempo, passado e presente. O não-lugar: espaço de negação de uma identidade, espaço não relacional/objetivada, traduzido pela ausência do lugar em si.

Segundo MOSCOVISI (2003, p.71) "Para começar, objetivar é descobrir a qualidade icônica de uma ideia, ou ser impreciso; é reproduzir um conceito em uma imagem. Comparar é já representar, encher o que está naturalmente vazio, com substância."

Entendemos que neste momento o “entre-lugar” deva ser compreendido como um espaço de *lugarização* incompleta, estágio em que as relações de identidade são insuficientes para estabelecer algum vínculo “produtivo” entre

Sujeito e espaço, onde pode haver, ou não, conflitos entre idealização e realização. No conceito entre-lugar parecemos obter as mesmas tensões enraizadas no conceito de fronteira – um terceiro espaço.

Na tentativa de construir os conceitos de lugar, não-lugar e “*entre-lugar*” na complexidade do (Sub)espaço Geográfico Escola, adiantam-se outras inquietações: cumpre a escola o seu real papel enquanto instituição de ensino? De quê papel devemos referir na atualidade? Que leituras fazem os Sujeitos escolares sobre esse subespaço? Como utilizar as próprias categorias que a Geografia nos oferece para entendermos o Espaço Geográfico na compreensão do (Sub)espaço Geográfico Escola? Parece um desafio e ao mesmo tempo uma sabedoria que pode advir do conhecimento geográfico!

4.3 A Fronteira, o terceiro espaço

Novamente refletindo sobre a metalinguagem ou a recursividade da Geografia presente nesse trabalho, nos deparamos com uma sobreposição de categorias. Ao entendermos a subcategoria do Espaço Geográfico “entre-lugar” como um processo de *lugarização* incompleta, ou ainda, como a pouco frisado, um terceiro espaço, podemos pensar em associá-lo, à categoria Fronteira.

Selecionada não somente para uma simples comparação entre os (Sub)espaço(s) Geográfico(s) Escola(s) da capital e da fronteira – recorte espacial de pesquisa: compreende os Sujeitos escolares da capital do Estado do Rio Grande do Sul (Porto Alegre) e Sujeitos escolares da fronteira do Rio Grande do Sul (cidade de Jaguarão) com o Uruguai (cidade de Rio Branco, departamento de Cerro Largo) –, mas também, pelo fato da fronteira apresentar a articulação da diferença cultural e da assimilação de contrários que reflete no arcabouço de nossa pesquisa ao pensarmos antecipadamente em possíveis Representações Sociais atribuídas pelos Sujeitos escolares nos (Sub)espaço Geográfico Escola.

Seja em sua acepção política ou econômica, há um consenso de que a fronteira é um lugar de demarcação de diferenças, onde normas, leis e soberanias possuem um limite físico, o limite do próprio Estado-nacional, e onde a dinâmica

das atividades produtivas, de formas de organização social, de temporalidades, etc. se defrontam no interior de um mesmo Estado.

Pensar a fronteira como centro implica, inicialmente, numa mudança metodológica, em que a fronteira deva ser compreendida como um lugar de moradia e de existência de seus habitantes. Para Nogueira (2007, p.06) “*Ser da fronteira’ é o dado primordial para a discussão que queremos fazer. Ser de algum lugar implica, também, uma relação de pertencimento e/ou identificação com o lugar*”. Desse modo, deixa-se evidente a necessidade de pensar a fronteira como um lugar, um lugar que como qualquer outro possui seu dado particular. Sugerem Castrogiovanni & Gastal (2006):

A fronteira contemporânea funde simbólico e metafórico. Da centralidade na ideia de um fixo, passa-se à fronteira como fluxos; da ideia de espaço da separação, para a ideia de espaço da comunhão e das trocas. O imaginário consagra a ideia de que o mundo globalizado seria um *mundo sem fronteiras*. Um novo olhar sobre si mesma e a globalização no seu exercício máximo, a exigir um olhar sem (muros) do preconceito, aos seus fluxos. (p.9, 2006).

O dado particular fundamental da fronteira é justamente o fato da convivência, regra geral aproximada, com o outro, com a diferença nacional, que remete aos símbolos próprios a cada nação, a história, a cultura, ao nacionalismo. Na verdade a fronteira política impõe, por necessidade do Estado, uma diferença histórica, um corte que institui uma separação, que dificulta uma identidade fronteiriça, e que a sociedade fronteiriça procura romper.

O (Sub)espaço Geográfico Escola a ser pesquisado, a relação entre os Sujeitos nesse espaço, a possibilidade do “entre-lugar” se fazer presente, ou não, nessa pesquisa, condicionam a Fronteira como um local onde o Espaço Geográfico é lido com um terceiro espaço, tão próprio, agregado de significações geográficas, identidade, alteridade e *lugarizações*.

E como podem ser as leituras do (Sub)espaço Geográfico Escola sobre e neste possível “entre-lugar”? Parece ser esta outra inquietude que nos motiva a buscar reflex(ões) não tão finais, mas fundamentais enquanto Sujeitos Professores que somos.

5 O TECIDO

5.1 Por que ler, neste momento, a escola como um (sub)espaço?

Na sobreposição de conceitos operacionais que projetam o Espaço Geográfico, não podemos abrir mão de compreender o espaço escolar como também um território, dadas as relações de poder, identidade e autoridade que se estabelecem, ou não, neste recorte espacial.

O território, em suas mais variadas leituras está relacionado ao poder, mas não apenas ao poder político. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação. É também, um processo muito simbólico, carregado das marcas do vivido, do valor de uso, e ao mesmo tempo concreto, funcional e vinculado ao valor de troca. Para Claval (1999, p.9), “*o território diz respeito à projeção sobre um espaço determinado de estruturas específicas de um grupo humano*” incluindo assim, a maneira de repartição e gestão (ordenamento desse espaço/recorte espacial/conceito operacional).

E, para Di Méo (1996), examinar o território implica em analisar os dispositivos sociais que levam a que os atores sociais conheçam e sintam os limites de seus territórios e se reconheçam dentro deles. O território denota um espaço que o Sujeito conhece, onde se reconhece e é reconhecido. Na escola, encontramos esses dispositivos sociais na organicidade escolar, desde a sua administração até a sua dinâmica, operados por seus atores, no caso, os Sujeitos escolares alunos, professores, funcionários e sociedade.

A concepção da escola enquanto território parece estar relacionada aos conceitos de identidade, e conseqüentemente, de territorialidade. A origem da educação, neste momento, parece estar diretamente associada com as representações que o Sujeito atribui ao espaço e na busca de sua sobrevivência, o ser humano, precisou admitir e relacionar as leis da natureza, ou seja, precisou aprender a viver vivendo, dando início ao processo de autoeducação.

Em seus primeiros passos, os seres humanos, vivendo coletivamente, utilizava-se de meios de existência primárias: primeiramente em função coleta de

alimentos e recursos para garantir a vida e conseqüentemente em função da agricultura e pecuária. Logo, a educação passava a ser o alicerce da própria vida, homens e mulheres se educavam no cotidiano e na alternância de gerações.

“[...] Neste período a família e a comunidade próxima davam conta da transmissão dos conhecimentos necessários para transformar cada criança em um participante pleno de seu grupo social. Convivendo, as crianças aprendiam a língua, os costumes, a religião, as normas da comunidade, bem como as suas técnicas de sobrevivência. Aprendiam os papéis masculinos e femininos diretamente com os adultos e as lendas, os mitos, as crenças, com os membros mais velhos do grupo social” (XAVIER, 2003, p.55).

Na organização do grupo social e nas respectivas funções atribuídas e distribuídas a cada membro do grupo, percebemos a configuração de um espaço social como base da “*comunidade próxima*”. Reflete-se, então, num (*proto*)*território*, a partir das relações de interação com a natureza externa, identificação com membros do grupo, movimentação sobre o espaço por meio de práticas sociais.

A troca do estilo de vida do Sujeito, passagem das primeiras formas de garantir a sobrevivência em função da coleta, pela agricultura e pecuária, obriga o ser humano a suprimir a forma nômade e fixarem-se sobre a terra, assim, as relações de poder intensificam-se, modelando diferenças sociais sobre o espaço.

Para Xavier (2003), é nessa diferenciação entre os membros da comunidade que parece esboçar a origem da escola. É nesse período, que parte do grupo social (proprietários de terras) permite-se a viver do ócio, uma vez que, não é preciso mais trabalhar para sobreviver, pois outra parte do grupo (a maioria) é sobrecarregada por essa função. No contexto da folga do trabalho, do descanso e do lazer que há a possibilidade do advento da instituição escolar. Aqueles que possuíam tempo livre reuniam-se para dedicarem-se em conjunto à tarefas da escola (*lugar do ócio* em grego), enquanto a outra parcela sócia, mantinha-se constantemente atrás de sua sobrevivência: trabalhando e educando-se a partir do próprio trabalho. A autora colabora que essa situação parece ter se mantido ao longo de toda a Idade Média, desde o Classicismo as funções educacionais admitem valores desiguais de acordo com os segmentos sociais (clero, nobreza, burguesia e “demais” – trabalho físico, que exige pouca instrução).

De certa forma, esses valores desiguais que concebem as atividades educacionais a partir do *status* social parece perdurar atualmente. Compreendemos aqui, que o (Sub)espaço Geográfico Escola de hoje, neste aspecto socioeconômico, parece tratar-se em parte, de uma reprodução invariável desde a origem da escola. Será que está diferenciação educação não instiga a diferenciação e o afastamento da sociedade, tornando-a cada vez mais segregada e impondo mais limites internos ao Espaço Geográfico?

Na configuração da escola a organização e as principais funções tomam formas junto com o advento da modernidade - nessa fase conta com setores populares -, com surgimento da sociedade urbano-industrial e com a instalação do modo de produção capitalista na Europa e nos Estados Unidos, diretamente influenciados pela revolução Francesa. Conforme Xavier (2003):

“[...] o surgimento da educação escolar não coincide apenas com o advento do capitalismo e da industrialização, ela é fundamentalmente determinada pela emergência dos estados territoriais-administrativos da Modernidade – os estados nacionais -, que criaram sistemas de escolarização de massa para a educação da população embasada na pedagogia cristã. Administração burocrática e pedagogia pastoril-disciplinar são as características do sistema escolar moderno criado para a cristianização das populações leigas, pela transferência disciplina espiritual para as rotinas da vida diária” (p.57).

A escola como instituição social, no caminhar histórico, representou um local relevante para os diversos povos e sociedade, tendo peculiaridades específicas de acordo com contexto social vigente. Isto implica dizer que, sobre a escola ocorre uma construção social produzida de modo coletivo, incluindo valores, crenças, ideias e pensamentos que acabam influenciando a identidade social de determinados grupos. Para Lima (2006):

O valor atribuído pela sociedade à instituição escolar pode desencadear aspectos favoráveis ou desfavoráveis. Isso faz com que os alunos demonstrem, em suas práticas sociais diárias, a identificação com a escola [...] (p.116).

Assim, acreditamos, neste momento, que a escola passa a ser um local amplo, culturalmente múltiplo que abrange elementos organizacionais de questões sociais multidimensionais, o que nos permite relacionar diretamente à

complexidade do Espaço Geográfico, bem como, ao (Sub)espaço Geográfico Escola.

Verificar esses elementos organizacionais, comuns ou não, entre aqueles que participam do cotidiano escolar, pode favorecer à solução de incompatibilidades e propiciar maior envolvimento por parte dos frequentadores deste ambiente. Identificar aquilo que constitui estas questões sociais multidimensionais que contribuem para o desenvolvimento e manutenção das práticas, atitudes e comportamentos na escola, é o desafio ao qual propomos nos lançar.

5.2 Sujeitos, funções escolares

A escola no início do século XXI se depara, com graves problemas sociais e pedagógicos. A situação educacional brasileira comporta duas constatações opostas e ao mesmo tempo verdadeiras. De um lado ocorrem progressos reais, seja na diferenciação interna do sistema nacional de educação, seja na democratização dos diferentes ramos do ensino. De outro lado, a que de o caminho percorrido é ainda insuficiente para estabelecer equilíbrio entre as exigências educacionais do presente e os meios organizados para atendê-las. Segundo Fernandes (1966):

“Tanto o número de escolas quanto a qualidade da instrução nelas transmitida se mantêm muito abaixo das necessidades educacionais prementes das várias regiões e das várias camadas da população do país”. (p.05)

Desde então a sociedade tem deixado a escola aos caprichos da sorte, nada ou pouco fazendo. E diante desta realidade em que se encontra a escola hoje, a grande sociedade não teve a lucidez de exigir seus direitos, permanecendo na comodidade e indiferente diante das irresponsabilidades para com a educação. A resolução das problemáticas das escolas ocorre por falta de uma verdadeira consciência político-educacional.

Para Menegolla (1991), a partir das formas de relacionamento estabelecidas pelos Sujeitos escolares, temos condições de estabelecer

ferramentas de estudo do (Sub)Espaço Geográfico Escola, possibilitando, assim, uma apresentação da situação no ambiente e escolar e juntos buscar práticas que viabilizem a escola de desempenhar seu papel de formação do Sujeito. E quem sabe, adquirir subsídios para atender uma das maiores inquietações na busca de uma reforma da uma escola que necessita de motivação, processos, reflexão e comunicação, que de acordo com CASTROGIOVANNI (2007c) a comunicação, neste momento, compreende a um texto - transmissão de ideias e informações – e, está relacionada ao conhecimento. No que diz respeito à comunicação, o conhecimento parece ser uma tradução em signos e em sistemas de signos. O conhecimento é possibilita uma visão de mundo diferente da tradicional. A partir destas assimilações nos questionamos:

Qual(is) representação(ões) social(is) é(são) atribuída(s) ao (Sub)espaço Geográfico Escola hoje? De que forma podemos (re)pensar a escola a partir dessa leitura? E como o ensino da Geografia pode/tem contribuído?

A escola, até então tratada como um espaço, responsável pela produção do Sujeito (pós)moderno, vem sendo questionada se está realmente cumprindo esse papel. A instituição que prima pela disciplina e pela informação, reconheceria seu real compromisso e/ou os subsídios que dinamizam processos socializadores e civilizatórios estariam entrando em conflito? Para compreendermos melhor esta inquietude é necessário fazermos uma brevíssima apresentação sobre as histórias da escola. Xavier (2003) sugere que a origem da instituição confunde-se com o processo de existência.

Em síntese, o Sujeito a partir de vivências e educação, educa-se, uma vez que a educação era a própria vida, nesse processo educavam-se também novas gerações, as famílias e conseqüentemente as comunidades próximas já estavam engajadas no processo de transformação. Em segundo momento, há um modo de produção sedentário, que desencadeou classes sociais possibilitando o advento da escola. Com o tempo as escolas moldam novas configurações conforme o movimento social.

Visando a gestão territorial e populacional o Estado parece utilizar da escola como uma solução para um rol de problemas da modernidade, tais como o crescimento demográfico, a necessidade de trabalho produtivo mantendo a população controlada e disciplinada, construindo e agendando verdades que

satisfação a manutenção do poder, além de fortalecer capacidades sociais – desenvolvimento –. No século XVIII, transformações sociais e políticas apresentam a escola como uma necessidade. Para Xavier (2003, p.70): “*Significa compreender a educação como um fenômeno de toda a sociedade, um processo não centrado na escolarização dos cidadãos, mas na civilização das sociedades*”.

Nos séculos seguintes, a necessidade da escola se faz indispensável na participação da vida social, posteriormente, na melhoria da qualidade de vida da população.

Com Foucault (1993), parece ser possível compreendemos melhor os corpos submissos – corpos dóceis – e exercitados produzidos pela disciplina. O período histórico referente à disciplina é um período em que surge uma arte do corpo humano. Fundamentado não apenas no aperfeiçoamento das habilidades, mas principalmente na formação de uma relação que torne o corpo tão submisso quanto útil – política das coerções: maquinaria de poder que examina, desarticula e recompõe o corpo humano –.

A disciplina prima à distribuição dos Sujeitos da complexidade e, portanto, riqueza do espaço, através dos colégios e quartéis, do *quadriculamento* – cada indivíduo no seu lugar e em cada lugar um indivíduo –, das localizações funcionais, necessidade de distribuir e dividir o espaço com rigor a partir de suas funções, e da divisão dos corpos por uma localização que os mantém numa determinada rede de relações, a fim de criar um quadro vivo condicionado ao controle. Esse controle se faz através de horários, da elaboração temporal de determinada atividade, da correlação do corpo dos gestos, da articulação corpo-objeto na codificação instrumental do corpo e da utilização exaustiva do corpo com a finalidade de aprimorar técnicas e ganhar tempo. O poder das disciplinas apresenta as operações do corpo como um organismo. Assim a partir desses fatores citados configura-se o exercício, elemento de uma tecnologia política do corpo e do tempo.

Logo, a disciplina não seria apenas uma arte da distribuição dos corpos, da extração e acumulação do tempo, mas sim de compor forças objetivando a eficiência do aparelho/organismo.

Segundo Foucault (1993), o poder disciplinar justifica-se no uso de simples instrumentos: a vigilância hierárquica, a sanção normalizadora e na combinação

dessas no processo que configurará o exame. A vigilância – escalar – transforma-se num operador econômico importante, pois além de ser parte do aparelho de produção é fundamental no poder disciplinar. A sanção normalizadora põe em funcionamento a relação dos atos, os desempenhos, os comportamentos singulares ao conjunto – comparação/diferenciação – e o princípio de uma regra a seguir. O exame por sua vez, é uma combinação das técnicas, é o centro dos processos para constituição do indivíduo – eixo político da individualização –.

Foucault (1993) justifica o advento da prisão nas instituições seja ela de ensino ou não, a partir da disciplina. A gênese e a razão dos processos disciplinares nos remetem a uma série de questões no campo da educação. Entre essas, estaria o poder da disciplina, bem como os procedimentos que o regulam, saturados na pós-modernidade ou não? A partir disso quais são as reflexões que podemos transportar para o (Sub)espaço Geográfico Escola, justapondo às fronteiras subjetivas entre os Sujeitos escolares?

Na apropriação do espaço pela disciplina na instituição escola, encontramos como exemplo a representação *panóptica*, constituída num aparelho de controle sobre seus próprios mecanismos – manutenção do poder –, é no *panóptico* que se encontra um local privilegiado para viabilizar a análise das transformações se podem obter sobre os Sujeitos, porque funciona como um laboratório de poder. Seus mecanismos de observação estão presentes em todas as frentes, descobrindo e conhecendo a fundo objetos em todas as superfícies.

A instituição escolar parece representar ‘o porquê’ da pedagogia como disciplina humana e também dá base ao papel do educador – educar, disciplinar, instruir e desenvolver –, sendo o dispositivo que se constrói a fim de suprimir a infância e a adolescência.

Para Naradowisk (1998), a ideia de que, efetivamente, a criança, no sentido moderno, obediente, dependente e suscetível de ser amada é uma ideia que está passando por uma crise de decadência.

Referindo-se que a infância moderna morre sobre a fuga de um polo da infância hiper-realizada com tudo, informação e lazer ao alcance, parecem não suscitar carinho e ternura e, outro ponto de fuga de um polo da infância (des)realizada – independente, crianças que vivem nas ruas e trabalham desde cedo –. Entre esses polos, podemos encontrar a maioria restante das crianças.

Sobre *polos de atração*: a infância da realidade virtual (harmônica e equilibrada) e a infância da realidade real (violenta e marginalizada). Neste ponto, encontramos outras inquietações: ocorre hoje uma perda gradual de valores sociais, por parte das crianças, através de uma desvalorização do espaço escola, ou não? Qual é a posição da família frente à essas realidades?

Essas crianças enquanto alunos colocam em crise a ideia de Sujeito e o dispositivo escola-família que põe em jogo a incapacidade da instituição escola nesse cenário de mudanças rápidas, onde somente adolescentes e crianças são capazes de acompanhar tal velocidade. Assim, é possível pensarmos neste momento que é necessário voltar a pensar a escola e a infância em termos de desafio a fim de avançarmos sobre a estagnação que se instalou sobre nós.

Ao repensarmos a escola e a form(ação) dos Sujeitos é entendermos que se trata de um desafio na busca de medidas/passos que devemos tomar rumo não somente a novos pensamentos e, sim, a novas ações. Quando sabemos da tamanha velocidade das mudanças e das dificuldades em alcançá-las, o *não-inovar*, mas o *renovar* se faz urgente... Sempre é hora, portanto de iniciarmos!

Para Gadotti (2003, p.15):

Em sua essência, ser professor hoje, não é nem mais difícil nem mais fácil do que era há algumas décadas atrás. É diferente. Diante da velocidade com que a informação se desloca, envelhece e morre, diante de um mundo em constante mudança, seu papel vem mudando, senão na essencial tarefa de educar, pelo menos na tarefa de ensinar, de conduzir a aprendizagem e na sua própria formação que se tornou permanentemente necessária.

Parece não ser possível esquecermos o papel do professor nesse contexto ao fazermos esse tipo de leitura. Novas criações e trabalhos de formas diferentes em sala de aula (Por que não fora da sala?), não são sinônimos de trabalhar mais, pelo contrário, de termos mais prazer e trabalharmos, assim, menos! Não é por menos que a Geografia e a escola são “chatas” e/ou os alunos “são fracos”. Conforme Kaercher (2004, p. 173), algumas utopias parecem necessárias:

[...]só com múltiplos caminhos poderemos buscar nossa utopia: um ensino de Geografia que auxilie na autonomia intelectual dos educandos e estimule neles o desejo radical de uma sociedade plural, democrática e que combata todas as formas de injustiças sociais.

Na escola de hoje pouco temos visto sobre a operacionalização as categorias da Geografia, através da reflexão, de novas possibilidades de comunicação, motivações nos processos escolares. Este desafio pode desenvolver a capacidade reflexiva dos Sujeitos professores e alunos.

5.3 Sujeitos Escolares

Ao pensar em pesquisar qualquer espaço sobre o olhar geográfico parece ser necessário buscar compreender temporariamente o porquê deste enfoque e o que ele acarreta. A Geografia tem como carro-chefe o espaço, especificamente, o Espaço Geográfico, esse como já foi visto capaz de produzir e reproduzir outros espaços, em distintas escalas e formas. Logo, a Geografia é a ciência que estuda também a série de (inter)(rel)ações entre o Sujeito e o meio, o meio e o Sujeito, e, indiretamente, o Sujeito e o Sujeito, bem como, o meio e o meio. Todavia, ficaremos neste momento com a base: Sujeito x meio e meio x Sujeito. Para o meio, já o classificamos nesta pesquisa como o (Sub)espaço Geográfico e para a categoria Sujeito, o conceito de Edgar Morin:

[...] a noção de Sujeito tem a ver com a natureza singular de sua computação, desconhecida por qualquer computador artificial que possamos fabricar. Essa computação do ser individual é a computação que cada um faz de si mesmo, por si mesmo e para si mesmo. É um *cômputo*. O *cômputo* é o ato pelo qual o Sujeito se constitui posicionando-se no centro de seu mundo para lidar com ele, considerá-lo, realizar nele todos os atos de preservação, proteção, defesa, etc. (MORIN, 2006. p.120)

Assim, podemos dizer que a noção de Sujeito se posiciona de maneira egocêntrica perante o mundo, concebendo através de relações de forma radiocêntrica. Caracterizando o Sujeito como uno e múltiplo, um ser complexo, simultaneamente a parte e Sua totalidade. Essa parte e essa Sua totalidade, são singulares de Sujeito para Sujeito, são constituídas a partir de sua Identidade.

Conforme Paul Claval (1995):

A identidade é de uma só vez individual e coletiva. As atitudes, os gostos e a experiência variam em cada pessoa, mas a interiorização, [...], os valores a respeitar, tende a impor uma mesma forma à imagem que se faz de si mesmo. Isto não ocorre sem conflitos (p.98).

A partir de uma interpretação, apoiada no conhecimento e na identidade, os Sujeitos fornecem significados aos objetos e as ações, assim, o lugar recebe valores, impondo suas raízes e propriedades sobre o espaço. Os Sujeitos alunos e os Sujeitos professores ao atribuir valores à escola, proporcionarão uma maior comunicação-reflexão-dinamização aos processos relacionados às funções exigidas da escola.

Para Castrogiovanni (2004, p.284):

O Sujeito é uma noção que parece existir na interação *individuo-ser-existência*. Pensamos ser apenas um ponto na imensidão do espaço e do tempo. É, efetivamente, um ponto, mas o ponto substantiva-se não só pela sua concentração espacial, mas pelos encontros que o constituem.

Nos parece que, não só as relações de identidade se fazem presentes no (sub)Espaço Geográfico, como também, as de alteridade. Configurando a este espaço, mais uma vez, uma qualidade a *Complexidade*. Contextualiza-se também, o perfil dos Sujeitos professores e dos Sujeitos alunos, revelando, o que parte desses Sujeitos procuram nesse (sub)espaço e a paisagem desse recorte espacial de hoje.

Para procurar conhecer que Representações Sociais são atribuídas á esse subespaço, nos referimos a dois tipos de Sujeitos: o Sujeito Professor e o Sujeito Aluno, dentre as demais personagens que atuam sobre este espaço (Sujeito Funcionário, Sujeito Diretor, Sujeito Administrador, Sujeito Responsável pelo Sujeito aluno e Sujeito Sociedade), são essas duas categorias (Sujeitos) que julgamos de maior importância, neste período da pesquisa, pois são os Sujeitos que parecem imprimir, ou não, com traços mais fortes os caracteres que acreditamos, futuramente, enriquecer os possíveis produtos deste trabalho. Através da compreensão do que os Sujeitos professores e Sujeitos alunos são no Espaço Geográfico – quês ações exercem? Quais são as funções que estão submetidos, ou não? Quais são as Representações Sociais imprimem sobre o espaço? E por quê?

5.4 O Tecido Escolar e Participação Complexa da Geografia

Nessa leitura (recursiva), do (Sub)espaço Geográfico Escola, procuramos empregar as categorias que nos auxiliam a entender, provisoriamente o Espaço Geográfico. Desta forma pensamos encontrar nesse (sub)espaço, mesmo que temporariamente, a identidade da sociedade de hoje. Lembrando que a parte está no todo, como o todo está na parte: o (Sub)espaço Geográfico Escola está para o Espaço Geográfico e vice-versa.

Pensamos que o Ensino parece estar articulado sobre a base da instituição Escola. A sua fragmentação, no modo de conceber o ensino e o espaço escolar eximindo-se de atender este complexo espaço escolar como uma conjuntura de processos, ainda é um retrocesso. Acreditamos neste momento que se faça necessária uma reflexão do ensinar/aprender, não somente no viés de didático-pedagógico, mas principalmente na valorização do Sujeito professor e do Sujeito aluno. Pensamos que ser Sujeito Professor hoje é muito mais que *passar bem a matéria*, é ser Sujeito provocador de transformações.

Para Castrogiovanni (2007b), essa transformação ocorre pois:

[...] os *Sujeitos* professores e a instituição escola, na sua complexidade, devem estar comprometidos com que chamamos de “fazer sociedade com cidadania”. A escola deve provocar o *Sujeito aluno* (educando) para conhecer e conquistar o seu lugar no mundo em uma teia de justiça social. (p.44).

Assim, parece que o ensino não depende exclusivamente do professor, assim como aprendizagem não é algo apenas de aluno. Pensamos neste momento textual não haver [...] “*docência sem discência, as duas se explicam, e seus Sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender*” (FREIRE, 1996, p.25).

Freire (1996) parece justificar o pensamento de que o professor não é superior, melhor ou mais inteligente, porque domina conhecimentos que o educando ainda não domina, mas é como o aluno, participante do mesmo processo da construção da aprendizagem. Afinal, “*ensinar não é apenas transferir*

conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 25).

Parece ser necessário o rigor metódico e intelectual que o educador deve desenvolver em si próprio, como pesquisador, Sujeito curioso, que busca o saber e o assimila de uma forma crítica, não ingênua, com questionamentos, e orienta seus alunos a seguirem também essa linha metodológica de estudar e entender o mundo, relacionando os conhecimentos adquiridos com a realidade de sua vida, sua cidade, seu meio social. Freire (1996) contribui que “[...] *não há ensino sem pesquisa nem pesquisa sem ensino*” (p.32). Esse pesquisar, buscar e compreender criticamente só ocorrerá se o professor souber pensar.

Entendemos que saber pensar é duvidar de suas próprias certezas, questionar suas verdades. Se o docente faz isso, terá facilidade de desenvolver em seus alunos o mesmo espírito.

O professor que pensa tende a não deixar transparecer aos alunos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de intervindo no mundo, conhecer o mundo Para Freire (1996): [...] *Ensinar, aprender e pesquisar lidam com dois momentos: o em que se aprende o conhecimento já existente e o em que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente* (p.31).

Logo, ensinar, para Freire (1996), requer aceitar os riscos do desafio do novo, enquanto inovador, enriquecedor, e rejeitar quaisquer formas de discriminação que separe as pessoas em raça, classes... É ter certeza, mesmo provisoriamente, de que faz parte de um processo inconcluso, apesar de saber que o ser humano é um ser condicionado, portanto há sempre possibilidades de interferir na realidade a fim de modificá-la. Acima de tudo, ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando.

O respeito à autonomia e à dignidade de cada um parece ser imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros

[...] O *Sujeito* professor que desrespeita a curiosidade do *Sujeito* aluno (educando), o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, o professor que ironiza o aluno, que o minimiza que manda que "ele se ponha em seu lugar" ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o *Sujeito* professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do *Sujeito*

aluno (educando), transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência (FREIRE, 1996, p. 66).

Nossa experiência pedagógica parece nos encaminhar para uma verdade provisória: é importante que os Sujeitos professores e os Sujeitos alunos sejam curiosos, instigadores. *"É preciso [...], que o professor se ache repousado no saber de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano"* (Idem, p. 96). Faz-se necessário, portanto, que se proporcionem momentos para experiências, para buscas. O Sujeito professor precisa estar disposto a ouvir, a dialogar, a fazer de suas aulas momentos de liberdade para falar, debater e ser aberto para compreender o querer de seus Sujeitos alunos.

Para tanto, é preciso querer bem, gostar do trabalho e do Sujeito aluno. Talvez, não com um gostar ou um querer bem ingênuo, que permite atitudes erradas e não impõe limites, ou que sente pena da situação de menos experiente do Sujeito aluno, ou ainda que deixa tudo como está que o tempo resolve, mas um querer bem pelo ser humano em desenvolvimento que está ao seu lado, a ponto de dedicar-se, de doar-se e de trocar experiências, e um gostar de aprender e de incentivar a aprendizagem, um sentir prazer em ver o Sujeito aluno descobrindo o conhecimento.

Freire (1996) coloca que os saberes que considera necessários à prática docente, orienta ao mesmo tempo em que incentiva os Sujeitos professores a refletirem sobre seus fazeres pedagógicos, modificando aquilo que acharem preciso, mas especialmente aperfeiçoando o trabalho, além de fazerem a cada dia a opção pelo melhor, não de forma ingênua, mas com certeza de que, se há tentativas, há esperanças e possibilidades de mudanças daquilo que em sua visão necessita mudar.

Ao longo dos cursos de graduação em Geografia e diante dos inúmeros debates extraclasse, graduandos e graduados ainda se perguntam: o que é a Geografia? Como ensiná-la? A Geografia pode ou não transformar o mundo? Como pensar a Geografia como algo *vivo*? Como auxiliar os Sujeitos a contextualizarem as suas visões de mundo através da Geografia? Entre tantas outras verdades, que consideramos provisórias, existentes nessa ciência... Pensamos ver a Escola como um lugar para a Geografia ser ensinada e ter

ensino de Geografia onde as verdades são muitas, talvez infinitas, mas provisórias.

É claro que, com o viver o tempo, acomodam-se muitas verdades sobre Geografia. Descobre-se que ela estuda as relações que se estabelecem no *espaço*. Ela é também uma ciência social, portanto é mais do que descrições de objetos que devem ser memorizados pelos Sujeitos alunos. Ela estuda o espaço em que o Sujeito (re)constrói em suas diferentes escalas e inseridos em simultâneas redes.

Paulo Freire (1996) sugere que antes do Sujeito aluno ler as palavras, ele lê o espaço, comprovando a extrema importância de conduzir o Sujeito a interpretar o seu espaço, sempre contextualizando a sua particular realidade que se insere no *todo*. Através da Geografia é possível encontrarmos uma ciência que conduz o Sujeito pelo caminho da crítica e do conhecimento. Isso só é real quando se instiga a aventura criadora, ao *desequilíbrio*, à dúvida... Conforme Callai (2003, p.57):

A Geografia é uma ciência social. Ao ser estudada, tem de se considerar o aluno e a sociedade em que vive. Não pode ser um a coisa alheia, distante, desligada da realidade. Não pode ser um amontoado de assuntos, ou lugares (partes do espaço), onde os temas são soltos, sempre defasados ou de difícil (e em muitas vezes inacessível) compreensão pelos alunos. Não pode ser feita apenas de descrições de lugares distantes ou de fragmentos do espaço.

Nos estágios de docência realizados geralmente nos últimos semestres da graduação e também nos Programas de Educação Continuada, alunos preparam aulas em diferentes escolas e realidades, e deparam-se nos recortes espaciais, com um ensino *morto*, trata-se de uma Geografia sem energia, despojada de emoção pois não encerra em si dúvidas e conflitos de posturas. Ensinada sem ter a preocupação com as habilidades, mais exigente com conceitos que muitas vezes estão distantes dos significados possíveis de serem construídos pelos Sujeitos escolares. Uma Geografia muitas vezes fragmentada e livre de processo de reflexão e contextualização para com o espaço vivido. Como relata Gonçalves (1987, p.17):

O saber geográfico dominante fala de clima, vegetação, relevo, hidrografia, população, principais economias, etc. O pretender falar de

todas as coisas acaba na verdade produzindo uma visão caótica do mundo, não analisando como as coisas se formam, se produzem, se estruturam e se constituem como totalidade.

Parece ser necessário que o saber geográfico saiba que assim não pode querer ser um saber geográfico de (des)acomodação e capaz de (re)desenhar a sociedade.

Alguns apontamentos pertinentes seriam de que esta concepção de educação está relacionada com o mercado de trabalho, o qual serve ao capitalismo, e não para o trabalho, que segundo Marx e Engels, tratam-se da condição básica e fundamental de toda a vida. No aparelho escolar que é um dos Aparelhos Ideológicos de Estado,

“[...] aprende-se a falar bem o idioma, a redigir bem, o que na verdade significa (para os futuros capitalista e seus servidores) saber dar ordens isto é, (solução ideal) dirigir-se adequadamente aos operários”. (ALTHUSSER, 2001, p.58)

É incrível, como podemos ainda não pensar que ensinamos (Será mesmo que ensinamos?) aos alunos essa Geografia caótica relatada por Gonçalves, que se propõe a verdades eternas, à crítica sobre o mundo e muito menos à (re)significações de leituras do espaço em que vive? Incomodados com essa realidade, alguns graduandos e graduados em Geografia percebem que está na hora de propor uma mudança nos caminhos mais comumente traçados para o ensino em Geografia, pois: *“Resumindo: a Geografia existe desde sempre, e nós a fazemos diariamente. Devemos romper então com aquela visão de que a Geografia é algo que só veremos em aulas de Geografia”* (KAERCHER, 2003, p. 11) e ilustrar com a dinamicidade e as verdades da vida!

Então, até quando continuará sendo reproduzida essa Geografia tradicional? Até quando desestimulará os alunos a pensarem? Até quando será transmitida uma educação irrealista, uma escola excludente? Como sugere Perrenoud (2002, p.13):

O pensamento e as ideias podem atravessar fronteiras, mas os brasileiros é que definirão as finalidades da escola no Brasil e, conseqüentemente, formarão seus professores. A questão é saber se o farão de forma democrática ou se a educação continuará sendo, como na maioria dos países, um instrumento de reprodução das desigualdades e de sujeição das massas ao pensamento dominante.

Diante desse cenário que estão a maioria das escolas, pensamos: será que ainda vale a pena acreditar em um *novo* ensino para a Geografia ou não? Como estas são dúvidas provisórias, pensamos, neste momento que sim, porém é preciso criar desassossegos para sonhar e romper com a atual estrutura do ensino praticado.

6 PESQUISANDO, LUGARIZANDO E COSTURANDO

6.1 Contextualização dos espaços e (sub)espaços geográficos

Utilizando-nos do princípio do Paradigma da Complexidade de Morin (2003), o da reintrodução do conhecimento, onde todo conhecimento é uma remodelagem de um preconceito, entendemos que, neste momento, na complexa *tecitude* do (Sub)espaço Geográfico Escola, parece ser possível, visualizarmos um emaranhado de linhas sobrepostas, onde tais linhas representam os Sujeitos escolares e as ações e as reações dos Sujeitos escolares. Assim como no Espaço Geográfico, encontramos um palco de fixos e fluxos pelo qual apresentam-se os objetos, as coisas, as ações, as forma-conteúdo e os eventos.

Nessa associação hologramática e direta do Espaço Geográfico e do (Sub)espaço Geográfico Escola, nos parece também, oportuno revisitar conceitos operacionais de estudo da Geografia inseridos neste recorte espacial. Em primeiro momento referimo-nos novamente à categoria Fronteira, tentando, se possível, extraí-la momentaneamente do campo objetivo da Geografia de análise territorial e atribuí-la também as relações subjetivas que se dão no (Sub)espaço Geográfico Escola, ou seja, das relações entre os Sujeitos Professores e Sujeitos Alunos especificamente: as relações de poder. Não como se fazem presente numa fronteira territorial, mas presentes iguais, como nesta “fronteira subjetiva”.

As relações de poder parecem ter uma extensão consideravelmente grande nas relações entre os Sujeitos, o que não quer dizer que o poder político desta “fronteira subjetiva” esteja em toda parte no (Sub)espaço Geográfico Escola. Ela está presente no todo, nas relações entre o Sujeito Professor e o

Sujeito Aluno, manifestando-se através de um conjunto de relações de poder que podem ser exercidas, como por exemplo, na família. A análise das relações de poder constitui um campo extremamente complexo. Ela às vezes encontra o que podemos chamar de fatos ou ações de autoridade – a partir do Sujeito Professor em relação ao Sujeito Aluno –. Quando um grupo de Sujeitos Alunos vai de encontro ao campo das relações de poder, ou por que não, ao campo de negação das relações de poder, poderá transformá-las essas em relações de poder imóveis e vir a impedir qualquer reversibilidade dessa dinâmica, por uma simples negação às funções básicas do aparelho escolar, que como já vimos trata-se da formação do Sujeito pós-moderno. Parece que desta maneira, os motivos, as razões e as motivações que levaram os Sujeitos a optarem pela educação e transformarem-se em Sujeitos Professores tendem a exaurir-se.

E por que essas relações de poder parecem estar ameaçadas? Qual é o grau de responsabilidade que podemos atribuir aos Sujeitos Alunos, ou melhor, à Sociedade à qual, seguindo o Princípio Sistêmico da Complexidade de Morin, estão inseridos os Sujeitos Alunos? Diante da velocidade com que a informação se transporta, cresce, desenvolve-se, caduca e desfalece, diante da dinâmica do Espaço Geográfico. O papel do (Sub)espaço Geográfico Escola vem mudando, senão como espaço para formação dos Sujeitos, ao menos na forma ou forma da missão de ensinar, de conduzir essa transformação até o estágio de sabedoria – para MORIN (p.10, 2006b), “*a sabedoria é a capacidade de integrar, incorporar conhecimentos à vida cotidiana*” –. Será que os Sujeitos Professores estão cientes disso?

Essa tal velocidade, podemos nos referir como uma consequência do processo de globalização – que tem modificado o modo de vida da sociedade mundial a partir da década de 70 e intensificou-se nos anos 80, com o intercâmbio cultural e econômico entre diversos países a partir do avanço das tecnologias e do desenvolvimento dos meios de transporte e do desenvolvimento das tecnologias de comunicações –? E, se assim for, nos parece que atualmente existem novos espaços do conhecimento, e não somente, o (Sub)espaço Geográfico Escola. Recortes espaciais como as empresas, as igrejas e até mesmo o (sub)Espaço Geográfico “domiciliar” tornaram-se espaços educativos em função do processo de globalização.

Cientes das relações de poder estabelecidas entre os Sujeitos escolares – da(s) fronteira(s) –, da transformação constante do Espaço Geográfico e do (sub)espaço Espaço Geográfico e as possíveis consequências dessa transformação, nos permitiremos reintroduzir a linha de raciocínio do início do capítulo: da relação do tecido complexo que o (Sub)espaço Geográfico Escola nos parece apresentar hoje em dia e; da dinâmica do Espaço Geográfico e da forma como se sobrepõem, para sistematizar a categoria fronteira da Geografia (agora em análise territorial) neste contexto. Conforme CASTROGIOVANNI (2009):

Nesta complexidade, onde o entrelaçamento entre Sujeitos locais parece ficar mais evidente, é muito desafiante, que se possa saber a verdadeira origem e trajetória de cada formação familiar. Assim na fronteira há uma constante justaposição de culturas. Cultura por nós entendido neste momento como tudo o que tem e dá significado ao Sujeito, que espacializa e temporaliza o Sujeito no território. (p.06)

Em outras palavras, vamos a partir de agora, justapor as fronteiras das relações de poder do (Sub)espaço Geográfico Escola com uma fronteira territorial. As Representações Sociais atribuídas a um (Sub)espaço Geográfico Escola de um recorte espacial escolar da capital de um Estado do Brasil, tal como Porto Alegre, no Rio Grande do Sul são as mesmas atribuídas à um (Sub)espaço Geográfico Escola localizado em cidades de interior e fronteiras, como na fronteira Brasil e Uruguai, nas cidades de Jaguarão e Ríó Branco respectivamente? Quais são as diferenças e semelhanças que esses recortes espaciais podem nos apresentar nesta análise?

Para isso, foram escolhidos em Porto Alegre um Colégio Público Federal – onde além de entrevistas com Sujeitos Professores, Sujeitos Alunos e Sujeitos Funcionários sobre as Representações Sociais, também fora realizado um trabalho de acompanhamento de Sujeitos Alunos na postura de um Sujeito Professor, através do Programa de Educação Continuada oferecido por uma escola público federal– e, também uma escola da rede privada de Ensino de Porto Alegre – nas mesmas modalidades em que fora realizada a pesquisa do Colégio de Aplicação, porém, como Sujeito Professor. Nenhum Sujeito Aluno das turmas de aula da disciplina de Geografia trabalhada pelo autor participou das entrevistas. Foram escolhidos Sujeito Alunos do final do Ensino Fundamental e do primeiro ano do Ensino Médio, por acreditarmos estarem em etapa intermediária

do processo escolar e possuem discernimento para participar de uma série de perguntas sobre o tema do Espaço Escolar. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas para uma análise provisória. Ao total foram aproveitadas 30 entrevistas, entre Sujeitos Professores, Sujeitos Alunos e Sujeitos Funcionários.

Na área de fronteira, no município de Jaguarão, fora escolhida a Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Pagliani – onde fora realizada as entrevistas com Sujeitos Professores, Sujeitos Alunos e Sujeitos Funcionários. E na localidade de Río Branco (Uruguai) – onde foram realizadas visitas ao Liceo N° 1 de Río Branco.

Para as entrevistas em profundidade foram elaboradas questões que procurassem revelar o “produto temporário” das Representações Sociais atribuídas à esses (sub)espaços geográficos escola.

O “produto temporário”, neste momento, refere-se à ordem geográfica da pesquisa, ou seja, o “produto temporário” tende a inferir que tipo de identidade será atribuídos à esses recortes espaciais. O (Sub)espaço Geográfico Escola vivido trata-se de um lugar, um não-lugar, um entre-lugar ou alguma outra abstração de (re)identific(ação), para fins de pesquisa, para os Sujeitos escolares? Esta parece ser uma inquietude importante nesta caminhada.

As entrevistas foram durante o segundo semestre do ano letivo de 2009, foram gravadas em áudio e transcritas posteriormente. Os Sujeitos entrevistados estão identificados por números e com prefixo Sujeito Aluno/Professor/Funcionário Colégio Público Federal/Colégio Particular/Escola de Jaguarão de acordo com o entrevistado.

6.2 Objetivos e pesquis(ação)

Retomando os nossos objetivos de compreender provisoriamente as relações de identidade que os Sujeitos constroem temporariamente com o (Sub)espaço Geográfico Escola através da ciência geográfica, rerepresentamos os objetivos específicos aos quais nos propusemos inicialmente:

Enquanto objetivo geral pretendemos compreender as relações de identidade que os Sujeitos constroem temporariamente com o (Sub)espaço Geográfico Escola com o apoio da ciência geográfica.

Para alcançarmos o objetivo principal traçamos a seguir, de forma esquemática para a compreensão do Sujeito leitor, os seguintes objetivos específicos em tabelas descritivas:

- A. INTERPRETAR o espaço escolar como um recorte / arranjo do Espaço Geográfico.
- B. VERIFICAR as possíveis relações de pertencimento ou não que os Sujeitos estabelecem com esse (sub)espaço.
- C. ANALISAR se os Sujeitos professores entendem esse (sub)espaço como Espaço Geográfico, ou não.
- D. EXAMINAR se a proposta de ensino de Geografia contribui para a construção de *lugarizações* do Sujeito aluno (Ensino Fundamental e Médio), segundo os textos didáticos, ou não.

OBJETIVO ESPECÍFICO A

INTERPRETAR O ESPAÇO ESCOLAR COMO UM RECORTE/ARRANJO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO.

INTERPRETAR *POR QUÊ?*

Porque através dessa interpretação, acreditamos que ao entender o espaço escolar como uma reprodução das relações e tensões que se apresentam no mundo de hoje, seja possível pensar e operar sobre as ações que se dão nesse (Sub)espaço Geográfico afim de compreendê-lo melhor e quiçá qualificá-lo para que desempenhe sua principal função – formação de Sujeitos –.

INTERPRETAR SOB A LUNETAS DE QUEM?	Moreira (1986), Santos (1996) e Massey (2007) e Castrogiovanni (2004).
INTERPRETAR ATRAVÉS DE QUE / COMO?	Resgatando conceitos da ciência geográfica e buscar aplicá-los às práticas cotidianas.
INTERPRETAR QUANDO?	Acompanhar como esses modos diferentes de pensar o Espaço Geográfico se comportou e se comporta atualmente no (Sub)espaço Geográfico Escola.

OBJETIVO ESPECÍFICO B

VERIFICAR AS POSSÍVEIS RELAÇÕES DE PERTENCIMENTO OU NÃO QUE OS SUJEITOS ESTABELECEM COM ESSE (SUB)ESPAÇO.	
VERIFICAR POR QUÊ?	Acreditamos neste momento que através dessa verificação podemos compreender quais são as relações que os Sujeitos escolares mantêm sobre o espaço escolar, e assim, refletir sobre as operações (didáticas-pedagógicas-curriculares e sociais-políticas-culturais) e que se dão nesse (sub)espaço.
VERIFICAR SOB A LUNETAS DE QUEM?	Morin (1996), Lima e Gonçalves (2006), Castrogiovanni (2004).
	A partir da construção de um conceito para a categoria Sujeito e outra a para as Representações

VERIFICAR ATRAVÉS DE QUE / COMO?	Sociais no Espaço Geográfico essa verificação será efetivada a partir de entrevistas em profundidade com os Sujeitos escolares e observações pertinentes.
VERIFICAR QUANDO?	Verificar as relações de pertencimento que os Sujeitos escolares estabelecem com o (Sub)espaço Geográfico Escola.

OBJETIVO ESPECÍFICO C

ANALISAR SE OS SUJEITOS PROFESSORES ENTENDEM ESSE (SUB)ESPAÇO COMO ESPAÇO GEOGRÁFICO, OU NÃO.

ANALISAR POR QUÊ?	Pensamos ao realizar esta análise que o produto esteja diretamente relacionado com a forma em que o Sujeito professor lida com a escola, se ele está ciente do significado de um subespaço, ou não, se ele é capaz de ler-relacionar-interpretar-operar os conflitos internos ao espaço escolar atribuindo ao espaço extra-escolar e vice-versa.
ANALISAR SOB A LUNETAS DE QUEM?	Morin (1996), Lima e Gonçalves (2006), Castrogiovanni (2004), Moreira (1986), Santos (1996) e Massey (2007).
ANALISAR ATRAVÉS DE QUE / COMO?	Esta análise poderá ser realizada a partir de observações do comportamento do Sujeito professor na escola e com entrevistas em

	profundidade e episódica.
ANALISAR QUANDO	Esta análise foi elaborada após às entrevistas realizadas nos recortes espaciais.

OBJETIVO ESPECÍFICO D

EXAMINAR SE A PROPOSTA DE ENSINO DE GEOGRAFIA CONTRIBUI PARA A CONSTRUÇÃO DE <i>LUGARIZAÇÕES</i> DO SUJEITO ALUNO (ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO), SEGUNDO OS TEXTOS DIDÁTICOS, OU NÃO.	
EXAMINAR POR QUÊ?	Porque a partir desse exame parece ser possível apurar se a escola possui, ou não, “ferramentas” para os Sujeitos estabeleçam vínculos de pertencimento com o espaço, e também, conhecer quais são essas “ferramentas” e de que forma elas auxiliam ou não na formação de Sujeitos de acordo com as funções exigidas pela instituição escolar.
EXAMINAR SOB A LUNETAS DE QUEM?	Castrogiovanni (2007a), Xavier (2003), Kimura(2008), Rego (2007), Kaercher (2004).
EXAMINAR ATRAVÉS DE QUE / COMO?	(Re)leitura dos planos de ensino das escolas, entrevistas com Sujeitos professores e leitura de recentes bibliografias: ensino e Ensino de Geografia. Análise de três livros

	didáticos por escola.
EXAMINAR QUANDO?	Ao findar a pesquisa de campo; analisar provisoriamente as informações coletadas.

A partir deste momento textual, com as informações adquiridas iremos apresentar uma análise e uma costura provisória de cada Objetivo Especifico proposto em nossa pesquisa:

OBJETIVO ESPECÍFICO A

Quanto a INTERPRETAR o espaço escolar como um recorte / arranjo do Espaço Geográfico, pensamos que este objetivo foi atingindo provisoriamente a partir da luneta bibliográfica já apresentada. Contextualizamos a construção do conceito de Espaço Geográfico sob a luneta da interpretação de importantes autores referência, bem como a formação, da instituição escola, inicialmente centrada na base familiar, e, seguidamente, ao longo dos anos e das transformações dos meios de produção da sociedade, na constituição do aparelho escolar que se apresenta hoje, como um palco para atuação de suas funções e de seus Sujeitos.

Pensamos que foi possível também apresentar a instituição escola como um recorte espacial, um (Sub)espaço Geográfico Escola. A compreensão do espaço escolar como um *subespaço* que faz parte do *todo* – uma possibilidade de leitura do *Espaço Geográfico* –. A partir de uma metalinguagem da Geografia parece ser possível entendermos a escola como um recorte espacial, aqui traduzido como um (Sub)espaço Geográfico Escola.

Construído esse conceito, identificamos as categorias e os conceitos operacionais que contribuem para a análise interna do (Sub)espaço Geográfico Escola, levando à reflexão e à compreensão da instituição escola.

OBJETIVO ESPECÍFICO B

Com relação a VERIFICAR as possíveis relações de pertencimento ou não que os Sujeitos estabelecem com esse (sub)espaço, temos a dizer que a partir das entrevistas realizadas entre Sujeitos Professores, Sujeitos Alunos e Sujeitos Funcionário foi possível avaliar que realmente parecem haver relações de pertencimento com o (Sub)espaço Geográfico Escola, mesmo sem podermos quantificá-las em função da abordagem de pesquisa que escolhemos – pesquisa qualitativa –, parece ser, neste momento, possível dizermos que predominaram os relatos daqueles Sujeitos que compreendem o escolar como um espaço de idealização e objetivação, ou seja, para essa parcela há um sentimento de pertencimento com espaço da escola.

Veamos a seguir alguns exemplos de relatos a partir da transcrição das entrevistas de Sujeitos Professores e Sujeitos Funcionários:

Sujeito Professor Colégio Público Federal 03.

- *“Não é que **me sinta dona** do colégio...”*.
- *“O colégio me **absorve**, mesmo fora penso muito na escola...”*.
- *“Às vezes até dá problema, minhas filhas reclamam que passo **mais tempo pensando no colégio que me dedicando a família...**”*.

Sujeito Funcionário Colégio Público Federal 01

- *“... **amo de paixão** estar na escola, **eu acho muito saudável**”*.
- *“Os alunos **não valorizam** como a gente **tenta passar** pra eles.”*.
- *“Eu vejo que a escola é um **lugar passageiro**, **tu faz o que tem fazer, tu saí e depois te manda**. Eu sou professora de quarta série também, **e vejo, pelos alunos**, depois que não dou mais aula pra eles, **nos anos seguintes**, eles*

passam por ti e nem te cumprimentam, então, ainda fico na dúvida se realmente é para sempre esta relação de professor com a aluno e do aluno para com a escola.”.

Os trechos de entrevistas anteriores nos apresentam alguns contrastes sobre que tipo de pertencimento os Sujeitos Professores e os Sujeitos Funcionários imprimem sobre o (Sub)espaço Geográfico Escola. Este objetivo surge a partir de algumas inquietações: Esses Sujeitos citados leem o espaço escolar como um recorte espacial vinculado às suas ações sobre o Espaço Geográfico? Será que é possível estruturarmos um nível – à que subcategoria do Espaço Geográfico estará vinculado o Sujeito – de pertencimento sobre espaço? E, ainda, com esta resposta será possível justificarmos, em parte, o quadro atual do Ensino e do Ensino de Geografia?

Ao longo do processo de análise compreendemos em primeiro momento que grandes aspirações podem, ou não, gerar frustrações, em outras palavras, a partir da pesquisa qualitativa compreendemos que nem todas inquietações apresentam repostas diretas e objetivas.

As expressões *“me sinto dona do colégio”, “absorve”, “mais tempo pensando no colégio”, “acho muito saudável”, “é para sempre esta relação”* nos apresentam num primeiro momento, como expressões de Sujeitos de distintos recortes e que possuem diferentes leituras sobre o (Sub)espaço Geográfico Escola, conferindo à ele uma relação de proximidade espacial/identidade com o recorte espacial e até mesmo representando a escola como um LUGAR, a partir da identidade e do sentimento de pertencimento.

Para tal afirmação, ou melhor, para construção deste Produto Temporário – a costura realizada entre Representações Sociais e Geografia e suas (sub)categorias - às queríamos saber se:

O Sujeito está ciente de sua função na escola, ou não?

A Escola é um Lugar para o Sujeito, ou não?

A Escola é um Não-lugar para o Sujeito, ou não?

A Escola é um Entre-lugar para o Sujeito, ou não?

Logo, foram realizadas as seguintes perguntas:

- *Enquanto _____ qual é a verdadeira importância de estar presente hoje na escola?*
- *Ao comparar a escola com outro lugar. Com que lugar a escola se parece para ti? Por quê? 2b) Você possui que tipo de sentimento com esse lugar? (você sente que escola pertence a sua identidade?) 2c) Descreva a escola. A escola é um lugar que _____ ...*
- *É suficiente o tempo que você na escola? Por quê? Gostaria de passar mais ou menos tempo? Por quê?3a) Em que outro lugar gostaria de estar neste período?Por quê?*
- *A escola é apenas uma fase na sua vida, ou não? Por quê? O tempo que fica na escola é suficiente para que você sinta um sentimento de pertencimento, ou não? A escola é um ambiente de trabalho/estudo, ou não? Por quê?*

Relembramos que como se trata de uma pesquisa qualitativa, não foi possível, como também não teve esta intenção, quantificar nossos resultados, e sim, apresentá-los em ressonância com nossas inquietudes, não a fim de limita-las, mas com o intuito da reflexão não apenas no campo teórico, mas principalmente, em que transformações nós podemos realizar em nossas práticas a partir dessas considerações.

Em outros momentos visualizamos diferentes Representações Sociais das já apresentadas até então por Sujeitos Professores e Sujeitos Funcionários, por exemplo:

- Eu vejo que a **escola é um lugar passageiro, tu fazes o que tem fazer, sai e depois te manda.** (Sujeito Professor Escola Jaguarão 01)

- **“A escola é uma fase na vida de uma pessoa”.** (Sujeito Funcionário Colégio Público Federal 01)

- **“É como se fosse uma firma.”** (Sujeito Professor e Funcionário – código M3.)

Entendemos nesses trechos a clareza quanto à diversidade da Representação Social atribuída a esse espaço. E também, da relação que expressa por alguns Sujeitos Professores e Funcionários, ora contra a necessidade de sentir-se pertencente à Escola, ora conflitantes de acordo com a natureza do Sujeito que tem como palco de atuação todo um complexo Espaço Geográfico, repleto de tensões e contradições.

A partir da transcrição das entrevistas dos Sujeitos Alunos, apresentamos os seguintes trechos:

- *“Porque eu passo a semana inteira aqui, e não venho só por vir, eu venho porque dou valor, porque acho que é essencial...”*. (Sujeito Aluno Colégio Particular 06)

- *“Porque eu me sinto bem, e me sinto confortável com este lugar.”*. (Sujeito Aluno Colégio Público Federal 02)

- *“... apesar de não gostar da escola, ela faz parte da minha vida...”*. (Sujeito Aluno Colégio Público Federal 07)

- *“Mas às vezes parece (a escola) nossa casa, graças aos nossos amigos...”*. (Sujeito Aluno Colégio Público Federal 08)

- *“Comparar (o espaço escolar) com a nossa casa talvez?”*. (Sujeito Aluno Colégio Público Federal 04.)

- *“A escola é um lugar que serve para gente aprender, para educar e também para fazer amizades, é um lugar social...”*. (Sujeito Aluno Colégio Público Federal 04)

- *“Minha vida está muito focada no colégio...”*. (Sujeito Aluno Colégio Público Federal 06)

- "... eu com certeza tenho um sentimento de pertencimento aqui, porque já **vivi muitas coisas aqui...**". (Sujeito Aluno Colégio Público Federal 05)

- "A escola é um lugar que **eu aprendo e me divirto ao mesmo tempo.**". (Sujeito Aluno Escola Jaguarão 01)

Após a leitura de como os Sujeitos Professores e Sujeitos Funcionários atribuem suas Representações Sociais nestes recortes espaciais estudados. Cabe a nós refletirmos sobre a fronteira subjetiva que os Sujeitos Alunos mantêm não só diretamente com o Espaço Geográfico, mas também, na sua extensão, na sua tectitude, nas relações Sujeito Alunos e (Sub)espaço Geográfico Escola.

O objetivo inicial desta análise em especial, foi o distanciamento entre o Sujeito Professor enquanto autoridade deveria de ser, e por ser autoridade, e deveria de ser deve ver-se como autoria, com uma instituição escola que faz parte de uma sociedade, o (Sub)espaço Geográfico Escola não faz só da parte da vida quando o Sujeito Professor e o Sujeito Aluno se sentirem vivendo no (Sub)espaço Geográfico Escola, vivendo seu próprio ato de vida...

O Sujeito Aluno aparece como um apêndice, em alguns momentos, ele não vê a escola como pertencimento de sua própria vida. Há uma falta de leitura *dos Sujeitos sobre o espaço ao espaço, ao não se localizarem na totalidade.*

Trechos a seguir, refletem a negação (ou a inteligência?) de alguns Sujeitos Alunos diante a instituição escolar.

"... só venho por vir", "... apesar de não gostar...", "... parece (a escola) nossa casa, graças aos nossos amigos...".

Se o espaço escolar não satisfaz plenamente os Sujeitos. Quais são as ações a se realizar para uma flexibilidade dos processos intrínsecos à este recorte espacial. De quais formas devemos repensar as funções da Escola de hoje?

O outro lado:

*“A escola é um lugar que serve para gente aprender, para educar e **também para fazer amizades, é um lugar social...** (Sujeito Aluno Colégio Público Federal 04)”;*
Minha vida está muito focada no colégio...”; “... nossa casa...”

Acima compreendemos algumas Representações Sociais, capazes, de neste momento, nos fornecer um produto temporário de como os Sujeitos Alunos entendem esse espaço. E também, nos possibilita encontrar alguns contrastes nas Representações de Lugar e Entre-lugar (o pertencimento temporário). Em outras palavras os Sujeitos parecem representar a escola como espaço orgânico e de uma dinâmica constante de transformações físicas e de relações sociais.

OBJETIVO ESPECÍFICO C

Quanto a ANALISAR se os Sujeitos professores entendem esse (Sub)espaço como Espaço Geográfico, ou não.

Neste momento, parece não ser possível afirmarmos que todos os Sujeitos professores compreendem o (Sub)espaço Geográfico Escola como um Espaço Geográfico. A partir das entrevistas e das observações realizadas sobre estes recortes espaciais obtivemos poucos registros capazes de atestar que todos ou maior parte dos Sujeitos Professores realizem esta leitura do espaço. O que de certa maneira, nos parece neste momento, que há professores de Geografia incapazes de compreender que os conflitos e ações próprias do Espaço Geográfico, ultrapassam os muros das instituições escolares e chegam até as salas de aula.

(Re)conhecendo provisoriamente o Sujeito Professor de Geografia:

Para tentar reconhecer um pouco da identidade do Sujeito professor de Geografia dos espaços físicos pesquisados, bem como, as suas Representações Sociais, a seguir surgem trechos de uma entrevista. O que procurávamos saber era: Como é lido pelo professor de Geografia o (Sub)espaço Geográfico Escola.

Durante nossa rotina de pesquisa podemos observar que há Sujeitos professores de determinadas disciplinas que rejeitam a compreensão de um Espaço múltiplo e uno – natural do Espaço Geográfico –. Desta forma, prejudicando seu relacionamento em sala de aula. É como se ao entrar em sala de aula o Sujeito Professor teria a capacidade de desligar-se do resto do mundo.

Conforme trecho extraído da transcrição da entrevista do Sujeito Professor (código M17.):

- “É muito difícil eles usarem o material. Eu desisti do mapa, eu desisti do livro eles nunca fazem o trabalho como tu mandas fazer...”.

Um Sujeito Professor que já desistiu de tantos recursos, parece ser também, aquele Sujeito que já desistiu de sua vida docente.

Como não poderia ser diferente há os contrastes naturais dos Sujeitos, e tivemos a oportunidade de encontrarmos Sujeitos Professores, com o tecido do Espaço Geográfico, mesmo que estruturado, ao mesmo tempo, ele é poroso:

- “Eu acho a geografia muito importante, até porque a gente coloca português e matemática na frente, mas assim, a Geografia é mesmo a localização! Tem gente que não sabe localizar dentro do próprio país. A Geografia pega muito a parte do meio ambiente e eu gosto muito, é uma das disciplinas mais gerais... Eu fiz uma pós-graduação em Meio Ambiente e vi como a Geografia é abrangente...” (Sujeito Professor Escola Jagurão 01)

- “Eu acho tão importante a noção de cultura, História e Geografia. Para mim saber isso, é saber muito.” (Sujeito Professor de Geografia 02)

Percebemos nas intenções dos trechos colado anteriormente uma tendência a abertura para o fim do “engavetamento” das ideias e uma maior aceitação do Sujeito Professor, a partir do momento, que (re)conheça a complexidade do mundo de hoje. Logo, reconhecemos também por parte dos Sujeitos Professor que há uma percepção das transformações e das necessidades da escola de hoje:

- “Eu acho que não só na escola, mas o dia-a-dia da gente é um aprendizado. Eu acho que a palavra valor, esta perdendo o valor, muitas vezes em sala de aula a gente cobra que o aluno tem que ser responsável, ele tem copiar, e ele não copia, o aluno aprovado, aquele estuda parece que está fora de moda. A gente infelizmente está perdendo o valor das coisas.”
(Sujeito Aluno Escola Jaguarão 01)

Este “perdendo o valor das coisas” podemos interpretar como a transformações dos paradigmas escolares, que os Sujeitos escolares tem entrado em conflito. Realçando desta maneira as seguintes inquietações: Qual é a função que deve ser exigida pela escola de hoje? Como a ciência geográfica pode colaborar na compreensão das transformações da sociedade?

OBJETIVO ESPECÍFICO D

Quanto a EXAMINAR se a proposta de ensino de Geografia contribui para a construção de *lugarizações* do Sujeito aluno (Ensino Fundamental e Médio), segundo os textos didáticos, ou não. Observamos que a arte de aprender-ensinar Geografia sugere para a busca de diferentes ferramentas de apoio (texto e/ou recurso) didático, dentre elas, encontrar a cada dia que passa outras novas ferramentas que sustentem uma efetiva construção do conhecimento geográfico.

Conforme o Sujeito Professor Colégio Público Federal 03:

- “Geografia... Eu acho que ela é importante... A Geografia social, a Geografia econômica que se fala, não só aquela coisa do espaço, tradicional... Nos anos 80 eu ficava morrendo de inveja dos meus alunos que estudam a Geografia costurada com a historia... Minha Geografia foi muito assim, só pintava o mapa de uma cor não pode pintar de outra... Eu aprendia as coisas por decreto, é assim porque deus quis... Quando eu estava na quinta série e as capitais de todos os países do mundo... Na casa do meu pai tinha um galpãozinho... E num calor muito forte eu ficava lá decorando as capitais... Só no final do ensino médio, aí sim começou a falar de Geografia econômica... Não adianta saber só onde fica o Oriente Médio,

onde ele está? É importante saber relacionar, tu tem que estar contextualizando com o que está acontecendo no mundo”.

Nos recortes espaciais investigados os textos didáticos que são utilizados em sala de aula variam. A partir da conversa com os Sujeitos Professores de Geografia de cada (sub)espaço, bem como a análise dos materiais, encontramos no conjunto a utilização de recursos “comuns” as aulas de Geografia: mapas, globos, textos informativos, notícias de jornais, revistas e internet, filmes e músicas.

“Tu eras mandado a usar o papel vegetal e copiar o mapa, e eu adorava, porque eu decorei cada mapa e aprendia tudo. Aqui eles não têm a noção que dentro da América do Sul eu tenho o Brasil, que eu ao atravessar a pontezinha estou em outro país, isso falta pra eles”. (Sujeito Professor de Geografia 02)

Pensamos que para a construção de *lugarizações*, os recursos didáticos deveriam procurar ligações que estabelecessem vínculos de pertencimento aos Sujeitos Alunos, tanto para o recurso, quanto para as aulas de Geografia.

Nos recortes espaciais de Porto Alegre, não encontramos nenhum recurso diferente daqueles já citados. Nos dois recortes espaciais da capital do Rio Grande do Sul os livros didáticos são utilizados, porém, conforme relatos, não em todas as aulas. A principal função do livro é suprir alguma carência de mapas e/ou imagens. Já no recorte da Fronteira, em Jaguarão/RS os Sujeitos professores abriram mão da utilização do livro didático de Geografia, pois sobrepondo a leitura de TONINI (2002) que aborda a identidade nos atuais livros didáticos de Geografia como

[...] uma primeira regularidade discursiva que consiste no uso de expressões com significados antagônicos. Esses escolhidos em contextos específicos, para compor as identidades dos continentes e países. essas expressões, ao mesmo tempo que fabricam identidades com suposta superioridade de uns, constroem identidade opostas para os outros (TONINI, p.21, 2002)

Questionamos-nos que identidade os livros didáticos são capazes de (re)criar? Ou que *lugarizações* eles permitem oportunizar aos Sujeitos Professores e Sujeitos Alunos? Da mesma forma que apresentam significados antagônicos. Utilizando-nos, mais uma vez da recursividade, pensamos no antagonismo que os Sujeitos Professores atribuem em suas Representações Sociais na escolha, ou não, dos livros. Parece ser possível ilustrar esta inquietação a partir do seguinte trecho de entrevista do Sujeito Professor de Geografia 02

- ***“Eu não estou mais trabalhando com livros, nós fizemos resumos que não são cópias. Trabalho com eles também com fotos, com mapas, eles pintam o mapa, mas acho isso errado, os alunos deveriam copiar o contorno dos mapas, pois assim exercem a memória”.***

O Discurso Antagônico: utilização do livro de didático de Geografia, afim de uma reprodução artesanal, ou, a utilização do mesmo como uma ferramenta que irá contribuir para construção de lugarizações.

Neste momento, nos parece, que o livro didático de Geografia, bem como, qualquer outro recurso didático, tende a perder o seu lugar – inversão de valores – na realização de um ensino de Geografia mais flexível para ambos Sujeitos desta fronteira subjetiva.

7 CERZINDO AS CATEGORIAS ESCOLA – GEOGRAFIA – REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO MESMO TECIDO: (Sub)espaço Geográfico Escola

Como vimos anteriormente a palavra escola vem do grego, e significa lugar do ócio. Na Grécia Antiga, muitas pessoas se reuniam na escola para refletir e pensar mais calmamente. Essa pratica ainda é usada por muitas pessoas nos dias atuais. Compreendemos hoje que a visão de escola como espaço social onde ocorre a dinâmica de aproximação e de afastamento, onde se criam e recriam conhecimentos e valores nos levam a crer que ela parece ser um terreno cultural caracterizado por vários graus de acomodação, contestação e resistência; uma pluralidade de linguagens e objetivos que compõe o próprio Espaço Geográfico.

A Escola, enquanto (sub)espaço, aparenta, neste momento, ser aquela que garante, e/ou que deveria garantir a qualidade de ensino educacional a cada um de seus Sujeitos Alunos, de modo que reconheça e respeite a diversidade de cada um de acordo com suas potencialidades – pensando na totalidade e na complexidade que é o Espaço Geográfico –.

O espaço da Escola parece ser neste período, um recorte no qual se deve favorecer à todos os cidadãos, o acesso ao conhecimento e o desenvolvimento de competências e de habilidades, ou seja, a possibilidade de apreensão do conhecimento produzido pela humanidade e de sua utilização no exercício efetivo e contínuo da cidadania. Colaborando no primeiro instante na orientação das informações acomodadas e assimiladas, lançados pelos mais diversos textos aos Sujeitos, em segundo momento para aplicar estas (novas) *Informações* em *Conhecimento*, e a seguir, em um terceiro momento, a *Sabedoria*, quando finalmente este conhecimento está apto a ser aplicado às (inter)relações intrínsecas à dinâmica que estabelecemos ao (Sub)espaço Geográfico Escola e na formação do aprendizado do Sujeito pós-moderno.

Acreditamos que uma das funções da Escola, além de auxiliar o Sujeito Aluno no processo de aprendizagem e de construção das competências é, também, que ela possa ser peça fundamental para a formação de conhecimentos

e valores que orientam nossa sociedade, ou seja, por meio dos conteúdos programados costumamos as *tecitudes* do conhecimento universal. A Escola destina-se a ser um lugar de motivação, de alegria, o prazer de frequentar a escola e aprender algo novo é o “combustível” que muitos Sujeitos têm para aceitar determinadas verdades desse nosso recorte espacial. O (Sub)espaço Geográfico Escola.

A partir de observações empíricas realizadas durante a pesquisa, foi possível identificarmos, em partes, os novos valores que hoje são atribuídos ao (Sub)espaço Geográfico Escola. Mesmo com a violência que se percebe no ambiente escolar, por exemplo: a agressividade entre os Sujeitos Alunos e a falta de respeito aos Sujeitos Professores não elimina a possibilidade de se construir saberes de grande valia para o desenvolvimento social dos Sujeitos. Mas as tensões de alterações que vive a Escola são passíveis de compreensão uma vez que a educação é complexa e feita de conflitos que se sobrepõe à dinâmica de fixos e de fluxos do Espaço Geográfico.

Ainda que o (Sub)espaço Geográfico Escola seja formado por todo este contexto, são constantes as discussões a respeito do “para que serve a

Escola de hoje enquanto instância educativa. Durante a pesquisa, observamos as diferentes interpretações de sua função e relevância na vida das pessoas. Logo, o que poderíamos entender como principal função da Escola inferimos que, neste momento, esse espaço deixou de fato, em parte, ser o centro de transmissão de conhecimento para se tornar responsável pela manutenção de valores e normas de conduta.

Por ser um (sub)espaço em que os Sujeitos passam grande parte do tempo, ele se torna fundamental para a construção de **lugarizações** destes. A Escola parece ter um papel muito importante na sociedade, ela engloba os processos de mediação dos conhecimentos necessários a convivência e ao ajustamento de um membro – Sujeitos – no seu grupo ou sociedade.

Presenciamos um momento em que a demanda pela participação da família na Escola parece ser crescente, considerando esta relação de reciprocidade como algo fundamental para o bom desenvolvimento do educando, enquanto indivíduo ativo do processo de ensino aprendizagem.

Pelo olhar de muitos Sujeitos o (Sub)espaço Geográfico Escola realmente aparenta ser uma extensão do recorte espacial do lar ao qual deve intensificar uma interação entre os Sujeitos Alunos e suas famílias. Esta inter(ação) pode favorecer, um processo educativo para o desenvolvimento dos Sujeitos. A participação dos responsáveis pelos Sujeitos Alunos em trabalhos da Escola torna-se essencial para que haja um diálogo entre eles auxiliando na aprendizagem do educando, ou não. Desta forma, os responsáveis pelos Sujeitos Alunos farão parte, efetivamente, da Representação Social do (Sub)espaço Geográfico Escola.

Assim, fica “registrado” o reconhecimento da importância do contato e das relações dos Sujeitos Escolares, para uma boa efetiv(ação) sobre a instituição. Uma vez que o trabalho em conjunto tem o intuito de proporcionar o desenvolvimento de comportamentos que contribuirão na formação do Sujeito Aluno.

Podemos dizer, a partir das entrevistas realizadas, que o (Sub)espaço Geográfico Escola parece ser um prolongamento do (Sub)Espaço Geográfico Lar, onde os Sujeitos se socializam com os outros e partilham o seu cotidiano. Assim, a colaboração e a interação dos Sujeitos responsáveis pelos Sujeitos Alunos com os Sujeitos professores ajudam a resolver muitas questões de âmbito escolar.

A Representação Social da Escola surge, aparentemente, de uma estrutura que foi internalizada pelos Sujeitos durante o seu desenvolvimento. A cada dia essa representação pode ser moldada por novos conhecimentos resultados de experiências compartilhadas por Sujeitos de vários grupos sociais.

Dentro dessa perspectiva de Representação Social do (Sub)espaço Geográfico Escola, percebemos uma diversidade de ideais, pois a representação pode ser considerada de forma subjetiva. Para um determinado grupo da sociedade a Escola poder ser o “segundo lar” dos Sujeitos, onde elas aprendem a viver, reconhecer e conviver na sociedade. Para outro, a Escola é um lugar onde os Sujeitos são formados, o processo de desenvolvimento individual e coletivo é moldado com as vivências no âmbito escolar. Ela também poder ser considerada como um espaço de conscientização onde os Sujeitos aprendem novas atitudes; uma mudança significativa para as relações sociais, ou não.

À Escola pode ser atribuída também à uma mera função de trabalhar temas relevantes para os Sujeitos Alunos, construir em conjunto com elas um aprendizado que lhe sirva para viver harmoniosamente na sociedade. Dessa forma ela se torna mediadora do conhecimento, das relações interpessoais e sócioespaciais, das histórias de vida, das (re)ações dos Sujeitos Alunos e Sujeitos Professores em sala de aula, enfim, um jogo de acontecimentos permeados pelo (Sub)espaço Geográfico Escola que auxiliam na construção do conhecimento e das Representações Sociais.

O (Sub)espaço Geográfico Escolar acaba se tornando um lugar representativo e privilegiado para a observação das representações que são construídas no interior dos grupos sociais.

Pensar o tema Representações Sociais da (Sub)espaço Geográfico Escola implica considerar uma gama de reflexões sobre este recorte espacial e as diversas maneiras em que ele é visto pela sociedade, pois os diferentes tipos de representações são construídos por meio das relações interpessoais de um determinado grupo. Paulatinamente, o conceito de Representação Social parece estar atravessando as ciências humanas e contribuindo para a interpretação de fenômenos sociais contemporâneos.

É um saber coletivo influenciado por vivências e experiências do dia-a-dia, por conceitos e interações entre as várias culturas. As Representações Sociais são construídas na observação de fenômenos e tem fundamentos ancorados tanto na sociologia como na antropologia. E, na Geografia? Como podemos realizar a associação das Representações Sociais mesmo?

A aceitação da Teoria das Representações Sociais pela Geografia parece já estar posta. A renovação proposta pela Geografia Cultural na década de 90 talvez seja o exemplo mais claro da incorporação dos seus referenciais teóricos.

De fato, a necessidade de ultrapassar as abordagens focadas tão somente na Geografia Tradicional e nos aspectos materiais da cultura de um lado e, de outro, a diversificação das atividades urbanas, associada ao pluralismo e à velocidade com que se processam as mudanças econômicas, políticas e culturais na contemporaneidade, fazem da compreensão das Representações Sociais uma ferramenta para a interpretação dos textos que se fazem presentes no cotidiano.

A experimentação de fatores subjetivos aos estudos da Geografia Cultural impõe uma questão metodológica, referente ao risco de se incorrer em generalizações assegurando que os complexos modos particulares de leitura de mundo que os múltiplos Sujeitos têm possam ser contemplados. Além disso, o enfoque cultural, como não poderia deixar de ser, pressupõe que o mundo não é uma realidade pronta e que dele advém as infinitas partes (do mundo) determinantes que se impõem aos Sujeitos.

A Representação Social da escola é uma expressão da realidade que os Sujeitos constroem ao longo de sua vida. Nessa construção são criadas articulações entre o passado, o presente e o futuro e isso proporciona ao desenvolvimento de várias ideias a respeito dela, a Escola, formando uma visão coletiva do ambiente escolar. A representação resulta de um contínuo processo de apreensão e construção da realidade, e a escola, nesse processo, é vista conforme a vivência e a experiência própria de cada indivíduo.

As Representações Sociais encontra-se em um referencial de pensamento preexistente, dependendo, portanto, de um sistema de crenças, valores e imagens – a partir da identidade do Sujeito, ponto inicial ou final no estudo da Geografia e das (inter)(pluri)relações sobre os Espaço Geográfico, justificando assim, neste movimento dinâmico, recursivo e complexo a colaboração das Representações Sociais à Geografia. Compreender a Geografia posta sobre a Geografia – a metalinguagem da Geografia que se faz presente na análise dos conceitos operacionais da ciência geográfica, entre eles, o Lugar, o Não-lugar e o Entre-lugar –.

Esse aspecto parece ser da maior importância, sobretudo para os Sujeitos Professores que vierem a incorporar esse procedimento para diagnosticar suas turmas, uma vez que estarão diante de problemas aflorados e possível ausência de repostas para um fazer pedagógico mais efetivo. É nesse contexto, portanto, que ações didáticas devem ser pensadas. Como proporcionar *lugarizações* aos Sujeitos Alunos no dia-a-dia escolar? Essas *lugarizações* estão em práticas didático-pedagógicas que expressam valores, sentimentos, percepções, sensações, lembranças, pertencimento.

Decorre daí duas questões: primeira, como ordenar o trabalho pedagógico com os conteúdos individuais, tendo em vista sua sistematização? Segunda, a se

manter o estudo focado nos espaços de vivência do Sujeito Aluno, como reconhecer suas determinações, uma vez que o lugar não se explica por ele mesmo?

Esses questionamentos guardam uma relação com a sistematização dos conteúdos, com o planejamento das aulas, além dos encaminhamentos metodológicos. Sendo assim, por agora, nos parece importante que os Sujeitos Professores que por ventura façam uso desse recurso, que o façam à luz dos objetivos e finalidades do ensino de Geografia e do desenvolvimento de suas categorias a partir da identidade do Sujeito Aluno.

Como podemos compreender a partir dos pilares do Ensino de Geografia, essa disciplina escolar possibilita o desenvolvimento humano em três dimensões: a das habilidades básicas de pensamento (observação, análise, comparação, síntese, avaliação), a das atitudes do educando (posicionamentos valorativos que se incorporam ao seu repertório de atitudes) e das habilidades técnicas.

Os resultados alinhavados, até este momento da pesquisa, indicam que os Sujeitos Alunos em sua menor parte consideram sua Escola como um Não-Lugar, mas também dentro da compreensão das categorias do Espaço Geográfico, este recorte espacial não reconhecido em sua maior parte como um espaço onde predomina um sentimento de pertencimento. Já os Sujeitos Professores compreendem, em sua maioria, este recorte espacial, como local de realização e de objetivação de suas práticas docentes e afirmam reconhecer uma identidade sobre o (Sub)espaço Geográfico Escola. Aqui se faz necessária uma observação: mesmo adjetivando a Escola como um Lugar, pelos professores, questiona-se que capacidades se fazem necessárias para que concretizem ações para a oferta da *lugarizações* e a reflexão do Espaço Geográfico próximo, ou espaço local.

A aprendizagem do Sujeito Aluno tem sido objeto de estudo de várias pesquisas e trabalhos, como por exemplo, as obras de Moacir Gadotti e de Paulo Freire que expõem uma série de reflexões sobre o Ensino no Brasil, no entanto, alguns fatores que nela interferem ainda são pouco estudados. Entre eles, optamos por estudar nesta pesquisa, os fatores que se correlacionam com a aprendizagem e as Representações Sociais dos Sujeitos Alunos, Sujeitos Professores e demais Sujeitos Escolares sobre o próprio (Sub)espaço Geográfico

Escola, buscando, assim, uma possível compreensão provisória, ou não, para as questões da aprendizagem e o desempenho dos Sujeitos Alunos na Escola.

As Representações Sociais construídas pelo Sujeito Aluno são influenciadas pelas Representações Sociais elaboradas pela sociedade, constituindo um processo aqui denominado (meta)representação (representação de outra representação). A partir da pesquisa foi possível compreender o conteúdo dessa (meta)representação que põe o Sujeito Aluno em uma situação de inferioridade. A internalização dessa inferioridade deve influenciar negativamente sua auto-estima, tendo reflexo, conseqüentemente, em suas atitudes escolares, na sua aprendizagem e no seu desempenho na escola.

A relevância da Teoria das Representações Sociais no âmbito do ensino da Geografia Escolar ao tratar de aspectos que apontem para a efetividade metodológica das práticas pedagógicas em relação aos conhecimentos produzidos pela Universidade e que a Escola busca incorporar. Contudo, expressamos, neste momento, que o uso das Representações Sociais na pesquisa nos aponta o ensino da Geografia à uma revelação de resultados temporais frustrantes, isto é, indicam que a Geografia é secundária na vivência individual e social, com raras exceções. Acreditamos que essa é uma questão sobre a qual devemos nos dedicar à reflexões coletivas.

Assim, consideramos, provisoriamente, que a investigação das Representações Sociais da Escola parece ser um instrumento fundamental para entendermos estas expectativas, uma vez que, ao falarmos de Representações, nos referimos a um conhecimento construído coletivamente, o que nos proporciona, através desta pesquisa, a relação recíproca entre Sujeitos Alunos x Sujeitos Professores, ponto fundamental para analisarmos o que a escola é, e o que deveria e poderia ser, de acordo com os Sujeitos Escolares, trabalhando, a partir disso, para o seu progresso.

8 CONSIDERAÇÕES PARA AUSPICIOSAS REFLEX(AÇÕES)...

A forma como o (Sub)espaço Geográfico Escola é capaz, ou não, de reconhecer os elementos que constituem a identidade da sociedade, parece estar no centro do processo educativo.

Admitindo-se que a diversidade de identidades tornou-se marcante nos últimos tempos, a Geografia, em especial a de abordagem humanista, parece ter a possibilidade de contribuir incisivamente para o processo de identificação deste ambiente cultural em que a instituição Escola se insere.

Ao emergir uma Geografia das Representações (Sociais), que se apoia na premissa humanista de valorização de um conceito amplo de ser humano, o elenco das possibilidades de tratamento das questões de identidade cultural, ganha um significativo reforço.

O (Sub)espaço Geográfico Escola compreendido como um espaço onde as relações humanas ocorrem de maneira extremamente in(tensa), contraditória e solidária, é também, por conta disso, o recorte espacial onde os conhecimentos e representações são compartilhados e gerados. Como já apontada a necessidade de se *(re)identificar* as representações que alunos têm de conceitos e conteúdos trabalhados em sala de aula, para que o processo de construção destes conhecimentos, na escola, seja mais efetivo.

No entanto, conforme anteriormente já exposto, nossos esforços aqui concentraram-se em investigar o fenômeno das Representações Sociais, enquanto um dos pilares que sustentam as relações sociais que se processam no (Sub)espaço Geográfico Escola. Nos interessa, neste momento, verificar as possíveis contribuições que as Representações Sociais, e paralelamente a ciência geográfica podem dar ao entendimento dessas relações e dos conflitos que ocorrem no ambiente escolar, sob a luz da Teoria das Representações Sociais organizado a partir do olhar do Ensino e do Ensino de Geografia hoje.

A instituição Escola, por excelência, é um desses ambientes onde o conflito entre universos de Sujeitos complexos, torna-se evidente, seja pelo próprio processo ensino-aprendizagem ou mesmo pela imposição hierárquica de papéis e

sua conseqüente imposição de um elenco de normas de relacionamento que regem o funcionamento deste (sub)espaço.

Evidenciar esses elementos, comuns ou não, entre aqueles que participam do cotidiano escolar, pode favorecer à solução de incompatibilidades e propiciar maior envolvimento por parte dos frequentadores deste ambiente. Identificar aquilo que constitui estes “*sistemas de preconceções, imagens e valores*” que contribuem para o desenvolvimento e manutenção das práticas, atitudes e comportamentos no (Sub)espaço Geográfico Escola.

Presenciando durante a pesquisa os recortes espaciais de análise, estava presente constantemente o trato atribuído ao espaço escolar: muitas vezes como um mero espaço de encontro. Onde a fronteira Sujeito Professor – Sujeito Aluno é traçada a partir de um limite subjetivo: a falta de limites. Ignorar a presença do Sujeito Professor e os temas trabalhados em sala de aula e as normas de convivência escolar foi uma constante.

O Espaço Escolar tem, em parte, abandonando a função e o valor agregada à sua razão, como o local para o exercício da aprendizagem responsável pela formação dos Sujeitos pós-modernos. As relações que são estabelecidas entre os Sujeitos que compõe esse espaço parecem tomar parcialmente essa função, colocando as relações dos processos de ensino e aprendizagem, como já vimos, em outras prioridades funcionais.

E assim, nos revelando uma inquietude constante: como os Sujeitos Professores, Sujeitos Alunos, Sujeitos Funcionários e Sujeitos Responsáveis pelos Sujeitos Alunos lêem este espaço escolar atualmente? A partir dessa leitura e da interação, que os Sujeitos estabelecem nesse espaço, parece ser possível incorporar em uma análise das categorias do Espaço Geográfico apontando como a identidade escolar se faz, ou não, presente. Qual é a Representação Social que hoje é atribuída ao (sub) Espaço Geográfico escola? A partir desse questionamento, buscamos no encaminhamento dos planejamentos das aulas refletir sobre o Ensino e o papel que a ciência Geográfica tem exercido enquanto disciplina escolar e promover a Geografia, ainda que temporariamente no cotidiano dos alunos.

É incrível, como podemos ainda não pensar que ensinamos (Será mesmo que ensinamos?) aos alunos essa Geografia caótica, que se propõe a verdades

eternas, à crítica sobre o mundo e muito menos à (re)significações de leituras do espaço em que vive? Incomodados com essa realidade, alguns graduandos e recém graduados em Geografia percebem que está na hora de propor uma mudança nos caminhos mais comumente traçados para o ensino em Geografia. Logo, requer aceitar os riscos do desafio do novo, enquanto inovador, enriquecedor, e rejeitar quaisquer formas de discriminação que separe as pessoas em raça, classes... É ter certeza, mesmo provisoriamente, de que faz parte de um processo inconcluso, uma costura inacabada (felizmente) apesar de saber que o ser humano é um ser condicionado, portanto há sempre possibilidades de interferir na realidade a fim de modificá-la. Acima de tudo, ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando. O respeito à autonomia e à dignidade de cada um parece ser imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros.

Nessa pesquisa, deu-se encaminhamento para uma verdade provisória: é importante que os Sujeitos Professores e os Sujeitos Alunos sejam curiosos, instigadores. Desfazendo a morosidade da Geografia Tradicional ainda presente nas acomodações dos Sujeitos Professores e nas incomodações dos Sujeitos Alunos.

Então, parece necessário, questionarmos constantemente: até quando continuará sendo reproduzida essa Geografia tradicional? Até quando desestimulará os alunos a pensarem? Até quando será “transmitida” uma educação irrealista, uma instituição Escola excludente?

Diante desse cenário que parecem estar parte do (Sub)espaço Geográfico Escola, pensamos: será que ainda vale a pena acreditar o *Novo* ensino em/de Geografia, ou não? Pensamos, neste momento que sim, porém é preciso criar desassossegos para sonhar e romper com a atual estrutura do ensino praticado.

Neste momento, parece se fazer necessário, portanto, que se proporcionem momentos para experiências, para buscas. O Sujeito Professor precisa estar disposto a ouvir, a dialogar, a fazer de suas aulas momentos de liberdade para falar, debater e ser aberto para compreender o querer de seus alunos. Para tanto, é preciso querer bem, gostar do trabalho – ler este (sub)espaço – e gostar do Sujeito Aluno – interpretar este Sujeito e sua(s) complexidade(s) –. Talvez, não com um gostar ou um “querer bem” ingênuo, que

permite atitudes que extravasam negativamente a proposta e razão de existir da instituição escola e que não impõe limites, ou que sensibiliza situação de menos experiente do Sujeito Aluno, ou ainda que “deixa tudo como está que o tempo há de resolver”.

Referimos-nos aqui, de um “querer bem” pelo ser humano, pelo Sujeito em desenvolvimento que está ao seu lado, a ponto de dedicar-se, de doar-se e de trocar experiências, e um gostar de aprender e de incentivar a aprendizagem, um sentir prazer em ver/perceber/reconhecer/sentir o Sujeito Aluno desvelando e costurando o conhecimento, e, (re)identificar-se diante desse Sujeito.

9 NOSSOS MOLDES DE COSTURA – REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado**. 8 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

CATAPAN, A. Hack. **O processo do trabalho escolar**, In: Perspectiva, 1996.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **A Complexidade do Espaço Geográfico Escola: lugar para estudar ou entre - lugar para turistificar?**. Cadernos do Aplicação (UFRGS). 2006. v. 19, p. 87-96.

_____, Antonio Carlos. **A Fronteira e os seus Silêncios**. In: Anais VI Seminário Internacional de Turismo de Fronteira 2009, Santa Maria/RS. Como consolidar oportunidades fronteiriças. Santa Maria: UNIFRA, 2009.

_____, Antonio Carlos. **A geografia do espaço turístico como construção complexa da comunicação**. 2004. Tese de Doutorado – Pontifícia Universidade Católica do Rio grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

_____, Antonio Carlos; ROSSATO, S.; LUZ, R. R. S.. **Ensino de Geografia: caminhos e encantos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007a.

_____, Antonio Carlos. (Org). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 4.^a ed., Porto Alegre: Editora Mediação, 2005.

_____, Antonio. Carlos.; GASTAL, Susana. **Fronteiras e Turismo: Tensionando Conceitos**. In: IV Semintur: Seminário de pesquisadores em turismo do Mercosul e III Anptur: Seminário da Associação de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo., 2006, Caxias do Sul. IV SEMINTUR e III ANPTUR. Caxias do Sul : publicação em CD, 2006. v. 1. p. 123-137.

_____, Antonio Carlos.; CALLAI, Helena. C.. SCHÄFFER, Neiva. O. KAERCHER, Nestor. A. (Orgs.). **Geografia em Sala de Aula: práticas e reflexões**. 4ª ed. Porto Alegre. Editora da UFRGS. 2003.

_____, Antonio. Carlos.. **O lugar da Geografia no entre-lugar do espaço turístico, uma viagem complexa**. In: IX Coloquio Internacional de Geocrítica, 2007, Porot Alegre. IX Colóquio Internacional de Geocrítica - Los Problemas del MundoActual Soluciones y Alternativas desde la Geografia y Las Ciencias Sociales, 2007c.

BARTHES, Roland. **O Óbvio e o Obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,1990.

_____, Roland. **Elementos de Semiologia**. São Paulo: Cultrix, 1972.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papyrus, 1998.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianopolis: Ed. da UFSC, 1999.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Orgs.) **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**, Bookman e Artmed: Porto Alegre, 2006.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

FERNANDES, Florestan. **Educação e sociedade no Brasil**. São Paulo: Dominus e Edusp.1966.

FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 2^o ed. Bookman e Artmed: Porto Alegre, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 10^a ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 2^a ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH Sandra. **Textos em Representações Sociais**. 8^a ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **A Geografia Está em Crise**. Viva a Geografia. In: Boletim Paulista de Geografia Número 55. São Paulo: AGB - São Paulo, 1978.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2003.

HOLZER, Werther. **O conceito de lugar na geografia cultural-humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea**. In: Geographia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense. Niterói: ano V, n. 10, 2003

KAERCHER, Nestor André. **A Geografia Escolar na Prática Docente: a utopia e os obstáculos epistemológicos da Geografia crítica**. São Paulo, SP: USP, 2004.

Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico**: questões e propostas. São Paulo: Contexto, 2008.

LIMA, Rita. C. P.; GONÇALVES, Marlene F. C. (Orgs.). **Sujeito, escola, representações**. Florianópolis: Insular. 2006.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço**. Uma nova política da espacialidade. Bertrand Brasil, 2008.

MENEGOLLA, Maximiliano. **E agora, Escola?** Petrópolis: Vozes. 1991.

MOREIRA, Ruy. **O que é geografia**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 12ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

_____, Edgar. A comunicação pelo meio (teoria complexa da comunicação). **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, Brasil, v. 1, n. 20, 2006b.

_____, Edgar. **A necessidade de um pensamento complexo**. In: Representação e complexidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

_____, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro / Edgar Morin**; tradução de(Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya). – 2. ed. – São Paulo : Cortez ; Brasília, DF : UNESCO, 2000.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**. Investigações em psicologia social. Petrópolis, Vozes, 2003.

ARADOWISK, Mariano. Adeus à Infância: e à escola que educava. In: SILVA, Luiz Heron. (Org.). **A Escola Cidadã no Contexto da Globalização**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 172-177.

NOGUEIRA, Ricardo J.B.. **Fronteira: espaço de referência identitária?** Ateliê Geográfico Revista Eletrônica [on-line]. v.1, n.2. Goiânia: UFG – IESA, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/atelie/article/viewFile/3013/3051>>. ISSN 1982-1956.

PERRENOUD, Philippe; THURLER, Monica G. **As Competências para Ensinar no Século XXI - Formação dos Professores e o Desafio da Avaliação**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, A. C.; KAERCHER, N. A. (Orgs.). **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Artmed, 2007b.

SACRISTÁN. J. G. **Educar e Conviver na Cultura Global – as exigências da cidadania**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Edusp, 1996.

XAVIER, Maria Luisa M. **Os Incluídos na Escola: o disciplinamento nos processos emancipatórios** (cap. 5 – A modernidade: escola e disciplina para além das evidências – p.54 – 74). Porto Alegre, RS: UFRGS, 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

APÊNDICE

ROTEIRO DE ENTREVISTA I

Roteiro realizado com os Sujeitos diretamente relacionados com o (Sub)Espaço Geográfico Escola:

- Sujeito Professores;
- Sujeito Alunos;
- Sujeito Professor de Geografia.

O que queremos saber:	Como foi perguntado:
O Sujeito está ciente de sua função na escola, ou não?	1) Enquanto _____ qual é a verdadeira importância de estar presente hoje na escola?
A Escola é um lugar para o Sujeito, ou não?	2) Ao comparar a escola com outro lugar. Com que lugar a escola se parece para ti? Por quê? 2b) Você possui que tipo de sentimento com esse lugar? (você sente que escola pertence a sua identidade?) 2c) Descreva a escola. A escola é um lugar que _____ ...
A Escola é um não-lugar para o Sujeito, ou não?	3) É suficiente o tempo que você na escola? Por quê? Gostaria de passar mais ou menos tempo? Por quê?3a) Em que outro lugar gostaria de estar neste período?Por quê?
A Escola é um entre-lugar para o Sujeito, ou não?	4) A escola é apenas uma fase na sua vida, ou não? Por quê? O tempo que fica na escola é suficiente para que você sinta um sentimento de pertencimento, ou não? A escola é um ambiente de trabalho/estudo, ou não? Por quê?
Qual é a Representação imaterial atribuída à escola?	5) Quais são os valores que você conheceu/adquiriu através da escola?
Qual é a Representação material atribuída à escola?	6) Que grau de importância você dá ao patrimônio (materiais e recursos da escola) de sua escola? Por quê? São fundamentais para a instituição? Por quê?

Totalidade na escola – Sujeitos lêem a escola como um Espaço Geográfico?	7) Qual é a importância da escola para a sua cidade, seu estado, seu país? Qual é a importância da sua cidade, seu estado, seu país para sua escola?
A proposta de ensino de Geografia permite a construção de lugarizações do Sujeito aluno, ou não? (PERGUNTA 8 SOMENTE PARA SUJEITOS ALUNOS)	8) Qual é a importância da Geografia para você? 8b) Que conteúdos da Geografia lhe atraem mais? 8c) Descreva uma aula de Geografia que mais tenha marcado você nos últimos tempos. Por que ela lhe marcou? 8 d) Que tema você estava trabalhando?

*funcionários, pais, responsáveis, diretor .

ROTEIRO DE ENTREVISTA II	
Sujeito Professor de Geografia e seu Material didático	
O que queremos saber:	Como foi perguntado:
Os “valores educacionais” do material didático para o Sujeito Professor.	1) Qual é a importância do material didático em suas aulas?
Como e com qual frequência o Sujeito Professor faz uso do material didático.	2) De que maneira você utiliza esse material didático? Ele está sempre presente em sala de aula, ou não?
Do material didático.	3) Quais são os materiais didáticos que você prefere trabalhar? Por quê?
Eficiência do material didático para o Professor	4) Descreva uma aula cujo material didático foi bem utilizado (Que tipo? Quando? Recepção do material pelos os alunos?) 4b) Lembre uma aula que cujo o material didático não empregado de maneira eficaz em sua concepção (Que tipo? Quando? Recepção do material pelos os alunos?).

<p>SUJEITO: (X) ALUNO () PROFESSOR () FUNCIONÁRIO</p> <p>CÓDIGO:</p> <p>Sujeito Aluno Colégio Público Federal 01</p>
<p>1 Enquanto Sujeito Aluno qual é a verdadeira importância de estar presente hoje na Escola?</p>
<p>A importância é aprender sempre coisas novas, mesmo que algumas coisas não servirem para nada no futuro.</p>
<p>2) Ao comparar a escola com outro lugar. Com que lugar a escola se parece para ti? Por quê? 2b) Você possui que tipo de sentimento com esse lugar? (você sente que escola pertence a sua identidade?) 2c) Descreva a escola. A escola é um lugar que _____ ...</p>
<p>Nenhum lugar porque a escola é um lugar único fisicamente, mas se parece um pouquinho com a minha casa porque é onde aprendemos a maioria das coisas que sabemos. Eu tenho sentimento pela minha casa, mas pela escola não, acho que vou ter algum sentimento quando sair dela.</p>
<p>3 É suficiente o tempo que você na escola? Por quê? Gostaria de passar mais ou menos tempo? Por quê? 3a) Em que outro lugar gostaria de estar neste período? Por quê?</p>
<p>No nosso colégio tem muito tempo de aula, acho que não precisa de aula a tarde, porque eu não tenho tempo para fazer as coisas que eu gosto.</p>
<p>4 A escola é apenas uma fase na sua vida, ou não? Por quê? O tempo que fica na escola é suficiente para que você sinta um sentimento de pertencimento, ou não? A escola é um ambiente de trabalho/estudo, ou não? Por quê?</p>
<p>Sim, é uma fase mas que vai servir para toda vida. A escola não é ambiente de trabalho e estudo, mas também de amizade.</p>
<p>5 Quais são os valores que você conheceu/adquiriu através da escola?</p>
<p>As minhas Amizades.</p>
<p>6 Qual é a importância da escola para a sua cidade, seu estado, seu país? Qual é a importância da sua cidade, seu estado, seu país para sua escola?</p>
<p>-</p>
<p>8 Qual é a importância da Geografia para você? 8b) Que conteúdos da</p>

Geografia lhe atraem mais? 8c) Descreva uma aula de Geografia que mais tenha marcado você nos últimos tempos. Por que ela lhe marcou? 8 d) Que tema você estava trabalhando?

Eu particularmente detesto geografia, mas adoro saber sobre outros países, outras culturas. Não me lembro de uma que marcou...

SUJEITO: (X) ALUNO () PROFESSOR () FUNCIONÁRIO

CÓDIGO:

Sujeito Aluno Colégio Público Federal 02

1 Enquanto Sujeito Aluno qual é a verdadeira importância de estar presente hoje na Escola?

A importância de estudar, aprender, a educação. A verdadeira importância de estar começando o meu futuro, estou projetando o meu futuro, a minha carreira.

2) Ao comparar a escola com outro lugar. Com que lugar a escola se parece para ti? Por quê? 2b) Você possui que tipo de sentimento com esse lugar? (você sente que escola pertence a sua identidade?) 2c) Descreva a escola. A escola é um lugar que _____ ...

Com a minha a casa. Porque eu me sinto bem, e me sinto confortável com este lugar. Sim, sinto uma relação íntima

3 É suficiente o tempo que você na escola? Por quê? Gostaria de passar mais ou menos tempo? Por quê? 3a) Em que outro lugar gostaria de estar neste período? Por quê?

Sim. Porque aprendemos o suficiente. Menos, porque acordamos muito cedo. Em casa, porque é melhor di estar na escola.

4 A escola é apenas uma fase na sua vida, ou não? Por quê? O tempo que fica na escola é suficiente para que você sinta um sentimento de pertencimento, ou não? A escola é um ambiente de trabalho/estudo, ou não? Por quê?

Sim porque é fase base da sua vida, onde aprendemos tudo. Não tenho

nenhum tipo de sentimento pela escola. A escola é um lugar de estudo e também de trabalho.
5 Quais são os valores que você conheceu/adquiriu através da escola?
Respeito, confiança e união.
6 Qual é a importância da escola para a sua cidade, seu estado, seu país? Qual é a importância da sua cidade, seu estado, seu país para sua escola?
A importância de
8 Qual é a importância da Geografia para você? 8b) Que conteúdos da Geografia lhe atraem mais? 8c) Descreva uma aula de Geografia que mais tenha marcado você nos últimos tempos. Por que ela lhe marcou? 8 d) Que tema você estava trabalhando?
A Geografia para mim representa o mundo. Os continentes. Porque eu gosto de aprender sobre países, continentes. Marcou-me as aulas com filmes, principalmente quando estudamos a África.

SUJEITO: (X) ALUNO () PROFESSOR () FUNCIONÁRIO CÓDIGO: Sujeito Aluno Colégio Público Federal 03
1 Enquanto Sujeito Aluno qual é a verdadeira importância de estar presente hoje na Escola?
Para garantir um bom futuro, para poder fazer uma faculdade, para poder ter um bom emprego e se ser alguém importante na vida.
2) Ao comparar a escola com outro lugar. Com que lugar a escola se parece para ti? Por quê? 2b) Você possui que tipo de sentimento com esse lugar? (você sente que escola pertence a sua identidade?) 2c) Descreva a escola. A escola é um lugar que _____ ...
Se parece com uma faculdade, porque são lugares onde aprendemos e conhecermos mais. São lugares básicos para termos nosso futuro. Um sentimento de evolução, de gana e ambição, onde os dois aprendem, quem ensina também aprende. A escola é um lugar onde aprendemos.

<p>3 É suficiente o tempo que você na escola? Por quê? Gostaria de passar mais ou menos tempo? Por quê?3a) Em que outro lugar gostaria de estar neste período?Por quê?</p>
<p>Sim, porque tenho o tempo exato, não muito e nem pouco. Em casa, porque eu estaria sem fazer nada e nem teria que fazer trabalhos.</p>
<p>4 A escola é apenas uma fase na sua vida, ou não? Por quê? O tempo que fica na escola é suficiente para que você sinta um sentimento de pertencimento, ou não? A escola é um ambiente de trabalho/estudo, ou não? Por quê?</p>
<p>Eu acho que a escola também é um a fase da vida, porque na infância e na adolescência, às vezes as vezes passamos mais tempo na escola do que em casa, ou em outros lugares. O tempo é suficiente para ter o sentimento de de pertencimento. E a escola é um lugar de trabalho, porque os jovens podem ter emprego e vão para escola.</p>
<p>5 Quais são os valores que você conheceu/adquiriu através da escola?</p>
<p>Eu aprendi a aprender, a saber como usar o conhecimento e aplicá-lo em minha vida.</p>
<p>6 Qual é a importância da escola para a sua cidade, seu estado, seu país? Qual é a importância da sua cidade, seu estado, seu país para sua escola?</p>
<p>Horrível, o governo não dá muito dinheiro e a diretoria não utilizam adequadamente. O patrimônio da escola é fundamental também garantir o melhor ensino do aluno, se os recursos fossem cuidados a nossa escola poderia ser muito melhor.</p>
<p>8 Qual é a importância da Geografia para você? 8b) Que conteúdos da Geografia lhe atraem mais? 8c) Descreva uma aula de Geografia que mais tenha marcado você nos últimos tempos. Por que ela lhe marcou? 8 d) Que tema você estava trabalhando?</p>
<p>Para conhecer mais sobre o mundo, continentes e os governos. Os continentes me atraem mais, porque eu aprendi mais sobre lugares distantes de mim. A aula que mais me marcou foi uma que teve uma experiência de como o nível do mar aumenta com a poluição, porque eu pude ver uma demonstração como o mundo está perigoso ultimamente, estava</p>

trabalhando o tema Antártida.

SUJEITO: (X) ALUNO () PROFESSOR () FUNCIONÁRIO

CÓDIGO:

Sujeito Aluno Colégio Público Federal 04

1 Enquanto Sujeito Aluno qual é a verdadeira importância de estar presente hoje na Escola?

Para aprendermos mais coisas.

2) Ao comparar a escola com outro lugar. Com que lugar a escola se parece para ti? Por quê? 2b) Você possui que tipo de sentimento com esse lugar? (você sente que escola pertence a sua identidade?) 2c) Descreva a escola. A escola é um lugar que _____ ...

Parece com a minha casa, porque fico mais tempo no colégio do que em casa. Não tenho nenhum sentimento. A escola é um lugar que se aprende.

3 É suficiente o tempo que você na escola? Por quê? Gostaria de passar mais ou menos tempo? Por quê? 3a) Em que outro lugar gostaria de estar neste período? Por quê?

Sim, porque já é bastante tempo no colégio. Menos tempo, porque o colégio já está enjoando, gostaria de estar em casa para descansar.

4 A escola é apenas uma fase na sua vida, ou não? Por quê? O tempo que fica na escola é suficiente para que você sinta um sentimento de pertencimento, ou não? A escola é um ambiente de trabalho/estudo, ou não? Por quê?

Sim, porque quando eu for maior, vou trabalhar. Sim, é um local de estudo.

5 Quais são os valores que você conheceu/adquiriu através da escola?

De ter mais amigos, educação e lógica.

6 Qual é a importância da escola para a sua cidade, seu estado, seu país? Qual é a importância da sua cidade, seu estado, seu país para sua escola?

Eu dou muito valor para os materiais da escola, porque têm muitas escolas que não tem nada e a nós temos que aproveitar.

8 Qual é a importância da Geografia para você? 8b) Que conteúdos da

Geografia lhe atraem mais? 8c) Descreva uma aula de Geografia que mais tenha marcado você nos últimos tempos. Por que ela lhe marcou? 8 d) Que tema você estava trabalhando?

A importância da geografia para mim é para nós aprendemos como é o mundo. Gosto de estudar os planetas. A aula mais marcante foi quando nós fomos ver filmes, estávamos trabalhando as redes e as cidades.

SUJEITO: (X) ALUNO () PROFESSOR () FUNCIONÁRIO

CÓDIGO:

Sujeito Aluno Colégio Público Federal 05

1 Enquanto Sujeito Aluno qual é a verdadeira importância de estar presente hoje na Escola?

O aluno é identidade para a escola. Sem o aluno na escola não haveria motivo para existência dela.

2) Ao comparar a escola com outro lugar. Com que lugar a escola se parece para ti? Por quê? 2b) Você possui que tipo de sentimento com esse lugar? (você sente que escola pertence a sua identidade?) 2c) Descreva a escola. A escola é um lugar que _____ ...

A escola se parece para mim com a o meu bairro. No meu bairro eu tenho várias pessoas com suas identidades que formam tipos. E cada pessoa tem a sua casa, que é o centro maior de sua identidade junto com outras pessoas que habitam a sua casa. E esta característica eu posso encontrar em casa turma. A turma é a nossa segunda família. Por estes motivos que a escola se parece com meu bairro, no meu bairro eu tenho minha origem do conhecimento e dos sentimentos. A escola é um lugar que aprendemos, criamos uma identidade e uma rede da vida com amigos e experiências.

3 É suficiente o tempo que você na escola? Por quê? Gostaria de passar mais ou menos tempo? Por quê? 3a) Em que outro lugar gostaria de estar neste período? Por quê?

O tempo é suficiente para a minha aprendizagem e para minha formação de

<p>sociedade. Não gostaria de passar mais tempo, já é suficiente. Com as pessoas que eu gosto, elas fazem o papel da escola para mim também.</p>
<p>4 A escola é apenas uma fase na sua vida, ou não? Por quê? O tempo que fica na escola é suficiente para que você sinta um sentimento de pertencimento, ou não? A escola é um ambiente de trabalho/estudo, ou não? Por quê?</p>
<p>Passo tempo suficiente na escola para eu aprender e criar opiniões. Neste tempo crio a opinião que a escola é um ambiente de estudos, porque é isso que nós aprendemos e no trabalho mostramos os resultados deste aprendizado.</p>
<p>5 Quais são os valores que você conheceu/adquiriu através da escola?</p>
<p>O principal valor que adquiri foi de conhecimento e entender como eu pertencço ao mundo.</p>
<p>6 Qual é a importância da escola para a sua cidade, seu estado, seu país? Qual é a importância da sua cidade, seu estado, seu país para sua escola?</p>
<p>-</p>
<p>8 Qual é a importância da Geografia para você? 8b) Que conteúdos da Geografia lhe atraem mais? 8c) Descreva uma aula de Geografia que mais tenha marcado você nos últimos tempos. Por que ela lhe marcou? 8 d) Que tema você estava trabalhando?</p>
<p>A Geografia é importante para mim, através dela eu posso formar uma opinião sobre os acontecimentos do planeta. E crio minha própria identidade. Os conteúdos de Geografia que mais me atraem são a história dos continentes e países, clima, política e economia. Uma aula me marcou porque eu não pude aprender como eu esperava. A minha turma não colaborou. Eu aprendi mais estudando por minha conta própria.</p>

<p>SUJEITO: (X) ALUNO () PROFESSOR () FUNCIONÁRIO CÓDIGO: Sujeito Aluno Colégio Público Federal 06</p>
--

1 Enquanto Sujeito Aluno qual é a verdadeira importância de estar presente hoje na Escola?
Toda importância, nós aprendemos muito e garantimos um futuro melhor. Ainda mais agora que até pra recolher lixo é necessário estudo.
2) Ao comparar a escola com outro lugar. Com que lugar a escola se parece para ti? Por quê? 2b) Você possui que tipo de sentimento com esse lugar? (você sente que escola pertence a sua identidade?) 2c) Descreva a escola. A escola é um lugar que _____ ...
Para mim a escola pode ser facilmente comparada com um zoológico. Animais irracionais e famintos. Famintos é a palavra-chave. Porque as daqui não parecem pensar e é como se não tivesse saída. Sinto sim, sentimento de repulsa. Ainda acho que o meu antigo colégio é que faz parte da minha identidade e esse jamais fará. A escola é um lugar que estudamos.
3 É suficiente o tempo que você na escola? Por quê? Gostaria de passar mais ou menos tempo? Por quê?3a) Em que outro lugar gostaria de estar neste período?Por quê?
É mais do que suficiente, é assustador. Eu não apenas gostaria, como amaria se tivesse menos aulas. Eu gostaria de estar no shopping em casa ou com os amigos.
4 A escola é apenas uma fase na sua vida, ou não? Por quê? O tempo que fica na escola é suficiente para que você sinta um sentimento de pertencimento, ou não? A escola é um ambiente de trabalho/estudo, ou não? Por quê?
É uma fase sim, uma fase muito importante, porque aqui e agora eu vou aprender coisas para vida toda. Eu não tenho sentimento pela escola. Óbvio que é um ambiente de trabalho e estudo, ela foi feita com esta intenção.
5 Quais são os valores que você conheceu/adquiriu através da escola?
Eu aprendi que as pessoas são diferentes e eu tenho que respeitar isso.
6 Qual é a importância da escola para a sua cidade, seu estado, seu país? Qual é a importância da sua cidade, seu estado, seu país para sua escola?
Ambos são importantes, um para o outro, a escola nos ensina is valores do mundo e o mundo nos mostra como funciona.

8 Qual é a importância da Geografia para você? 8b) Que conteúdos da Geografia lhe atraem mais? 8c) Descreva uma aula de Geografia que mais tenha marcado você nos últimos tempos. Por que ela lhe marcou? 8 d) Que tema você estava trabalhando?

Aprender as localizações. A exportação do café, amava a professora. A que fomos para rua e colocamos gelo num copo. Foi bem interessante, o tema era aquecimento global.

SUJEITO: (X) ALUNO () PROFESSOR () FUNCIONÁRIO

CÓDIGO:

Sujeito Aluno Colégio Público Federal 07

1 Enquanto Sujeito Aluno qual é a verdadeira importância de estar presente hoje na Escola?

Porque vemos nas ruas o resultado do que as pessoas que vão a escola passam. Por isso que é tão importante a ida a escola.

2) Ao comparar a escola com outro lugar. Com que lugar a escola se parece para ti? Por quê? 2b) Você possui que tipo de sentimento com esse lugar? (você sente que escola pertence a sua identidade?) 2c) Descreva a escola. A escola é um lugar que _____ ...

Para mim a escola parece um zoológico. Com todos esses animais, essas câmeras e salas de aulas, parece que estamos presos como animais. Sinto ódio, a escola não pertence a minha identidade, é um lugar que eu odeio estar.

3 É suficiente o tempo que você na escola? Por quê? Gostaria de passar mais ou menos tempo? Por quê? 3a) Em que outro lugar gostaria de estar neste período? Por quê?

É mais do que suficiente. Porque como se já não bastassem as manhãs, temos que ficar a tarde. Qualquer lugar, em casa com os amigos.

4 A escola é apenas uma fase na sua vida, ou não? Por quê? O tempo que fica na escola é suficiente para que você sinta um sentimento de

pertencimento, ou não? A escola é um ambiente de trabalho/estudo, ou não? Por quê?
Não, apesar de não gostar da escola, ela faz parte da minha vida, assim com as todas as pessoas, pois mesmo depois di tempo de colégio, sempre conhecemos alguém que esteja na escola, ou sejam ela nunca vai sair de nossas vidas. A escola é um ambiente de trabalhos e também de estudos.
5 Quais são os valores que você conheceu/adquiriu através da escola?
De ter um pouco mais de responsabilidade.
6 Qual é a importância da escola para a sua cidade, seu estado, seu país? Qual é a importância da sua cidade, seu estado, seu país para sua escola?
-
8 Qual é a importância da Geografia para você? 8b) Que conteúdos da Geografia lhe atraem mais? 8c) Descreva uma aula de Geografia que mais tenha marcado você nos últimos tempos. Por que ela lhe marcou? 8 d) Que tema você estava trabalhando?
Não sei bem, mas adoro geografia. Todos me atraem atenção, porque a geografia é facilmente compreendida. Uma aula que me marcou foi quando o professor nos mostrou o derretimento das calotas polares numa experiência no pátio da escola, era sobre aquecimento global.

SUJEITO: (X) ALUNO () PROFESSOR () FUNCIONÁRIO CÓDIGO: Sujeito Aluno Colégio Público Federal 08
1 Enquanto Sujeito Aluno qual é a verdadeira importância de estar presente hoje na Escola?
Temos que nos preparar para o mercado de trabalho, nos dedicar e frequentar as aulas e estudar.
2) Ao comparar a escola com outro lugar. Com que lugar a escola se parece para ti? Por quê? 2b) Você possui que tipo de sentimento com esse lugar? (você sente que escola pertence a sua identidade?) 2c) Descreva a escola. A

escola é um lugar que _____ ...
A escola se parece com uma prisão, com regras, uniforme, gente mandando em nós e etc.. Mas às vezes parece nossa casa, graças aos nossos amigos. Sim, tenho sentimento de pertencimento, pois passo mais tempo aqui do que em casa. A escola é um lugar que muitas vezes é chato, mas ensina também.
3 É suficiente o tempo que você na escola? Por quê? Gostaria de passar mais ou menos tempo? Por quê?3a) Em que outro lugar gostaria de estar neste período?Por quê?
É muito exagerada na quantidade de tempo, queria ficar menos aqui. Gostaria de estar em casa e poder descansar e fazer os trabalhos.
4 A escola é apenas uma fase na sua vida, ou não? Por quê? O tempo que fica na escola é suficiente para que você sinta um sentimento de pertencimento, ou não? A escola é um ambiente de trabalho/estudo, ou não? Por quê?
Não, é uma passagem que fica na nossa vida. Sim, é suficiente, e é um lugar de estudo e trabalho, porque cansa muito.
5 Quais são os valores que você conheceu/adquiriu através da escola?
Conviver com as pessoas, ter compromissos e responsabilidades.
6 Qual é a importância da escola para a sua cidade, seu estado, seu país? Qual é a importância da sua cidade, seu estado, seu país para sua escola?
A importância da escola é fornecer pessoas instruídas e bem preparadas. A da cidade etc. é fornecer cidadãos para estudar na escola.
8 Qual é a importância da Geografia para você? 8b) Que conteúdos da Geografia lhe atraem mais?8c) Descreva uma aula de Geografia que mais tenha marcado você nos últimos tempos. Por que ela lhe marcou? 8 d) Que tema você estava trabalhando?
Sinceramente? Nenhuma! Nada, não gosto de geografia. Descrever o caminho da minha casa até algum lugar. Marcou porque eu não sabia fazer o caminho, estudávamos sobre as cidades.

SUJEITO: (X) ALUNO () PROFESSOR () FUNCIONÁRIO

CÓDIGO:

Sujeito Aluno Colégio Público Federal 09

1 Enquanto Sujeito Aluno qual é a verdadeira importância de estar presente hoje na Escola?

Eu acho muito importante estar presente na escola, pois hoje em dia, todos os trabalhos nos pedem inteligência e as pessoas só contratam pessoas que tenham o ensino médio completo.

2) Ao comparar a escola com outro lugar. Com que lugar a escola se parece para ti? Por quê? 2b) Você possui que tipo de sentimento com esse lugar? (você sente que escola pertence a sua identidade?) 2c) Descreva a escola. A escola é um lugar que _____ ...

A escola pra mim se parece com a minha própria casa, pois é nela que passo a maior parte do meu dia, e tenho colegas, amigos, que são como uma família; além disso, em casa meus pais me educam, e me ensinam coisas desde quando eu era bebê, na escola também é assim, os professores ensinam desde a primeira série. Gosto muito da escola, pois ela me deixa cada vez mais, com sabedoria e é lá que tenho quase todos os meus amigos. Eu já me acostumei com a escola e pra mim ela faz parte da minha identidade.

3 É suficiente o tempo que você na escola? Por quê? Gostaria de passar mais ou menos tempo? Por quê? 3a) Em que outro lugar gostaria de estar neste período? Por quê?

O tempo que passo na escola é suficiente, pois nesse tempo eu consigo aprender os conteúdos e me divertir com meus amigos. Acho que o tempo que passo na escola é suficiente, não queria passar mais, nem menos tempo na escola. Se eu não precisasse ir à escola, gostaria de passar todo esse tempo em um clube, com os meus amigos.

4 A escola é apenas uma fase na sua vida, ou não? Por quê? O tempo que fica na escola é suficiente para que você sinta um sentimento de pertencimento, ou não? A escola é um ambiente de trabalho/estudo, ou não? Por quê?

Não porque por mais que um dia eu saía da escola, as recordações ficaram guardadas na minha mente por toda minha vida, e as amizades continuam mesmo depois da escola. Sim, pois estou nela desde quando era pequeno, e sinto falta dela às vezes nas férias. Sim, ela é o lugar de estudo e de trabalho, pois temos de ir sempre fazer provas, trabalhos, temas... É como se fosse o nosso trabalho.

5 Quais são os valores que você conheceu/adquiriu através da escola?

Coleguismo, conhecimento e respeito...

6 Qual é a importância da escola para a sua cidade, seu estado, seu país? Qual é a importância da sua cidade, seu estado, seu país para sua escola?

A escola é muito importante para a cidade, pois os habitantes dela estudam na escola. Uma cidade sem escola não é muito boa. A cidade é muito importante para escola porque os alunos moram na cidade, além disso a escola está localizada na cidade, no estado e no país.

8 Qual é a importância da Geografia para você? 8b) Que conteúdos da Geografia lhe atraem mais? 8c) Descreva uma aula de Geografia que mais tenha marcado você nos últimos tempos. Por que ela lhe marcou? 8 d) Que tema você estava trabalhando?

A geografia é muito importante, assim como as outras matérias. Graças à geografia sabemos nos localizar, sabemos coisas sobre os outros países e continentes. Eu gosto mais de estudar a geografia de outros continentes (principalmente Europa). Gostei de muitas aulas, pois todos nós fazíamos algo diferente, mas a que eu mais gostei foi uma que nós fomos pra rua e com um barbante formamos uma grande rede, ligando uns colegas aos outros.

<p>SUJEITO: () ALUNO () PROFESSOR (x) FUNCIONÁRIO</p> <p>CÓDIGO:</p> <p>Sujeito Funcionário Colégio Público Federal 01</p>
<p>1 Enquanto Sujeito Aluno qual é a verdadeira importância de estar presente hoje na Escola?</p>
<p>Acho que tu pegaste a pessoa um pouco errada, meu horário é das 8 às 14hs, e eu amo de paixão estar na escola, eu acho muito saudável.</p>
<p>2 Ao comparar a escola com outro lugar. Com que lugar a escola se parece para ti? Por quê? 2b) Você possui que tipo de sentimento com esse lugar? (você sente que escola pertence a sua identidade?) 2c) Descreva a escola. A escola é um lugar que _____ ...</p>
<p>Minha casa – é minha casa – é difícil uma palavra só, mas acho que seria aprendizagem.</p>
<p>3 É suficiente o tempo que você na escola? Por quê? Gostaria de passar mais ou menos tempo? Por quê? 3a) Em que outro lugar gostaria de estar neste período? Por quê?</p>
<p>A escola é uma fase na vida de uma pessoa. Só valorizamos o tempo depois, saímos. O terceiro ano vem aqui e passa muito tempo. Estudar só por estudar, pra quem vem a escola não é suficiente. E só valorizamos a escola depois de sair.</p>
<p>4 A escola é apenas uma fase na sua vida, ou não? Por quê? O tempo que fica na escola é suficiente para que você sinta um sentimento de pertencimento, ou não? A escola é um ambiente de trabalho/estudo, ou não? Por quê?</p>
<p>Uma fase, a educação e a importância de viver nesse espaço.</p>
<p>5 Quais são os valores que você conheceu/adquiriu através da escola?</p>
<p>Os alunos não valorizam como a gente tenta passar pra eles, principalmente o material, a conservação a importância... as vezes levamos anos pra conseguir</p>

<p>uma estante, eles picham, os alunos não tem um espaço próprio pra eles... eles vem prá Ca porque tem sofazinho... mas não cuidam muito.</p>
<p>6 Qual é a importância da escola para a sua cidade, seu estado, seu país? Qual é a importância da sua cidade, seu estado, seu país para sua escola?</p>
<p>É a base de tudo, a educação é fundamental e é através da educação que se vai seguir adiante. A importância seria deles alavancarem a educação, valorizar a profissão.</p>
<p>8 Qual é a importância da Geografia para você? 8b) Que conteúdos da Geografia lhe atraem mais? 8c) Descreva uma aula de Geografia que mais tenha marcado você nos últimos tempos. Por que ela lhe marcou? 8 d) Que tema você estava trabalhando?</p>
<p>Eu lembro que eu tinha várias trabalha com mapa, copiava, cada pontinho, localizava onde era cada capital... No meu tempo quando tinha geografia, não tinha conexão de migração, população... A geografia é muito interessante hoje, mas no meu tempo era tanto.</p>
<p>SUJEITO: (X) ALUNO () PROFESSOR () FUNCIONÁRIO CÓDIGO: Sujeito Aluno Colégio Particular 01</p>
<p>1 Enquanto Sujeito Aluno qual é a verdadeira importância de estar presente hoje na Escola?</p>
<p>Como aluno é imprescindível para tu ter uma formação, tu aprende a ler, Tu aprende a ver o mundo de outra forma, ele se abre, tu sai da escola sabendo mais.</p>
<p>2 Ao comparar a escola com outro lugar. Com que lugar a escola se parece para ti? Por quê? 2b) Você possui que tipo de sentimento com esse lugar? (você sente que escola pertence a sua identidade?) 2c) Descreva a escola. A escola é um lugar que _____ ...</p>
<p>Não sei, eu acho que não podemos comparar à um trabalho, porque é meio complicado, o teu trabalho é pra ti conseguir o teu dinheiro, não é pra ti</p>

aprender alguma coisa ou porque tu tá te realizando ali, mas se teu trabalho fosse um lugar que está realizado, depende de caso, tem lugares que trabalha e fica de escanteio.

2c – a escola é um lugar que serve pra tu aprender, discriminar, pra varias coisas, dependo como é o aluno... isso depende das tribos, conforme a tribo que tu é serve para tal coisa.

3 É suficiente o tempo que você na escola? Por quê? Gostaria de passar mais ou menos tempo? Por quê? 3a) Em que outro lugar gostaria de estar neste período? Por quê?

Todos os anos de fundamental pra médio acho q sim, acho q No dia a dia não, teria que ser dobrado, pelo menos alguns dias.

4 A escola é apenas uma fase na sua vida, ou não? Por quê? O tempo que fica na escola é suficiente para que você sinta um sentimento de pertencimento, ou não? A escola é um ambiente de trabalho/estudo, ou não? Por quê?

Acredito que sim, a escola pode ser uma fase...

5 Quais são os valores que você conheceu/adquiriu através da escola?

Eu sempre tive como objetivo na faculdade, dar aula... sempre vi meu irmão como exemplo estudando,

6 Qual é a importância da escola para a sua cidade, seu estado, seu país? Qual é a importância da sua cidade, seu estado, seu país para sua escola?

-

8 Qual é a importância da Geografia para você? 8b) Que conteúdos da Geografia lhe atraem mais? 8c) Descreva uma aula de Geografia que mais tenha marcado você nos últimos tempos. Por que ela lhe marcou? 8 d) Que tema você estava trabalhando?

Sinceramente, especifico não lembro de nenhuma, sei lá... fiz cursinho, mas não lembro... a matéria eu sei alguma parte, mas não um momento

especifico...

SUJEITO: () ALUNO (X)PROFESSOR (X) FUNCIONÁRIO

CÓDIGO:

Sujeito Professor Colégio Público Federal 03

1 Enquanto Sujeito Aluno qual é a verdadeira importância de estar presente hoje na Escola?

Como pessoa? Eu acho que tu te propõe a trabalhar num cargo de direção, tu tem saber como jogar, e não ficar só com a noticia dos outros. Quando tu assumes um cargo de liderança, tu tens que ser presente, pra analisar as atitudes, tuas ações e para reconhecimento daquilo que tu estas gerenciando e para avaliação das tuas atitudes.

2 Ao comparar a escola com outro lugar. Com que lugar a escola se parece para ti? Por quê? 2b) Você possui que tipo de sentimento com esse lugar? (você sente que escola pertence a sua identidade?) 2c) Descreva a escola. A escola é um lugar que _____ ...

É outro lugar... É como se fosse uma firma, só que sem aquela competitividade... A gente trabalha muito em conjunto contando com a colaboração de todo mundo, é uma firma, mas sem os benefícios, porque tem coisas que faltam, temos pouca autonomia pra consegue patrocínio pra alguma coisa, pois somos de uma instituição publica... ao mesmo tempo temos que organizar e gerenciar. Como professor a gente tem que fazer empenho, mas eu não tenho a técnica pra realizar esse tipo de atividade... é como uma firma pequena...

<p>3 É suficiente o tempo que você na escola? Por quê? Gostaria de passar mais ou menos tempo? Por quê?3a) Em que outro lugar gostaria de estar neste período?Por quê?</p>
<p>Pra minha função eu acho que faço mais, eu chego 7:30 e saio 8:30, ficamos tempo demais talvez por causa da minha inexperiência, mas eu fico aqui porque gosto, acho que ano que vem poderemos gerenciar melhor esse tempo...</p>
<p>4 A escola é apenas uma fase na sua vida, ou não? Por quê? O tempo que fica na escola é suficiente para que você sinta um sentimento de pertencimento, ou não? A escola é um ambiente de trabalho/estudo, ou não? Por quê?</p>
<p>Existe um sentimento de pertencimento, e até pode ser errado, Às vezes me questiono... Não é que me sinta dona do colégio... O sentimento de pertencimento não que é que tu cumpres teu horário e sair fora, vai embora... O colégio me absorver, mesmo fora penso muito na escola... Como conseguir material, como melhor tal estrutura... E digo, absorver, sem interpretar como negativo... Às vezes até dá problema, minhas filhas reclamam que passo mais tempo pensando no colégio que me dedicando a família, mas não acho q esse movimento de as vezes 10 horas seja negativo...</p>
<p>5 Quais são os valores que você conheceu/adquiriu através da escola?</p>
<p>Eu acho que aprender o mais importante é o relacionamento, a gente aprende tanto quanto aluna, como professora, como diretora, tu aprende a defender as opiniões, a tentar te relacionar de uma forma mais saudável possível, sem impor nada... É um trabalho, um exercício... Se eu tiver que dar aula pensando naqueles colegas chatos, alunos chatos, é complicado, é um exercício de respeito.</p>
<p>6 Qual é a importância da escola para a sua cidade, seu estado, seu país? Qual é a importância da sua cidade, seu estado, seu país para sua escola?</p>
<p>Eu penso assim, a gente pretende dar uma construção pra aquilo q estar sendo feito... Sem decorar... A gente faz a parte social da aula, que mais tarde na faculdade a gente percebe, no colégio também é muito importante quando</p>

acolhe os estagiários e os professores de formação continuada pra o seu crescimento do inovações. Neste momento o colégio esta sendo importante para a cidade, estado e nação... Levando discussões do cotidiano para a sala de aula.

8 Qual é a importância da Geografia para você? 8b) Que conteúdos da Geografia lhe atraem mais? 8c) Descreva uma aula de Geografia que mais tenha marcado você nos últimos tempos. Por que ela lhe marcou? 8 d) Que tema você estava trabalhando?

Geografia, eu acho q ela importante... A geografia social, geografia econômica que se fala, não só aquela coisa do espaço, tradicional... Nos anos 80 eu ficava morrendo de inveja dos meus alunos que estudam a geografia costurada com a historia... Minha geografia foi muito assim, só pintava o mapa de uma cor não pode pintar de outra... Eu aprendia as coisas de por decreto, é assim porque deus quis... Quando eu tava na quinta série e as capitais de todos os países do mundo... Na casa do meu pai tinha um galpãozinho... E num calor muito forte eu ficava lá decorando as capitais... Só no final do ensino médio, ai sim começou a falar de geografia econômica... Não adianta saber só onde fica o oriente médio... onde ele está... importante saber relacionar, tu tem que estar contextualizando com o que está acontecendo no mundo.

SUJEITO: ALUNO () PROFESSOR () FUNCIONÁRIO

CÓDIGO:

Sujeito Aluno Colégio Particular 04

1 Enquanto Sujeito Aluno qual é a verdadeira importância de estar presente hoje na Escola?

Eu tenho a opinião que o que seria ambiente escolar, objetivo maior tu aprender coisas pra vida, aprender a enfrentar situações, mas agora ta virando muito, escola que prepara para o vestibular, para emprego essas coisas, mas

o mais importante que isso seria o aprendizado, que temos professores especialistas em cada área q nos prepara pra isso.
2 Ao comparar a escola com outro lugar. Com que lugar a escola se parece para ti? Por quê? 2b) Você possui que tipo de sentimento com esse lugar? (você sente que escola pertence a sua identidade?) 2c) Descreva a escola. A escola é um lugar que _____ ...
Comparar com a nossa casa talvez? a escola é um lugar que serve para gente aprender, para educar e também para fazer amizades, um lugar social...
3 É suficiente o tempo que você na escola? Por quê? Gostaria de passar mais ou menos tempo? Por quê?3a) Em que outro lugar gostaria de estar neste período?Por quê?
Acho que está bom se soubermos conciliar as coisas...
4 A escola é apenas uma fase na sua vida, ou não? Por quê? O tempo que fica na escola é suficiente para que você sinta um sentimento de pertencimento, ou não? A escola é um ambiente de trabalho/estudo, ou não? Por quê?
Eu acho que é uma fase que tem um sentimento seria entre estar aqui e não estar, porque eu sei que vou deixar o colégio um dia... minha vida esta muito focada no colégio...
5 Quais são os valores que você conheceu/adquiriu através da escola?
Adquiri respeito com a Escola a respeitar os materiais da escola, que não é fundamental, mas é muito importante...
6 Qual é a importância da escola para a sua cidade, seu estado, seu país? Qual é a importância da sua cidade, seu estado, seu país para sua escola?
A escola prepara a gente a poder servir, mais tarde a sociedade auxilia na forma da escola, é pra isso q ela serve... Depende bastante de onde a gente vive, aqui, por exemplo, é agradável, depende de onde estamos e da cabeça da pessoa...

8 Qual é a importância da Geografia para você? 8b) Que conteúdos da Geografia lhe atraem mais? 8c) Descreva uma aula de Geografia que mais tenha marcado você nos últimos tempos. Por que ela lhe marcou? 8 d) Que tema você estava trabalhando?

A geografia é importante para ter uma ideia do mundo e também se localizar, eu lembro da aula de geografia das escalas... aprender a achar a escala no mapa... é só o que eu consigo me lembrar agora...

SUJEITO: (X) ALUNO () PROFESSOR () FUNCIONÁRIO

CÓDIGO:

Sujeito Aluno Colégio Particular 05

1 Enquanto Sujeito Aluno qual é a verdadeira importância de estar presente hoje na Escola?

Estar presente na escola? Eu acho que nos como aluno é importante estar na escola porque vamos assumir uma profissão no futuro...

2 Ao comparar a escola com outro lugar. Com que lugar a escola se parece para ti? Por quê? 2b) Você possui que tipo de sentimento com esse lugar? (você sente que escola pertence a sua identidade?) 2c) Descreva a escola. A escola é um lugar que _____ ...

Eu acho que podemos comparar com muitas coisas, até com a vida... porque na escola a gente aprende muita coisa, na escola a gente na erra, e teremos que recuperar, por exemplo na vida acontece algumas coisas que temos que superar... Eu acho que a escola é pra mim hoje muita mais além que só aprendizagem porque aqui eu conheci pessoas muito importante pra mim hoje...

3 É suficiente o tempo que você na escola? Por quê? Gostaria de passar mais ou menos tempo? Por quê? 3a) Em que outro lugar gostaria de estar neste

período?Por quê?
Eu acho que o tempo é suficiente... Em relação a disciplina e conteúdo eles dão o necessário, e o tempo que passo com meus amigos é bom...
4 A escola é apenas uma fase na sua vida, ou não? Por quê? O tempo que fica na escola é suficiente para que você sinta um sentimento de pertencimento, ou não? A escola é um ambiente de trabalho/estudo, ou não? Por quê?
Eu acho que pra mim a escola é como uma casa, eu com certeza tenho um sentimento de pertencimento aqui, porque já vivi muitas coisas aqui...
5 Quais são os valores que você conheceu/adquiriu através da escola?
Tanto quanto conhecimento como amizade, como união, tantas coisas q já vivenciei que fizeram uma pessoa melhor...
6 Qual é a importância da escola para a sua cidade, seu estado, seu país? Qual é a importância da sua cidade, seu estado, seu país para sua escola?
A escola é muito importante pra sociedade, porque aqui eu vou ter a minhas primeiras relações com as pessoas... Antes eu era pequena, meus pais eram a minha a vida, aqui eu aprendi a socializar, comecei a estudar, a entender realmente as coisas... Depois que a gente sai da escola, é como se começasse o mundo real... É a mesma coisa! Se a escola forma pra gente ir pra sociedade... A sociedade é importante pra escola porque tu tá na escola pra ir pra sociedade é uma coisa meio complexa...
8 Qual é a importância da Geografia para você? 8b) Que conteúdos da Geografia lhe atraem mais? 8c) Descreva uma aula de Geografia que mais tenha marcado você nos últimos tempos. Por que ela lhe marcou? 8 d) Que tema você estava trabalhando?
A aula que me vem na cabeça agora foi a aula que aprendemos os pontos cardeais, foi na rua até... Aprendemos na quarta série e depois a gente reviu na quinta série a gente foi pra rua e a professora fez onde fica o leste, oeste e norte... Eu acho que a geografia é importante tanto como as outras matérias, porque todas juntas formam a pessoa como ela é... a geografia é importante porque a gente aprende a se localizar, a gente conhece a cultura dos outros países, eu gosto muito de geografia e acho muito importante...

<p>SUJEITO: (X) ALUNO () PROFESSOR () FUNCIONÁRIO</p> <p>CÓDIGO:</p> <p>Sujeito Aluno Colégio Particular 06</p>
<p>1 Enquanto Sujeito Aluno qual é a verdadeira importância de estar presente hoje na Escola?</p>
<p>Eu acho que parte de mim, eu vir pro colégio porque quero aprender, e também pra dar valor ao dinheiro dos meus pais claro! Porque não assim que se consegue pagar um colégio, pra dar valor e também porque penso muito no meu futuro... O valor de estar aqui no colégio é pensar que a vida não está fácil... Tu tens que dar valor, pois o futuro está ao, tu tem que estudar e se esforçar...</p>
<p>2 Ao comparar a escola com outro lugar. Com que lugar a escola se parece para ti? Por quê? 2b) Você possui que tipo de sentimento com esse lugar? (você sente que escola pertence a sua identidade?) 2c) Descreva a escola. A escola é um lugar que _____ ...</p>
<p>Eu acho que não podemos comparar com nenhum outro lugar!</p> <p>A escola é um lugar que ensina e não deixa de ser uma família, me faz criar muitos valores, e é um exemplo de vida...</p>
<p>3 É suficiente o tempo que você na escola? Por quê? Gostaria de passar mais ou menos tempo? Por quê? 3a) Em que outro lugar gostaria de estar neste período? Por quê?</p>
<p>Eu acho suficiente o tempo, porque eu consigo aproveitar esse tempo... eu tenho motivo para querer estudar, às vezes eu não quero, né? Mas, é ver que o tempo eu tenho que aproveitar...</p>
<p>4 A escola é apenas uma fase na sua vida, ou não? Por quê? O tempo que fica na escola é suficiente para que você sinta um sentimento de pertencimento, ou não? A escola é um ambiente de trabalho/estudo, ou não? Por quê?</p>
<p>Tenho pertencimento Porque eu passo a semana inteira aqui, e não vou só</p>

por vir, eu venho porque dou valor, por que acho que é essencial...
5 Quais são os valores que você conheceu/adquiriu através da escola?
Conhecimento! Respeito, amizade também...
6 Qual é a importância da escola para a sua cidade, seu estado, seu país? Qual é a importância da sua cidade, seu estado, seu país para sua escola?
É difícil dizer, Eu acho que mais assim... Tipo... O ensino, fazer o jovem de hoje em dia que vão fazer o futuro... Diferentes... que eles possam dizer que a escola ajudou eles a formar uma sociedade melhor... Eu assim, que a sociedade inteira, tem assim um intuito, mas uma forma que a sociedade também se dizer que ela forma escola, pois ela está fora, mas na verdade ela também está dentro.
8 Qual é a importância da Geografia para você? 8b) Que conteúdos da Geografia lhe atraem mais? 8c) Descreva uma aula de Geografia que mais tenha marcado você nos últimos tempos. Por que ela lhe marcou? 8 d) Que tema você estava trabalhando?
Acho que o mais... Eu não gosto muito de Geografia, vou ser bem sincera... Mas... Eu acho que a Geografia faz a gente ter uma noção da onde nós estamos... Trabalha a localização... Uma aula? Teve uma sobre escala... É importante compreender que a Geografia é importante porque cai no vestibular e pra eu passar de ano.

SUJEITO: (X) ALUNO () PROFESSOR () FUNCIONÁRIO CÓDIGO: Sujeito Aluno Escola Jaguarão 01
1 Enquanto Sujeito Aluno qual é a verdadeira importância de estar presente hoje na Escola?
A importância é de ter um futuro bom...
2) Ao comparar a escola com outro lugar. Com que lugar a escola se parece para ti? Por quê? 2b) Você possui que tipo de sentimento com esse lugar?

(você sente que escola pertence a sua identidade?) 2c) Descreva a escola. A escola é um lugar que _____ ...
Não, porque no colégio a gente tem um tipo de matéria que em outros lugares a gente não aprende. A escola é um lugar que eu aprendo e me divirto ao mesmo tempo.
3 É suficiente o tempo que você na escola? Por quê? Gostaria de passar mais ou menos tempo? Por quê?3a) Em que outro lugar gostaria de estar neste período?Por quê?
Eu acho que é suficiente. Não gostaria de estar em outro lugar, porque eu gosto de vir pra escola porque eu me encontro com os meus amigos. Eu acho que pertencço a escola, mas é temporário.
4 A escola é apenas uma fase na sua vida, ou não? Por quê? O tempo que fica na escola é suficiente para que você sinta um sentimento de pertencimento, ou não? A escola é um ambiente de trabalho/estudo, ou não? Por quê?
É uma fase... A escola é um ambiente de trabalho e estudo, porque cada um tem a sua função aqui.
5 Quais são os valores que você conheceu/adquiriu através da escola?
Acho que a amizade, companheirismo, essas coisas...
6 Qual é a importância da escola para a sua cidade, seu estado, seu país? Qual é a importância da sua cidade, seu estado, seu país para sua escola?
Não sei responder...
8 Qual é a importância da Geografia para você? 8b) Que conteúdos da Geografia lhe atraem mais?8c) Descreva uma aula de Geografia que mais tenha marcado você nos últimos tempos. Por que ela lhe marcou? 8 d) Que tema você estava trabalhando?
Eu gostei da aula que a gente teve que fazer um guia turístico de um país e apresentar pra turma, foi no ano passado...

SUJEITO: () ALUNO (x)PROFESSOR () FUNCIONÁRIO

<p>CÓDIGO:</p> <p>Sujeito Professor Escola Jaguarão 01</p>
<p>1 Enquanto Sujeito Aluno qual é a verdadeira importância de estar presente hoje na Escola?</p>
<p>Eu acredito que seja importante. Como sou supervisora, ainda mais, na função orientar os professores, fazer todo mundo pegar junto. É mais fácil quando um professor organizar, mas complica na hora de organizar os conteúdos.</p>
<p>2) Ao comparar a escola com outro lugar. Com que lugar a escola se parece para ti? Por quê? 2b) Você possui que tipo de sentimento com esse lugar? (você sente que escola pertence a sua identidade?) 2c) Descreva a escola. A escola é um lugar que _____ ...</p>
<p>Comparar a escola com outro espaço? De repente pelo vínculo, eu acho que na escola nós temos que fazer daqui um espaço de respeito. Porque eles vão entender melhor a matéria, e pensar o que eu não quero pra mim que eu não vá fazer pro outro.</p>
<p>3 É suficiente o tempo que você na escola? Por quê? Gostaria de passar mais ou menos tempo? Por quê?3a) Em que outro lugar gostaria de estar neste período?Por quê?</p>
<p>Muitas vezes a gente não faz só supervisão, nós fazemos um pouco de tudo. Tem momento que o tempo é bom, porém, tem momentos que falta tempo, para planejamento, pra questionar, pra pensar... Mas estamos no dia-a-dia, cuidando o aluno que tem certas coisas que a gente releva.</p>
<p>4 A escola é apenas uma fase na sua vida, ou não? Por quê? O tempo que fica na escola é suficiente para que você sinta um sentimento de pertencimento, ou não? A escola é um ambiente de trabalho/estudo, ou não? Por quê?</p>
<p>Eu vejo que a escola é um lugar passageiro, tu fazes o que tem fazer, tu saí e depois te manda. Eu sou professora de quarta série também, e vejo, pelo alunos, depois que não dou mais aula pra eles, nos anos seguintes, eles passam por ti e nem te cumprimentam, então, ainda fico na dúvida se realmente é para sempre esta relação de professor com a aluno e do aluno para com a escola.</p>

5 Quais são os valores que você conheceu/adquiriu através da escola?
SUJEITO: () ALUNO (X)PROFESSOR () FUNCIONÁRIO CÓDIGO: Sujeito Professor Escola Jaguarão 02
1 Enquanto Sujeito Aluno qual é a verdadeira importância de estar presente hoje na Escola?
Assim, eu gosto muito, eu gosto do que eu faço. Eu gosto de estar na escola e em sala de aula. Meu negócio é em sala de aula. Eu dou preferência para os adolescentes. Eu gosto por que eles estão curiosos, e é muito trabalhar como eles.
2) Ao comparar a escola com outro lugar. Com que lugar a escola se parece para ti? Por quê? 2b) Você possui que tipo de sentimento com esse lugar? (você sente que escola pertence a sua identidade?) 2c) Descreva a escola. A escola é um lugar que _____ ...
Comparar? Eu acho que assim a escola não é necessariamente a sala de aula, é só ter um grupo de pessoas, tu não precisa de um quadro...
3 É suficiente o tempo que você na escola? Por quê? Gostaria de passar mais ou menos tempo? Por quê?3a) Em que outro lugar gostaria de estar neste período?Por quê?
Pra minha função é pouco, ou se nos dão pra passar é muita coisa. Eu na parte de matemática nunca consigo vencer todos os conteúdos no final do ano.
4 A escola é apenas uma fase na sua vida, ou não? Por quê? O tempo que fica na escola é suficiente para que você sinta um sentimento de pertencimento, ou não? A escola é um ambiente de trabalho/estudo, ou não? Por quê?
A escola é um lugar pra mim, eu pertencço a este espaço. Às vezes até dizemos aos alunos: olha o que aconteceu na escola, fica na escola... Mas tem coisas que fizemos em casa e trazemos pra escola e muitas vezes levamos trabalho pra casa.
5 Quais são os valores que você conheceu/adquiriu através da escola?
Eu acho que não só na escola, mas o dia-a-dia da gente é um aprendizado.

Eu acho que a palavra valor, esta perdendo o valor, muitas vezes em sala de aula a gente cobra que o aluno tem que ser responsável, ele tem copiar, e ele não copia, o aluno aprovado, aquele estuda parece que está fora de moda. A gente infelizmente estamos perdendo o valor das coisas.

6 Qual é a importância da escola para a sua cidade, seu estado, seu país? Qual é a importância da sua cidade, seu estado, seu país para sua escola?

-

8 Qual é a importância da Geografia para você? 8b) Que conteúdos da Geografia lhe atraem mais? 8c) Descreva uma aula de Geografia que mais tenha marcado você nos últimos tempos. Por que ela lhe marcou? 8 d) Que tema você estava trabalhando?

Eu acho a geografia muito importante, até porque a gente coloca português e matemática na frente, mas assim, a geografia é mesmo a localização! Tem gente que não sabe localizar dentro do próprio país. A geografia pega muito a parte do meio ambiente e eu gosto muito, é uma das disciplinas mais gerais... eu fiz uma pós-graduação em meio ambiente e vi como a geografia é abrangente. Tu sabe que eu tive uma aula de geografia que eu não consegui entender aquela matéria até hoje, é sobre relevos, não sei eu fui eu fui a professora, eu aboli aquilo. Essa parte de relevo eu não entendo até hoje, sou melhor na parte de história que a geografia usa também.

SUJEITO: () ALUNO (x)PROFESSOR () FUNCIONÁRIO

CÓDIGO:

Sujeito Professor de Geografia 02

1 Qual é a importância do material didático?

Eu não estou mais trabalhando com livros, nós fizemos mesmos que não são cópias, Trabalho com eles também com fotos, com mapas, eles pintam o mapa, mas acho isso errado, os alunos deveriam copiar o contorno do mapas, pois assim exercem a memória.

2) Lembra de aula com material didático?

É muito difícil eles usarem o material. Eu desisti do mapa, eu desisti do livro eles nunca fazem o trabalho como tu manda fazer...

4 A escola é apenas uma fase na sua vida, ou não? Por quê? O tempo que fica na escola é suficiente para que você sinta um sentimento de pertencimento, ou não? A escola é um ambiente de trabalho/estudo, ou não? Por quê?

6 Qual é a importância da escola para a sua cidade, seu estado, seu país? Qual é a importância da sua cidade, seu estado, seu país para sua escola?

A importância é primordial, depois da família a coisa mais importante é a escola. A gente não tem uma coisa importante para segurança.

Tu eras mandado a usar o papel vegetal e copiar o mapa, e eu adorava, porque eu decorei cada mapa e aprendia tudo. Aqui eles não têm a noção que dentro da América do Sul eu tenho o Brasil, que eu ao atravessar a pontezinha estou em outro país, isso falta pra eles. Eu acho tão importante a noção de cultura, história e geografia. Para mim saber isso, é saber muito. Para eles, geografia não tem a menos importância, só importa, e eles não gostam da matemática, não sabem como é bom conversar com um essa cultura. Tu tá dando aula, e o livro não tem objetivo, isso desmotiva e me preocupa. Porque eles não apresentam interesse algum, isso me deixa doente! Que triste!